UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RAFAEL DE OLIVEIRA FALASCO

A EXPRESSÃO DA CULTURA NOBILIÁRQUICA NOS LIVROS DE VIAGENS MEDIEVAIS

FRANCA
2012

RAFAEL DE OLIVEIRA FALASCO

A EXPRESSÃO DA CULTURA NOBILIÁRQUICA NOS LIVROS DE VIAGENS MEDIEVAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Profª. Dra. Susani Silveira Lemos França

FRANCA

2012

Falasco, Rafael de Oliveira
A expressão da cultura nobiliárquica nos livros de viagens medievais / Rafael de Oliveira
Falasco. –Franca : [s.n.], 2012
103 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Susani Silveira Lemos França

1. Idade Média – História. 2. Nobreza – Descrições e viagens. 3. Ibérica, Península (Espanha e Portugal). I. Título.

CDD – 940.1

RAFAEL DE OLIVEIRA FALASCO

A EXPRESSÃO DA CULTURA NOBILIÁRQUICA NOS LIVROS DE VIAGENS MEDIEVAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista ―Júlio de Mesquita Filho‖, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História e Cultura.
Orientadora: Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Profª. Dra. Susani Silveira Lemos França

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, _____ de _____ de 2012.

Para meus amigos

AGRADECIMENTOS

A valorização pessoal e profissional conquistada com a elaboração deste trabalho ficou a dever-se a um conjunto de pessoas a quem se torna imprescindível agradecer:

Em primeiro lugar, agradeço à Profª. Dra. Susani Silveira Lemos França. Se não tivesse podido contar com seu saber, seu estímulo e a sua permanente disponibilidade na sua orientação da pesquisa, tenho por certo que jamais a teria concluído.

À minha família, agradeço o carinho, o incentivo, a inspiração e os bons exemplos daqueles que me apoiaram incondicionalmente ao longo de todos esses anos.

Agradecimento especial e declaração de saudade eterna para a república Petronilha e seus integrantes: Ciro Chiarelli, Yan Luz, Prof. Dr. Genaro Fonseca e Profª. Dra. Vânia Martino.

Agradecimento especial para Rafael Afonso Gonçalves e Ana Carolina Viotti, casal de pesquisadores exemplares, por todo o apoio e incentivo neste longo trajeto.

Aos amigos Gabriel Fortes de Oliveira, Matheus Porto de Marchi, Paulo Fornazza e Vitor Mortara sou devedor da hospitalidade com que me receberam em suas respectivas casas durante as minhas viagens.

Por suas variadas e importantes contribuições, meus sinceros agradecimentos: Ana Elisa Gazzola, Basile Martin, Bruno Barrella, Caio Zerbini, Camila Stenico, Carolina Marques, Conrado Pereira, Cinthia Pucci, Dona Sueleni Vitorelli, Evelyn Marchetti, Felipe Narita, Frederico Alfier, Héctor Crepaldi, Henrique Pompermaier, Íbero Martin, Leonardo Myai, Lucas Vicente, Luiza Manzutti, Luiza Sá, Maurício Vianna, Mauro Godoy, Renato Ríos, Rodolfo Pereira, Sofia Rousseaux e Ulisses Lampazzi.

Aos companheiros do Seminário de Pesquisa e do Programa de Pós-Graduação.

À professora Denise Aparecida Moura e ao professor Ricardo Ferreira pelas leituras e sugestões no exame de qualificação.

À CAPES, pela bolsa concedida.

No man becomes a hero in his own home.

Francis Rogers

FALASCO, Rafael de Oliveira. **A expressão da cultura nobiliárquica nos livros de viagens medievais**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, Universidade Estadual Paulista ―Júlio de Mesquita Filho‖, Campus de Franca. 2012.

RESUMO

Após a guerra civil que depôs Pedro, o Cruel, e a ascensão de Enrique II de Trastâmara, o reino de Castela testemunhou intensas modificações nos quadros da aristocracia senhorial. A análise dos tempos de Enrique II até Enrique IV, passando pelo conturbado reinado de Juan II, demonstra o estabelecimento de uma nova nobreza, que pôs em cena novas práticas dentro das relações de poder do período. Entre essas novas práticas, as viagens e seu registro são fundamentais, de onde se explica o notável aparecimento de quatro livros de viagens na primeira metade do século XV. Contendo repertórios e itinerários distintos, como embaixadas, guerras marítimas e visitas ao Oriente onírico, estas obras chamam a atenção pelo fato de todas possuírem fidalgos de Castela e de Portugal como protagonistas. Nesse sentido, a presente pesquisa procurou pensar de que forma se deu a associação entre essa fidalguia e a viagem no período, buscando situar os viajantes na nova "nobreza de serviço", assentada na gravitação em torno do rei e na busca por prestígio através da assistência na administração régia. Em suma, a análise das obras *Embajada à Tamorlán*, *El Victorial*, *Andanças e Viajes de um hidalgo español* e o *Libro del Infante D. Pedro de Portugal* tem como objetivo tentar entender de que forma a literatura de viagens pôde ser compreendida como uma expressão da cultura nobiliárquica imediatamente anterior à ascensão dos Reis Católicos.

Palavras-chave: Nobreza. Livros de Viagens. História Medieval da Península Ibérica. Cultura Nobiliárquica.

ABSTRACT

After the civil war that deposed Pedro the Cruel, and the rise of Henry II of Trastámara, the kingdom of Castile witnessed intense modifications in the charts of the manorial aristocracy. The analysis of the times of Henry II to Henry IV, passing through the troubled reign of Juan II, demonstrates the rise of a new nobility, structured in new practices within the power relations of the period. It is also remarkable the appearance of four travel books in the first half of the fifteenth century. Containing different repertoires and itineraries, as embassies, maritime wars and visits to the marvelous Orient these works call our attention to the fact that they all have noblemen of Castile and Portugal as protagonists. Therefore, the following research tried to think of how the nobility and the trip in that period are associated, attempting to situate the travelers in the new "service nobility", characterized by the gravitation around the king and the search for prestige through assistance in the royal administration.
To briefly summarize, the analysis of the works *Embajada à Tamorlán*, *El Victorial*, *Andanças e Viajes de um hidalgo español* and the *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, will contribute to understand how the travel literature can be understood as an expression of the nobility culture immediately preceding the ascension of the Catholic Kings.

Key words: Nobility. Travel Books. Medieval History in the Iberian Peninsula. Nobility Culture.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10

CAPÍTULO 1
A NOBREZA DE SERVIÇO VIAJANTE 16
1.1 Os motivos das viagens 17
1.2 Os Trastâmara e a nobreza de serviço 32

CAPÍTULO 2
OS ITINERÁRIOS PERCORRIDOS 42
2.1 Os assuntos de fé 42
2.2 Os assuntos de poder 55

CAPÍTULO 3
A EXALTAÇÃO À NOBREZA 67
3.1 O ideal cavaleiresco 67
3.2 A devoção dos viajantes 80
3.3 As virtudes e o serviço 84

CONSIDERAÇÕES FINAIS 93

REFERÊNCIAS 97

APRESENTAÇÃO

O deslocamento geográfico fez parte da dinâmica ocidental desde os primórdios da Idade Média. Por diversas razões, tais como a peregrinação, as guerras, as imposições climáticas e os atrativos comerciais, reis, nobres, camponeses, clérigos e mercadores percorriam variados caminhos para variados destinos. Misturando-se motivos mundanos e espirituais, relatos orais datados do século X e XI passaram para a forma escrita como guias de viagem[1] nos séculos seguintes. Com as progressivas peregrinações e cruzadas para o Oriente, os pormenores das viagens ganharam interesse a partir do momento em que o itinerário da ida passou a ser pensado com certa autonomia em relação às descrições dos lugares santos, dando origem àquilo que Jean Richard e outros chamaram de narrativas de viagem.[2] A partir deste momento, o gênero literário dos livros de viagens conseguiu alcançar uma significativa circulação e os relatos sobre rotas de peregrinação, as maravilhas do Oriente e os reinos longínquos acabaram por alimentar e fomentar um repertório em sintonia com os gostos que se formaram no período.[3]

A península ibérica não ficou imune ao gosto pelas narrativas e, logo na segunda metade do século XIV, por iniciativa régia ou senhorial, já é possível rastrear a importação e circulação das obras de Marco Polo e Jean de Mandeville.[4] Data também deste período uma das mais significativas contribuições castelhanas para este gênero, que foi a produção do *Libro del conosçimiento de todos los Reynos e tierras e señorios*, possivelmente escrito por um anônimo franciscano e que é representativo da "confluência de conhecimentos colhidos na tradição oral e na ciência livresca".[5] Já no alvorecer no século XV, o gênero ganha fôlego na península, mais intensamente em Castela, quando aparecem quatro relatos: a descrição de uma embaixada, uma campanha militar, uma aventura curiosa e outra fabulosa.

Entre maio de 1403 e até maio de 1406, foram mandados os embaixadores Ruy Gonzáles de Clavijo, Alfonso de Santamaría e Gomez de Salazar em uma longa jornada para Samarcanda, onde hoje está o Uzbequistão. Enviados por Enrique III de Castela em uma

---

[1] RICHARD, J. **Les récits de voyage et de pèlerinage**. Tunhout 1981. p. 15-16.
[2] Ibidem. p. 18-33.
[3] Sobre este aspecto, é interessante notarmos o fortalecimento do gosto pelo maravilhoso, como é possível encontrarmos na obra LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.
[4] TOVAR, Joaquim Rubio. **Libro españoles de viajes medievales**. Madri: Taures, 1986.
[5] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 27.

missão diplomática, talvez a mais "exótica" de todo o medievo,[6] a embaixada projetava uma aliança com Tamerlão, cujo império se estendia pela Ásia do Oeste e Central e que tinha como projeto restaurar o antigo império de seu predecessor Gengis Khan, grande conquistador mongol dos séculos XII e XIII.

A empresa aconteceu nos momentos finais da vida do chefe guerreiro asiático. Com a morte de Tamerlão em Samarcanda no ano de 1405, os embaixadores se viram obrigados a retornar para Castela sem efetivar a intenção do rei de Castela de aliança contra os turcos. Por outro lado, esta expedição, ao menos no que diz respeito ao legado escrito, não foi de todo infrutífera, pois dela resultou um importante relato da ida, da permanência e da turbulenta volta de Ruy Gonzalez de Clavijo, cavaleiro de origem madrilena.[7] Conhecido como *Embajada à Tamorlán*, a sua forma final data do retorno da comitiva, em 1406.

Já o outro contributo veio de Gutierre Díez de Games, alferes e escrivão de Pero Niño, conde de Buelna. Esse alferes narrou a história de seu senhor no livro *El Victorial* em variados momentos até receber sua versão final em 1453. Em uma narrativa que oscila entre o registro cronístico biográfico cavaleiresco e as "textualizações da viagem, de cujos caracteres distintivos também participam",[8] Games relata as expedições militares capitaneadas por seu senhor em águas mediterrânicas e atlânticas ocorridas entre 1403 e 1406, compondo um interessante itinerário que mesclou o deslocamento com o enaltecimento do herói. Assim como a embaixada de Clavijo, o rei Enrique III esteve por trás da iniciativa de colocar a esquadra sob comando do então fidalgo cavaleiro, que mais tarde seria encimado conde de Buelna.

De natureza diferente é o outro relato aqui em questão, o de Pero Tafur. Partindo de Sevilha, Tafur realizou uma longa viagem pelo Oriente e pelo Ocidente entre os anos de 1436 e 1439. Converteu-se em narrador de suas experiências apenas quinze anos depois, em 1454, com a produção do livro conhecido como *Andanças e viajes de Pero Tafur por diversas partes del mundo ávidos*. Ao contrário dos motivos das viagens acima mencionadas, Tafur justifica o seu périplo a partir dos proveitos que o próprio ato de viajar pode propiciar:

> Da prática[9] de viajar para terras estrangeiras um homem pode razoavelmente esperar obter proveito naquilo que a proeza demanda assim engrandecendo os

[6] LABARGE, Margaret Wade. **Medieval Travellers: The rich and restless**. London: Phoenix, 2005. p. 151.
[7] CLAVIJO, Ruy González de. **Embajada a Tamorlán**. Ed. de Francisco López Estrada. Madri: Editorial Castalia, 1999. p. 30.
[8] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 29.
[9] Todas as citações diretas efetuadas a partir de obras originalmente em língua estrangeira foram traduzidas por nós.

> corações dos fidalgos, pois sem serem conhecidos, os é imposto trabalhos e proezas, como que desejando por mostrar por obras quem foram seus ancestrais, quando somente por próprias façanhas pode ser ele conhecido pelas gente estrangeira. E se por boa fortuna ele escapa dos perigos do caminho e retorna para sua terra nativa uma vez mais, ele pode, de sua experiência das diferentes formas de governo e das contrastantes qualidades das várias nações, adquirir conhecimento do que é mais proveitoso para a coisa pública e estabelecimento dela [...] Eu, possuindo o tempo e a oportunidade de visitar várias partes do mundo, parti em minha jornada em busca destes fins.[10]

No prólogo acima, Tafur deixa claro como a ligação do fidalgo com o estatuto de viajante pode ser favorável, como será igualmente reafirmado no *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, pequeno livro de viagens, onde Goméz de Santisteban narra a jornada de seu senhor, o infante Pedro, filho do rei João I de Portugal, pelo Oriente. A peculiaridade da trajetória desta narrativa reside no distanciamento entre a conhecida viagem realizada pelo infante no contexto da legitimação da coroa de Avis, nos anos de 1425 e 1428, e a escrita do livro na década de 1460, feita a mando do condestável Pedro, filho do viajante, que após a morte de seu pai em Alfarrobeira, partiu em exílio para Castela. Sendo a aventura espacial marcada pela visita às principais cortes europeias e a posterior aventura literária centrada no Oriente maravilhoso das amazonas, São Tomé e o Preste João, esta obra representa a tentativa de reabilitação da memória do infante através da sua ligação com a viagem a destinos oníricos e fabulosos.

Com temas, destinos e razões diversas, os quatro livros de viagens, únicos exemplos do gênero na primeira metade do século XV ibérico, são aqui analisados como um conjunto por contarem histórias de protagonistas que compartilham o sangue nobre. Dessa forma, unidos e pensados a partir dessa ótica, o objetivo principal da presente pesquisa é refletir sobre a forma como os livros de viagens acima expostos formam uma interessante expressão da cultura nobiliárquica medieval.

A essa interrogação condutora, porém, apresentaram-se alguns obstáculos a serem superados. O maior deles estava em tentar pensar conjuntamente obras com conteúdos tão diferentes entre si, ao mesmo tempo em que não podíamos deixar de lado a própria característica singular de cada fonte, como data de escrita, autor e etc. Outro problema foi abarcar um conturbado período de constante luta entre monarquia e nobreza. Buscando enfrentar esses desafios, algumas hipóteses nortearam este trabalho. Em linhas gerais, foram delineadas três possibilidades diversas.

---

[10] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 15.

A primeira delas estava em se pensar a literatura de viagens como uma resistência contra a centralização régia. Principalmente interessada em entender as raízes políticas do Absolutismo na Idade Média, a maior parte da bibliografia produzida sobre o século XV frisa a polarização política em Castela e em menor grau em Portugal. De um lado, a monarquia intensifica a centralização do poder em torno de si, enquanto encontra resistências por parte da nobreza, o que muitas vezes levava ao derramamento de sangue em grandes batalhas. Na história castelhana, essas conturbações alcançariam o ápice durante as contendas entre Álvaro de Luna e os Infantes de Aragão, enquanto, em Portugal, a luta opunha o regente Pedro, duque de Coimbra, e o duque de Bragança. Dessa forma, a literatura de viagens teria aparecido como uma ferramenta utilizada por uma aristocracia preocupada em fazer oposição contra as pretensões autoritárias do rei.

A segunda hipótese se baseava na ideia de que os livros de viagens seriam apenas continuações de uma tradição livresca, e não haveria propriamente uma ligação entre a produção deste tipo de literatura e as lutas entre os poderes. Dessa forma, os autores trabalham o surgimento dos livros de viagem na península ibérica fundamentando o aparecimento dessas expressões como o resultado de uma longa linha de narrativas que vinham surgindo desde tempos remotos e que tinham alcançado uma grande circulação no século XIV, com os relatos das viagens de Mandeville e Marco Polo, entre outros. Essa abordagem pode ser questionada por tender a minimizar o fato de os protagonistas serem fidalgos e a enfatizar a expressão de uma cultura letrada quase independente dos jogos de poder, situada em uma trama de correntes literárias da qual são resultado.

A terceira e última hipótese contemplada refletia se a literatura de viagem era a marca do comprometimento da fidalguia com a causa monárquica, que desde a ascensão da dinastia Trastâmara vinha se cercando de uma "nova nobreza", apoiada na fidelidade e na gravitação em torno da coroa. Conhecida como "nobreza de serviço", por assentar a sua força justamente na sua capacidade de ação, exemplificada na ocupação de cargos na corte e na administração urbana, teriam utilizado a escrita como uma forma de fazer conhecer o seu valor frente ao rei. Dessa forma, o estatuto de viajante conhecedor de terras longínquas decorrente da confecção dos livros teria como principal intenção a autopromoção interessada em se aproximar do monarca e das benesses que este poderia fazer. Os autores dessa linha não costumam aprofundar as causas ou a trajetória que fez com que a nobreza adotasse especificamente os livros de viagens em sua ação, sustentando de forma geral o uso da escrita panegírica, entendida no mais amplo sentido.

A síntese dessas considerações, com maior peso da segunda e terceira, traduz-se na proposta da pesquisa, que buscou analisar, a partir da tensão entre novos tempos e a manutenção de elementos tradicionais, a expressão da cultura nobiliárquica anterior às grandes empresas atlânticas, entendendo-a como um repertório de ideias, práticas e valores historicamente criados e presentes nos livros de viagens do século XV. Assim, procura-se abordar a nobreza tanto nos aspectos culturais quanto políticos, projetando-os no campo da história do reino de Castela e Portugal, onde essas duas instâncias aparecem indissociáveis, ainda mais se tratando do estudo de uma camada social essencialmente conectada ao poder.

Do ponto de vista dos procedimentos práticos que foram tomados ao longo da dissertação, foram delineadas duas operações com o objetivo de conseguir realizar um plano que corroborasse com as considerações interpretativas mencionadas. Nesse ponto, a maior dificuldade encontrada foi superar os obstáculos impostos pela própria ausência de trabalhos que haviam agrupado os livros de viagem castelhanos para responder a uma questão específica. De modo geral, esta etapa da pesquisa levou ao desenvolvimento de dois procedimentos que acabariam por revelar os contornos da própria dissertação.

O primeiro deles contemplava a questão das diferenças entre a documentação. A bibliografia produzida acerca dos quatro livros de viagens estudados nessa pesquisa frisa a singularidade de cada obra. Trabalhados a fundo e separadamente, a crítica dessas obras esteve mais interessada em averiguar as condições físicas da viagem, tal como as formas utilizadas pelos viajantes ao longo do trajeto, os itinerários percorridos, os prováveis elementos histórico-sociais e a improbabilidade dos fatos narrados. Contudo, também procuraram abarcar, individualmente, as outras expressões de documentos similares e a relação existente entre outros relatos. Nesse sentido, a maior parte da bibliografia almejou contribuir com a adequação dos livros em relação à tradição livresca da qual fazem parte. Exemplos disso são encontrados nos textos sobre *El Victorial*, e a preocupação da historiografia em situá-lo no ciclo clássico da novela cavaleiresca, assim como ocorreu com o *Libro del Infante Don Pedro*, ao defenderem a ideia de que seu conteúdo era uma apropriação ibérica das viagens de Jean de Mandeville. Destarte, dada a proximidade temporal entre a produção desses livros e o fato de não existirem outros casos na península ibérica desses tipos de relatos no período, o cerne da análise se alojou na interrogação do fato de seus protagonistas compartilharem entre si o pertencimento ao grupo nobiliárquico.

O segundo procedimento diz respeito à criação de temáticas em comum a serem trabalhadas no conjunto da obra, no sentido de nos servir como um guia interpretativo das narrativas de viagem. A fim de podermos entender de que forma essas narrativas apontam o

alinhamento entre a cultura nobiliárquica e as características das viagens, buscamos levantar os principais pontos de encontro dos lugares visitados e dos interesses dos viajantes descritos. Dessa maneira, elencamos temáticas capazes de englobar as diferenças dos itinerários que mais uma vez se apresentavam como uma dificuldade a ser sobrepujada.

São três capítulos no total que, juntos, procuraram dar sentido de união aos livros estudados. O primeiro, intitulado "A nobreza de serviço viajante", foi dividido em dois tópicos. O primeiro deles, "Os motivos da viagem", como seu próprio nome diz, procurou apresentar as especificidades de cada uma das quatro obras, como as datas das viagens e dos relatos, o repertório dos livros e as informações sobre seus protagonistas. "Os Trastâmara e a nobreza de serviço", segundo tópico, teve como fio condutor o panorama político de Castela, que propiciou o surgimento da "nobreza de serviço", categoria em que se inserem os protagonistas dos livros contemplados.

Por sua vez, no segundo capítulo, "Os itinerários percorridos", procuramos contemplar as expressões da cultura nobiliárquica tendo em vista os lugares e as histórias que viram ou ouviram e que foram dignas do seu registro pelos viajantes. A fim de facilitar a análise, dividimos os conteúdos trabalhados em dois tópicos: "Os assuntos de fé" e "Os assuntos de poder". Longe de acreditarmos em uma separação clara entre os dois temas, a divisão, no capítulo, se deu pela sua utilidade instrumental no desenvolvimento da exposição.

Enquanto no segundo nos debruçamos sobre o que os fidalgos falaram sobre elementos externos, invertemos o foco no terceiro. No último capítulo da dissertação, "A exaltação à nobreza", procuramos analisar de que forma a nobreza vê e escreve sobre as suas próprias virtudes. Assim, dividimos o capítulo em três eixos. O primeiro, "O ideal cavaleiresco", vimos de que forma o tema da cavalaria, valores mestres da cultura, foram apropriados pelos viajantes. O segundo, "A devoção dos viajantes", procurou trabalhar como os protagonistas dos livros de viagem aparecem em relação à sua própria fé. Por fim, em "As virtudes e o serviço", analisamos de que forma a noção de "nobreza" é trabalhada nos textos e, complementarmente, como todas essas qualidades podem ter sido instrumentalizadas por seus protagonistas.

1 CAPÍTULO
A "NOBREZA DE SERVIÇO" VIAJANTE

> Se a posse de senhorios era o sinal duma dignidade verdadeiramente nobiliária e, juntamente com os tesouros em moedas ou em jóias, a única forma de fortuna que parecia compatível com uma posição elevada, era-o em primeiro lugar por causa dos poderes de comando que ela fazia supor sobre outros homens. Houve alguma vez motivo mais seguro de prestígio do que o de poder dizer: "eu quero"? Mas acontecia também que a própria vocação do nobre lhe proibia qualquer atividade econômica direta. Ele pertencia de corpo e alma à sua função própria: a do guerreiro.[1]

A imagem do nobre montado em seu cavalo e empunhando sua espada é uma constante na documentação medieval. Após a intersecção entre a nobreza e a cavalaria nos primeiros séculos da Baixa Idade Média, a literatura da época foi responsável por confeccionar um quadro social onde os guerreiros encarnavam os maiores valores almejados, tais como a força, o desprendimento, a coragem e a fé. Como retratado no clássico de Marc Bloch, a nobreza procurou assentar as bases de seu prestígio nas atividades bélicas. A guerra foi desde o princípio do Medievo ligada a este grupo como sua função na tripartição funcional da sociedade, elaborada pelos grandes clérigos do século XI, tais como Adalberón de Laón e Gerardo de Cambrai: *laboratores*, *oratores* e *bellatores*. Como indaga Maurice Keen,[2] talvez a teorização da sociedade tripartida tenha sido mais interessante para seus contemporâneos no que diz respeito àquilo que eles gostariam que a sociedade tivesse sido, mais do que aquilo que propriamente era, sendo os grupos sociais muito mais variados do que propriamente a divisão em ordens nos indica. De qualquer forma, a ligação da nobreza com a guerra, atividade mais honrosa no período,[3] foi mantida e lapidada ao longo dos séculos, mantendo-se ainda forte no século XV.

Porém, sem perdermos de vista essa base bélica da aristocracia, o final da Idade Média abriu espaço para novas nuances nas configurações da nobreza medieval, aliando outra característica a este grupo: a de viajante. Com a circulação de uma literatura especializada em deslocamentos e o próprio alargamento das fronteiras da Cristandade, há um crescimento e uma expansão da produção de livros de viagens. No alvorecer do século XV, é notável que os primeiros livros de viagens genuinamente ibéricos possuem membros da nobreza como protagonistas de suas aventuras. A partir de quatro diferentes obras, o objetivo deste capítulo

[1] BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 321.
[2] KEEN, Maurice. **La Caballería**. Madri: Ariel, 2008. p. 16.
[3] AURELL, Martin. **La Noblesse en Occident: (**Ve. – XVe. Siècle). Paris: Armand Colin, 1996. p. 20.

é a análise dos motivos que fizeram estes homens partirem de seu local de origem, ao mesmo tempo em que introduzimos as principais características dos livros. Em seguida, procuraremos averiguar também qual era o alinhamento destes indivíduos no complicado cenário político castelhano-português do período. Dessa forma, alvejamos entender as especificidades dos textos e de que maneira eles compartilham o papel central da nobreza, de modo a criar subsídios para a compreensão dos livros de viagens como expressão da cultura nobiliárquica ibérica.

1.1 - Os motivos das viagens

No ano de 1406, o embaixador castelhano Ruy Gonzalez de Clavijo e sua comitiva retornaram a Castela após terem deixado o porto de Santa Maria, próximo à Cádiz, em uma viagem para Samarcanda, no atual Uzbequistão, que havia durado três longos anos. Também na primeira década do século XV, o conde de Buelna percorria os mares do mediterrâneo e a costa atlântica dos reinos da França e da Inglaterra. Quase trinta anos mais tarde, o fidalgo Pero Tafur realizava uma grande viagem pela Terra Santa e Europa Central, sendo a última também visitada por Pedro, duque de Coimbra e infante de Portugal, e que mais tarde serviria de matéria para uma curiosa descrição de outros destinos. Com as suas respectivas diferenças, essas viagens converteram-se em relatos e, posteriormente, livros de viagem. Em uma cronologia que se desenrola na primeira década do século XV, essas obras apresentam como ponto em comum a característica de serem protagonizadas por homens da pequena ou média nobreza.

Não há dúvida de que era comum na vida do homem medieval a exortação ao deslocamento. Ao longo dos séculos, foram diversos os motivos que levaram os homens, individualmente ou em grupos, a se locomoverem temporária ou definitivamente. Para a fidalguia medieval, isso não foi diferente. Guerras, casamentos, religião e o próprio modo de vida aristocrático foram responsáveis por levar o nobre do período a deixar a sua casa em busca de terras longínquas. A fim de analisarmos qual foi o papel dos livros de viagens para a nobreza ibérica, é de suma importância primeiramente examinar quais foram os motivos que levaram estes homens a sair de seu local de origem, ressaltando as aproximações e diferenças entre os documentos. Dessa forma, procuraremos desdobrar os principais fatores relacionados

a esses deslocamentos que, posteriormente, foram relatados e se converteram em narrativas de viagem.

1.1.1 - A via diplomática

> [...] E, portanto, em nome de Deus em cujo poder estão todas as coisas, e em honra da Virgem Maria, sua mãe, comecei a escrever desde o dia em que os embaixadores chegaram ao porto de Santa Maria, próximo de Cádiz, para entrar em uma carraca que deveríamos partir e com eles o dito embaixador que o acima citado rei havia enviado à Tamurbec.[4]

Tal como se percebe na passagem acima, o livro da *Embajada à Tamerlán* começou a ser redigido tão logo a comitiva deixou a península ibérica a mando de Enrique III de Castela. Enviados em maio de 1403 para a longínqua corte de Timur Lenk, conhecido como Tamerlão, a embaixada iria retornar somente três anos depois. Graças a esta e outras passagens do texto, os estudiosos deste documento defendem a ideia de que a narrativa é fruto de um diário trabalhado ao longo do trajeto por Ruy Gonzalez de Clavijo, autor e chefe da expedição. Por não haver menção à morte do rei no texto que chegou até nós, a provável data que marca a redação final é situada entre os meses relativos ao retorno da missão e a morte do soberano, isto é, entre março e dezembro de 1406.

Tendo em vista nosso objetivo de entender os porquês da partida desses viajantes para a Ásia Central, devemos primeiramente destacar quais foram os principais motivos que levaram os castelhanos a realizarem aquela que foi, segundo Labarge, a "mais exótica missão de toda a Idade Média".[5] Preocupado em saber mais sobre as forças e as intenções dos senhores muçulmanos, Enrique III de Castela enviou para o Oriente dois cavaleiros, Payo de Sotomayor e Hernán Sanchéz de Palazuelos.[6] O encontro com Tamerlão por parte dos castelhanos ocorreu após a vitória e a captura do turco Bayazid na batalha de Ankara, em 1402.[7] Na ocasião, segundo Clavijo, o imperador oriental foi avisado sobre a presença dos cavaleiros e os chamou para participar dos treinos e dos entretenimentos da corte, quando Tamerlão aprendeu com eles "todos os detalhes daquele grande e poderoso rei de Castela, e

---

[4] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 26.
[5] LABARGE, Margaret Wade. **Medieval Travellers: The rich and restless**. London: Phoenix, 2005. p. 151.
[6] CLAVIJO, op. cit., p. 24.
[7] LABARGE, op. cit., p. 151.

da grande estima que os outros reis da cristandade tinham por ele".[8] Após este encontro, Tamerlão incumbiu os cavaleiros de levar presentes para ganhar a amizade de seu rei, assim como designou um de seus nobres para partir juntamente com os cavaleiros para Castela e entregar cartas e mulheres cristãs que o imperador havia libertado dos turcos.

A resposta de Enrique III que seria entregue para Tamerlão foi logo delegada para uma pequena comitiva de três castelhanos: Ruy González de Clavijo, Afonso Paez de Santa Maria e Gomez de Salazar. O primeiro, que mais tarde escreveria o relato que chegou até nós, era cavaleiro nobre de Madri e cumpria a função de camareiro do rei, sendo um dos beneficiários do testamento real.[9] O outro viajante era um religioso, Frei Afonso Paez. A historiografia conhece sobre este componente apenas que ele era membro da Ordem dos Pregadores e mestre em teologia, ainda que possamos supor que este fosse um conhecedor de línguas,[10] característica de especial interesse neste tipo de empreitada. Por fim, nada sabemos do terceiro membro da embaixada além daquilo que Clavijo nos deixou: "Gomez de Salazar, um dos membros da Guarda Real".[11]

O principal objetivo dessas relações diplomáticas, para além da manifestação pública de apoio, residia no interesse castelhano em encontrar um aliado contra os turcos, capazes de representar uma ameaça real contra os reinos cristãos, como já vinha sendo demonstrado na gradual conquista dos Balcãs e confirmado posteriormente na derrota bizantina e conquista de Constantinopla em 1453. As notícias do império de Tamerlão já circulavam em Castela décadas antes da batalha de Ankara. A própria similaridade das conquistas deste com as conquistas de Gengis Khan no século XIII facilitaram sua fama como herdeiro direto do grande império mongol e a possibilidade de tê-lo como aliado militar seduziu Enrique III, pois isto significaria um grande auxílio na guerra contra os muçulmanos.[12]

As circunstâncias do período da missão, porém, impossibilitaram qualquer legado diplomático para as duas partes. Os castelhanos alcançaram Samarcanda no fim da vida de Tamerlão e chegaram até mesmo a testemunhar as turbulências políticas ocasionadas por sua morte, em 1405. Todavia, apesar do fracasso de uma aliança, esta ousada missão conseguiu deixar um interessante relato sobre o peculiar cenário asiático do início do século XV.

---

[8] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 24.
[9] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embajada à Tamorlán**. Madri, Editorial Castalia, 1999. p. 30.
[10] Idem.
[11] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. op. cit., p. 25.
[12] MARKHAM, Clements. "Introductory life of Timur Beg" pp. XI – LVI. In. CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Narrative of the embassy of Ruy Gonzalez de Clavijo to the court of Timour, at Samarcand**. Londres: Hakluyt Society, 1859.

Da obra em si, distinguimos, basicamente, duas partes diferentes. A primeira corresponde à descrição da via marítima, desde a partida no Porto de Santa Maria, em Cádiz, até atingirem Trebisonda, nos confins do Mar Negro, atual Turquia. A segunda parte é justamente a via terrestre, desde Trebisonda até Samarcanda, onde encontraram a corte de Tamerlão, objetivo da comitiva. Esta mesma divisão, ainda que ocorra de forma breve, se aplica para o percurso do retorno dos viajantes. Em suma, como destacaremos melhor mais adiante, trata-se de uma narrativa dirigida à curiosidade do monarca e sua corte.[13]

No presente capítulo, chamamos a atenção para as características relacionadas ao momento da partida dos viajantes. Neste ponto, destacamos o lugar da embaixada de Clavijo em relação às práticas correntes no medievo. Para autores como Margaret Labarge, a diplomacia medieval transcorria seguindo um sentido de proporcionalidade entre a importância dos objetivos diplomáticos com a grandeza e opulência da comitiva dos enviados[14]. A síntese de Oliveira Marques sobre as relações diplomáticas entre Castela e Portugal também caminha nesse sentido, destacando o historiador que o número de embaixadores e a qualidade deles eram estabelecidos conforme a conjuntura: "Por norma, em cada embaixada seguiam um ou mais juristas e um ou mais nobres a quem normalmente era dada a chefia do grupo".[15]

Enquanto a chefia foi, de fato, deixada para o único fidalgo da comitiva, não podemos afirmar, por outro lado, que era uma missão de menor importância somente pelo fato de que contava com três membros apenas. Apesar do número relativamente pequeno, isso não implica de forma alguma na ausência de prestígio ou importância. É provável que a escolha deste grupo de homens se deu pela própria dificuldade do translado, muitas vezes superior àquele que costumeiramente acontecia entre os poderes europeus, onde as ferramentas diplomáticas do salvo-conduto e da imunidade tinham uma probabilidade maior de serem respeitadas, diferentemente daquilo que seria esperado na missão para Samarcanda. Ao que tudo indica, o emprego do fidalgo e camareiro real Ruy Gonzalez de Clavijo por parte do rei é uma demonstração do valor que o fidalgo possuía aos olhos do rei, como um homem capaz, confiável e ainda com habilidades de registrar e narrar a viagem, além de dar à comitiva o caráter oficial de representação de um reino com um alto valor cerimonial.[16] Posteriormente,

---

[13] ESTRADA, Francisco López**. Libro de viajeros hispánicos medievales**. Madrid: Laberinto, 2003. p. 66.
[14] LABARGE, Margaret Wade. **Medieval Travellers: The rich and restless**. London: Phoenix, 2005. p. 136.
[15] MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença (Coleção Nova História de Portugal), 1987. p. 329.
[16] QUELLER, Donald. **The Office of Ambassador in the Middle Ages**. Princeton: Princeton University Press, 1967. p. 154.

ainda neste mesmo capítulo, aprofundaremos mais as implicações das questões que giram em torno do cargo de embaixador e sua significação para o período.

1.1.2 - A guerra

> Este livro foi nomeado El Victorial, e fala nele dos quatro príncipes que foram maiores no mundo, quem foram, e de alguns outros brevemente, para servir de exemplo aos bons cavaleiros e fidalgos que irão usar ofício de armas e arte de cavalaria, trazendo também a esta fala o exemplo de um nobre cavaleiro, que por objetivo final fiz este livro. [17]

Assim, no início do livro sobre o conde de Buelna, seu autor anuncia o seu objetivo principal: relatar a vida de seu protagonista para ser um exemplo a ser seguido pelos outros cavaleiros. Nas obras *Embajada à Tamorlán* e *El Victorial*, existem alguns pontos de aproximação e outros de distanciamento. No que diz respeito às aproximações, ambos os deslocamentos são resultado de ordens expressas pelo rei Enrique III de Castela e datam do mesmo período, nos primeiros anos do século XV. Por outro lado, destacamos aqui as diferenças em relação à autoria, da estrutura da obra e até mesmo do tempo que levou para ser escrita.

Ao contrário da *Embajada*, relato que fora produzido pelo próprio Clavijo, principal embaixador da missão que narra, *El Victorial* foi escrito por Gutierre Diez da Games, alferes a serviço de Pero Niño, o conde de Buelna. A fim de criar um livro capaz de narrar a vida exemplar de seu senhor, Diez da Games se preocupou em criar um extenso panegírico, onde disserta sobre a origem da fidalguia, os valores da cavalaria, as guerras peninsulares e os feitos de Pero Niño. Não seria, pois, de se espantar a presença de vários gêneros literários (ou padrões narratológicos) no mesmo texto, quando é notável a coexistência de elementos típicos da crônica como também de novela cavalheiresca, da biografia e da tratadística nobiliárquica.

Entretanto, ao analisarmos os principais feitos realizados pelo conde, veremos que eles estão relacionados justamente com as expedições militares realizadas durante sua juventude na costa do Mediterrâneo e do Atlântico, quando a narrativa toma contornos de um livro de viagens. Longe de serem apenas atividades secundárias na valorização de seu senhor, Díez da Games conferiu aos episódios de deslocamentos e de batalhas os principais elementos

[17] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 185.

de natureza heroica de sua vida, além de ser a maior parte do conteúdo de *El Victorial*, talvez intensamente modificado ao longo do amplo período de redação da obra, de modo a ressaltar todos os componentes necessários para o retrato do cavaleiro exemplar.

Acredita-se que este livro foi escrito ao longo de três datas diferentes. A primeira delas por volta de 1406, ainda na juventude do conde. Uma segunda, de maior fôlego e responsável por grande parte da obra, teria ocorrido em 1436, já mais distante dos fatos que narra. A terceira e última intervenção no texto foi realizada no fim da vida do conde ou, talvez, por motivo de sua morte (viveu entre 1378 e 1453). Como propõe Rafael Beltrán Llavador,[18] estas etapas da escrita estão relacionadas a uma versão inicial, escrita como diário de bordo das aventuras do conde, e uma versão posterior, trabalhada pelo alferes, profundo conhecedor da literatura cavaleiresca e cronística. O autor, vale ressaltar, frisa a validade de sua escrita, afirmando ser testemunho dos feitos de seu senhor:

> [...] eu, Gutierre Diez da Games, criado da casa do conde Dom Pero Niño, conde de Buelna, vi deste senhor todas as cavalarias e boas façanhas que ele fez, e fui presente a elas [...] e fiz este livro.[19]

No entanto, antes de nos adentrarmos nas características relacionadas à partida de Pero Niño, devemos primeiramente entender qual era a situação da costa castelhana no período. Para isso, destacamos aqui os principais fatores que iriam culminar na organização das expedições do conde. Em primeiro lugar, a marinha castelhana vinha desenrolando um crescimento extraordinário ao longo do século XIV.[20] Ao lado dos franceses, desde o último quartel deste século, as naus de Castela vinham tomando um espaço cada vez mais hegemônico no Atlântico meridional. Devidamente compreendida no contexto da Guerra dos Cem Anos, a vitória de La Rochelle (1372), os ataques à costa da Grã-Bretanha (1377) e as batalhas de Sanlúcar de Barrameda (1380) e Saltes (1381) marcaram a supremacia castelhana frente às forças inglesas e portuguesas.[21] A partir deste avanço no Atlântico, Castela pôde então voltar sua atenção para intervenções no Mediterrâneo, mar disputado por várias potências tradicionalmente marinhas tais como as cidades italianas e o reino vizinho de Aragão.

---

[18] Ideia presente no prólogo da edição: GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993.
[19] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 282.
[20] FERRER I MALLOL, María Teresa. **Corsarios castellanos y vascos en el Mediterraneo medieval**. Barcelona: CSIC, 2000. p. 12.
[21] Ibidem. p. 13.

Para além de uma longa descrição das várias guerras e tratados de paz selados entre as várias partes, salientamos a larga presença de corsários nos conflitos. Frotas armadas com o intuito de pilhar embarcações ao mesmo tempo em que gozam de uma proteção oficial de algum lado da guerra, estas práticas irão desembocar na necessidade da criação de um corpo militar designado exclusivamente para combatê-las. É nesse momento que Enrique III ordena Pero Niño a organizar operações de "busca e destruição"[22] de barcos "tanto castelhanos quanto estrangeiros, que andavam roubando pelo mar de Levante".[23]

Apesar de ser, a princípio, uma missão que alvejava os corsários cristãos que atacavam os barcos castelhanos, mais do que qualquer outra coisa, a frota do conde acabou por se tornar ela mesma uma campanha corsária nas costas berberes.[24] Pela própria rentabilidade que compensava os altos riscos no mar, essa atividade vinha já há meio século recrutando mercadores aventureiros e membros da pequena ou baixa nobreza, como é o caso de Pero Niño. Sua campanha, em comparação com as várias outras que já vinham acontecendo, teve somente a "fortuna de ser descrita por um livro da categoria de *El Victorial"*, como frisa María Teresa Ferrer i Mallol, autora especialmente focada em situar o caso do conde de Buelna no largo panorama das atividades corsárias em que está inserido.

Depois de findadas as incursões pelo Mediterrâneo, a frota do fidalgo castelhano foi remanejada para o Atlântico, principalmente na faixa que separa as ilhas britânicas das terras francesas, onde os castelhanos fariam uma série de ataques contra a costa inglesa, na última fase da participação direta de Castela como um satélite marítimo dos interesses franceses no contexto da Guerra dos Cem Anos. Tendo minimizado o lado corsário de seu senhor e revestido suas batalhas com uma aura cavaleiresca mais virtuosa, a obra de Díez da Games parece desejosa de atribuir ao seu personagem central a glória do cavaleiro andante, através da concepção de uma Antiguidade decorativa e exemplar, pitorescamente fantasiada e "prova irrefutável do enlace entre fama e cavalaria".[25]

1.1.3 - A aventura

[22] MACKAY, Angus. **La España de la Edad Media**.Desde la frontera hasta el Imperio (1000 – 1500). Madri: Cátedra, 1991. p. 140.
[23] GAMES, op. cit., p. 297.
[24] FERRER I MALLOL, María Teresa. **Corsarios castellanos y vascos en el Mediterraneo medieval**. Barcelo: CSIC, 2000. p. 10.
[25] LIDA DE MALKIEL, María Rosa. **La Idea de la fama em la Edad Media Castellana**. México: FCE, 2006. p. 279.

> Da prática de viajar para terras estrangeiras um homem pode razoavelmente esperar obter proveito naquilo que a proeza demanda [...] Se por boa fortuna ele escapa dos perigos do caminho e retorna para sua terra nativa uma vez mais, ele pode, de sua experiência das diferentes formas de governo e das contrastantes qualidades das várias nações, adquirir conhecimento do que é mais proveitoso para a coisa pública e estabelecimento dela [...] Eu, possuindo o tempo e a oportunidade de visitar várias partes do mundo, parti em minha jornada em busca destes fins.[26]

Nobre por nascimento e de origem andaluza, Pero Tafur partiu em sua viagem no outono de 1436, deixando Sevilha rumo ao Oriente. Até seu retorno na primavera de 1439, havia realizado um longo périplo que pode ser dividido em quatro itinerários diferentes. O primeiro deles é marcado pelo início da viagem, com a saída da Espanha e sua estada em cidades italianas como Pisa, Veneza e Roma. Além de conhecer os monumentos das cidades e suas cortes, este primeiro momento foi importante para Tafur por ter sido o período em que realizou os preparativos para sua saída em busca da Terra Santa. Partindo da Itália em maio de 1437, a segunda parte do seu relato é feita sobre os lugares santos e as cortes dos grandes senhores da Palestina, Egito, Bizâncio e Turquia, regressando para Veneza um ano depois, em maio de 1438. Esta segunda parte foi a mais contemplada pelos estudiosos de viagens pelo interessante testemunho que o fidalgo teceu sobre o Império decadente de Constantinopla e os turcos em ascensão.

A terceira parte de seu livro de viagem, por sua vez, relata o período em que percorreu as cidades alemãs e os Países Baixos, além da Polônia, Áustria e novamente Itália. Este prolongamento da viagem produziu interessantes testemunhos e tem um valor especial para o pesquisador de viagens por serem muito raros na península ibérica os relatos sobre a própria Europa, sendo mais correntes as descrições sobre as áreas que estavam fora da Cristandade. Por fim, a última parte de sua viagem é caracterizada pelo retorno de Tafur à Espanha, onde abruptamente a narrativa é interrompida, provavelmente em razão de alguma adversidade na conservação do manuscrito. De maneira geral, alguns estudiosos entendem este repertório geral de visitas do fidalgo espanhol como a junção daquilo que era comum na busca do homem medieval (os lugares santos e Roma) com os novos interesses despertados pelos pontos comerciais do Mediterrâneo e da Europa Continental.[27]

A despeito da obra que chegou até nós, é interessante atentarmos para uma característica peculiar: Pero Tafur converteu-se em narrador de suas experiências apenas quinze anos depois de seu retorno, com a produção do livro conhecido como *Andanças e*

[26] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 15.
[27] ESTRADA, Francisco López**. Libro de viajeros hispánicos medievales**. Madrid: Laberinto, 2003. p. 106.

viajes de Pero Tafur por diversas partes del mundo ávidos, em 1454. "Atento ao regimento da coisa pública e à lógica comercial do tempo", mas, principalmente, "empenhado em dar conta de um itinerário de demanda e afirmação da sua legitimidade nobiliárquica",[28] o livro de Tafur representa a fusão da preocupação em salvaguardar a distinção de sua fidalguia com o estatuto de viajante, pois, diferentemente das viagens anteriores, não há enunciação de um motivo de ordem prática, como uma embaixada ou a guerra. Para Tafur, o ato de viajar guarda em si mesmo a virtude da fidalguia, quando esta somente pode ser demonstrada pelas próprias proezas do viajante, sem poder recorrer à sua linhagem, desconhecida pelos estrangeiros.[29] Talvez seguindo os moldes da antiga cavalaria dos séculos XII e XIII, obrigada a percorrer o mundo na juventude como um modo de exercitar suas qualidades, no fim da Idade Média, jornadas ainda constituíam para os jovens aristocratas "um tipo de aprendizagem, um meio de conhecer sobre o mundo e se tornar conhecido".[30]

Pensar os motivos da viagem e de sua posterior redação nos leva a problematizar o porquê da escassa disponibilidade de notícias sobre Pero Tafur. Há referências sobre ele em documentos administrativos de Córdoba, além de outras referências no próprio livro de viagens,[31] porém, não chegou até nós uma fonte capaz de detalhar uma biografia deste fidalgo castelhano. Para retomar as indagações sobre os motivos do livro tardio, acrescenta-se como uma das hipóteses da iniciativa a própria vontade de deixar registrado o ato mais digno de ser lembrado de sua vida: as suas viagens.

Segundo Franco Meregalli, o Pero Tafur de 1454, já na velhice[32] e vivendo uma vida provinciana em Córdoba, recordava o tempo heroico de sua juventude viajante.[33] Para isso, vale frisar, não há dúvidas de que manteve um diário durante seu deslocamento, ao qual, depois de tanto anos, lhe foi útil recorrer. Todavia, diferente de Ruy Gonzalez de Clavijo, que também teria feito uso de um diário redigido ao longo da viagem e utilizado ao longo da escrita sobre sua embaixada, Tafur não se preocupou em pontuar com exatidão as datas das chegadas e partidas de sua viagem.

---

[28] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 30.
[29] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 19.
[30] VERDON, Jean. **Voyageur au Moyen Age**. Paris: Librarie Académique Perrin, 1998. p. 150.
[31] É o caso quando Tafur fala sobre os escravos que comprou em Caffa e que mantém gerações deles até o tempo da escrita da obra. TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 92.
[32] Estudiosos situam a data do nascimento entre 1405 e 1409. A última notícia de um Pero Tafur em Córdoba data de 1480. Se for do mesmo homem, é notável a longevidade que alcançara. ESTRADA, Francisco López. **Libro de viajeros hispánicos medievales**. Madrid: Laberinto, 2003. p. 101.
[33] MEREGALLI, Franco. "Las memorias de Pero Tafur". **Dicenda,** 6, 1987. p. 299.

Sem perder de vista, portanto, as características colocadas sobre cada um dos motivos das três viagens contempladas anteriormente, deixamos os castelhanos e debruçar-nos-emos, neste instante, sobre a peculiar narrativa do infante Pedro de Portugal pelo Oriente onírico.

1.1.4 - A aventura livresca

> [...] Porque todos os homens naturalmente desejam saber todas as coisas do mundo e têm prazer de ver coisas novas, e os que não as viram recebem grandes alegrias em as ler e ouvir contar, eu, Gómez de Santistebán, como fui um dos que andaram com o infante Dom Pedro, meu senhor, determinei contar algumas coisas notáveis neste tratado.[34]

Contando com pouco mais do que três dezenas de páginas, o *Libro del infante don Pedro de Portugal, el cual anduvo las cuatro partidas del mundo* narra as viagens do infante e seus doze cavaleiros pelo Oriente maravilhoso. A autoria, apesar de reivindicada no prólogo por Gomes de Santistéban, é pouco confiável. Evitando assumir a verdadeira identidade ou se esconder no anonimato, "o que reduziria o grau de credibilidade da narrativa",[35] o livro se utiliza do artifício da "presença virtual" que o nome e o estatuto testemunhal são capazes de conferir como uma maneira de afirmar a veracidade de seu conteúdo.[36]

Diferentemente dos outros textos que foram contemplados, o *Libro del Infante* possui a característica peculiar de ser uma viagem imaginária por excelência, muito devedora de obras do século XIV, como os livros de Jean de Mandeville, São Brandão e o *Libro del Conosçimiento de todos los Reynos e tierras e senhorios,* onde mitos e lendas convivem com elementos reais em um contexto mágico e simbólico.[37] Ressaltamos aqui o encontro do infante com centauros e amazonas, além de outras temáticas recorrentes neste tipo de viajante, como a visita às terras de Prestes João.

Assim como acontece a despeito de sua autoria, não podemos afirmar com precisão a data em que foi finalizado. Das cópias que chegaram até nós, a mais antiga data de 1515 e ao todo constituem mais de cento e cinquenta publicações deste documento,[38] sendo pouco mais da maioria escrita em castelhano e o restante em português. Diferentemente das outras obras,

---

[34] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 11.
[35] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 112.
[36] Idem.
[37] VALLEJO, Eduardo Aznar. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madri : Síntesis, 2007. p. 81.
[38] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. op. cit., p. 2

poucos estudos se debruçaram sobre este livro, o que ocasionou por muito tempo a falta de precisão quanto a sua datação. O primeiro pesquisador que se propôs a estudar a fundo este documento foi o norte-americano Francis Rogers,[39] por volta da década de 1960. Em seus trabalhos, situava o *Libro del Infante* como um produto das crises papais do século XVI, quando um clérigo espanhol teria desenhado um mundo isento dos conflitos que incendiavam a Cristandade europeia. Contudo, aos poucos, estudos mais recentes encontraram menções anteriores deste livro, primeiramente seguindo a menção explícita nas *Bienandanzas y fortunas* de Lope García de Salazar, compilada por volta de 1471-1476,[40] e depois com a confirmação, através de menções anteriores, de que a produção deste livro tenha sido realizada a mando de seu filho, o condestável Pedro, durante seu exílio em Castela em função do resultado da regência de seu pai. Entre seus interesses nesta empreitada, buscava reabilitar sua linhagem perante o público ibérico, que havia testemunhado nos anos anteriores o desmantelamento da casa de Coimbra, da qual o infante Pedro era duque. O testamento do rei Duarte deixava a regência do rei em mãos de sua esposa, Leonor. Com a morte do rei Duarte, em 1438, vítima da peste, a rainha teria que governar o reino em nome de Afonso V, na época com apenas seis anos de idade. Por ser irmã dos *infantes de Aragão*, célebres adversários de Álvaro de Luna em Castela, como veremos no tópico seguinte, o prolongamento de sua posição poderia ocasionar no envolvimento do reino nas lutas internas de Castela, repetindo-se, dessa maneira, a conjuntura que tinha resultado a morte de Inês de Castro, menos de cem anos atrás.[41]

Assim sendo, apoiado pela maioria da fidalguia terratenente e a quase totalidade dos concelhos representados em corte,[42] Leonor abandonou Portugal e o duque de Coimbra se tornava o representante de seu sobrinho. Por outro lado, a força de Pedro desagradava seu meio-irmão, Afonso, o conde de Barcelos, um dos mais poderosos magnates do reino. De modo a procurar a conciliação, fez de Afonso o primeiro duque de Bragança, "desse modo criando os fundamentos da futura dinastia".[43] Sobre a forma como o infante conduziu Portugal, não podemos afirmar propriamente que sua regência correspondeu a uma centralização bem definida e bem orientada. Não restam dúvidas que o acúmulo de poder em

[39] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961.
[40] SHARRER, Harvey. "Evidence of a fifteenth-century *Libro del Infante Don Pedro de Portugal* and its relationship to the Alexander cycle". In **Journal of Hispanic Philology**, vol. 1. Santa Barbara: University of California, 1976. p. 85-98.
[41] MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença (Coleção Nova História de Portugal), 1987. p. 552.
[42] Idem.
[43] O'CALLAGHAN, Joseph. **A history of medieval Spain**. Ithaca: Cornell University Press, 1983. p. 566.

torno da coroa fazia parte de suas preocupações, mas como um direcionamento herdado por Pedro pelos seus antecessores. Se averiguarmos a contribuição de sua regência para o reforço do senhorialismo por meio da concessão de novos títulos nobiliárquicos, de mais extensos patrimônios e de renovados privilégios à alta nobreza.[44]

Contudo, ao casar sua filha Isabel com Afonso V (1441) e nomear condestável e mestre de Avis seu primogênito Pedro (1444), o regente acabou por fazer aumentar a animosidade do duque de Bragança que sairia vitorioso dessa contenda anos depois. Atingida a maioridade em 1446, o rei optou por manter seu tio como conselheiro até 1448, quando foi obrigado a se retirar em seu ducado graças a intrigas e rumores[45] espalhados por seus adversários. Em 1449, "depois de um conjunto de discriminações e perseguições movidas pelo monarca a partidários seus", o infante Pedro decidiu partir para Lisboa com seu exército, "provavelmente para se justificar mas, provavelmente também, para o fazer apoiado em uma manifestação de força".[46] Afonso V e suas forças o encontraram antes de chegar até Lisboa[47] e os dois exércitos se enfrentaram em Alfarrobeira. Nas palavras de Rui de Pina, cronista oficial de Portugal, como que por acaso "e sem deliberação", o infante "assi revolto n'esta peleja foi nos peitos ferido por uma seta que lhe atravessou o coração, de que a poucos passos e menos horas cahiu logo morto, sem antes nem depois receber outra ferida".[48]

Decorre deste violento desfecho o exílio dos aliados do infante, juntamente com o condestável, seu filho. Desterrado de suas posses, será durante a sua estadia forçada em Castela que incentivará um conjunto de obras literárias que tem por finalidade reabilitar o seu patrimônio linhagístico perante seus contemporâneos. Cerca de treze anos depois de sua morte, quando em Portugal a vida e a morte do duque de Coimbra iam desaparecendo dos escritos, em Castela foi confeccionada a *Comemoración breve de los muy insignes y virtuosos varones que fueron desde el magnífico rey don Juan el primero hasta el muy esclarecido rey don Alfonso el quinto*, panegírico memorialista da dinastia de Avis encomendada a Afonso de Córdova pelo condestável e incluída na sua biblioteca.[49]

---

[44] MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença (Coleção Nova História de Portugal), 1987. p. 552.
[45] Entre elas, até mesmo acusações de que Pedro teria envenenado seu irmão Duarte como forma de usurpar o trono, quando na verdade seu irmão havia sido vítima da peste. O'CALLAGHAN, Joseph. **A history of medieval Spain**. Ithaca: Cornell University Press, 1983. p. 566.
[46] MARQUES, op. cit., p. 558.
[47] O'CALLAGHAN, Joseph. **A history of medieval Spain**. Ithaca: Cornell University Press, 1983. p. 567.
[48] PINA, Rui de. **Chronica de El-Rei D. Afonso V**. Vol II. Lisboa: Bibliotheca de Classicos Portuguezes, 1901. p. 99-101.
[49] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 56.

Essa obra realizada por iniciativa do filho exilado, que procurava também colaborar para a crescente afirmação ibérica que o rei Afonso V vinha fazendo, é a primeira menção conhecida da circulação do *Libro del Infante*, provavelmente fruto de uma encomenda efetuada em fins da década de 1450. Refugiado em Castela desde o desfecho de Alfarrobeira, o condestável teve um exílio bastante conturbado. Destituído do mestrado de Avis e desapossado do cargo de condestável e dos bens do ducado de Coimbra, encontrou no reino vizinho uma "réplica" do conflito que acabou com seu pai, posto que naquela altura se assistia à sublevação da oligarquia senhorial, chefiada pelos infantes de Aragão contra o condestável Álvaro de Luna e seu projeto a favor da autoridade da monarquia contra os *infantes de Aragão*. Ao se alinhar aos propósitos de Juan II, foi contra as diretivas de neutralidade lançadas por Afonso V, o que agravava a acusação de rebeldia que o tinha levado ao exílio.[50] Todavia, com a aproximação política entre Portugal e Castela a partir de 1453, aos poucos a situação do exilado iria tomar outros contornos. Logo foi tido como um representante oficial em Castela, foi restituído da chefia da Ordem de Avis e, com o passar dos anos, teve a anulação da categoria de traidor e pôde, a partir de então, retornar a Portugal. Anos mais tarde iria reivindicar a coroa da Catalunha, o que acabaria por custar-lhe a vida.[51]

Tido como "um dos melhores representantes da cultura cortesã do quatrocentismo peninsular",[52] seu filho se apoiou na fama que seu pai tinha de viajante, conquistada décadas antes, para servir de base na confecção do *Libro del Infante Don Pedro*. Esse deslocamento espacial anterior ao livresco era parte do plano de legitimação avisina, recém-chegada ao poder. Em 1383, Portugal havia sido atingido por uma crise dinástica. Fernando I morreu sem deixar herdeiros, opondo os poderes portugueses entre aqueles que apoiavam Juan I de Castela, marido de Beatriz, filha de rei, e o Mestre de Avis, João, meio-irmão do finado rei e filho ilegítimo de Pedro I. Com a vitória durante a defesa do cerco de Lisboa, foi proclamado rei João I, assegurando a independência de Portugal frente aos interesses castelhanos com o massivo triunfo ocorrido na batalha de Aljubarrota, em 1385, com a utilização de uma nova estratégia de trincheiras e arqueiros ingleses, importantes aliados de Portugal no contexto da Guerra dos Cem Anos.[53] Assinadas as pazes com Castela, "a nova dinastia de Avis procurara legitimação europeia", conjugando "alianças matrimoniais, as ofensivas diplomáticas e os

[50] FONSECA, Luís Adão da. **O Condestável D. Pedro de Portugal**. Posto: INIC, 1982. p. 61-74.
[51] Cf. MORENO, Humberto Baquero. **Os portugueses na Catalunha no reinado de Pedro, o Condestável**. Porto: Universidade do Porto, 2006.
[52] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 156.
[53] Cf. SILVA, Victor Deodato da. **Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990. p. 157-170.

contactos com os centros de decisão onde se jogavam os interesses comerciais", tanto do Atlântico, quanto do Mediterrâneo.[54]

É neste contexto de reafirmação perante a Cristandade que o segundo filho de João I e de Filipa de Lancaster, Pedro, duque de Coimbra, partiu em viagem em 1425. Vale relembrar que outros emissários já haviam percorrido lugares importantes anos antes, como o conde de Barcelos (futuro duque de Bragança) entre 1405-1411 por cortes da Europa e a Terra Santa;[55] e dois fidalgos vassalos das casas dos infantes que partiram também para a Europa em 1416 como emissários portugueses do sucesso ocorrido em Ceuta um ano antes. No caso do infante, não se sabe precisamente qual foi o motivo anunciado por ele para o seu deslocamento. A bem da verdade, nem mesmo sabemos se tinha o intuito de retornar ou se era, talvez, uma partida definitiva.[56] O que sabemos é que por três anos percorreu importantes cortes da Cristandade.

Assim que deixou Portugal, passou três meses em Londres, onde encontrou uma Inglaterra imersa em contestações em torno de uma regência exercida durante a menoridade do rei. Ali, fez uma breve intervenção como conciliador no conflito entre o duque de Gloucester e o bispo de Winchester.[57] Não restam dúvidas de que foi capaz de causar uma boa impressão no país, pois em 1427 foi eleito para compor uma das vinte e seis vagas da Ordem da Jarreteira, responsável por adensar a "ficcionalidade da personagem histórica, conotando-a com os valores arquetípicos do paladino generoso", "apaziguador de indesejadas disputas entre cristãos".[58] Finalizada a etapa inglesa, o viajante passou mais de dois meses em Flandres, onde pôde conhecer a corte de Felipe, o Bom, além de intensificar tratados comerciais entre as duas partes e discutir a aliança que levaria ao casamento da infanta Isabel com o duque de Borgonha em 1429.[59] Rumando para terras alemãs, as crônicas de Colônia reportam a visita do infante e seu séquito para orar no santuário dos Três Reis Magos.[60] Pero Tafur, doze anos depois, também visitaria este santuário e deixaria registrada a admiração que a cidade despertou nele, descrevendo-a em seu livro como a "mais rica e mais bela cidade da Alemanha".[61]

---

[54] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 38.
[55] MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença (Coleção Nova História de Portugal), 1987. p. 545.
[56] CORREIA, op. cit., p. 44.
[57] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 32.
[58] CORREIA, op. cit., p. 45.
[59] ROGERS, op. cit., p. 35.
[60] Ibidem. p. 37.
[61] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 190.

Após cruzar a Europa Central, por onde causou impressões bastante variadas e peculiares,[62] passando por territórios húngaros e romenos, Pedro alcançou o imperador Segismundo às margens do Mar Negro. O infante passou dois anos na companhia do imperador e não se sabe ao certo qual o papel que o português exercia, sendo provável que fosse um observador e companheiro da comitiva pessoal de Segismundo na luta contra os turcos.[63]

Este não tinha sido o primeiro contato entre Pedro e o imperador. Em 1418, Segismundo havia concedido ao infante a posse da Marca de Treviso, no norte da Itália, após o poeta Oswald von Wolkestein ter lhe contado sobre seus feitos na Tomada de Ceuta em 1415. Se tratava de um "presente envenenado", segundo Francis Rogers,[64] por ser tal Marca localizada em uma zona disputada pela República de Veneza e o Império, e demoraria quase uma década para ser efetivamente reivindicado pelo Infante, provavelmente à espera de uma conjuntura pacífica propícia para aceitar a concessão imperial. Com a intensificação da ameaça turca e a sucessiva trégua entre as duas potências, Pedro deixou a companhia de Segismundo e partiu para Veneza, onde foi recebido com muita pompa, protocolo repetido em outras cidades italianas, como Florença e Roma. Durante sua estadia na Itália, pôde cuidar de assuntos financeiros concernentes à Casa Real de Portugal, assim como assuntos de ordem espiritual com o próprio papa, além de tomar contato com relatos, livros e possivelmente mapas sobre o Oriente.[65] Cumprida a etapa italiana, Pedro rumou para Aragão, onde foi recebido por Afonso V com muita festividade, e depois para Castela, onde recebeu presentes de Álvaro de Luna e seu primo Juan II. Foi atravessando Castela que conheceu o exilado conde de Urgel e sua filha, Isabel, com quem casaria tempos depois[66] e, dessa união, nasceria o futuro condestável. Retornou em 1428 para Portugal, após três anos distante, a tempo de presenciar o casamento de seu irmão e futuro rei, Duarte.

Conhecido ainda em vida como "Don Pedro das sete partidas", o *Libro del Infante* iria engrandecer mais ainda a sua fama de viajante. Porém, como aprofundaremos no próximo capítulo, o interesse do condestável em salvaguardar a memória de seu pai se apoiaria em um

---

[62] O cronista Andreas Ratisbonensis escreveu que o infante foi obrigado a sair de Portugal por seu pai, que o havia punido por ter matado um certo soldado. Em outra crônica, dessa vez de Jacopo di Poggio Bracciolini, retrata D. Pedro como um comandante cruzado, viajando com grande pompa em uma comitiva de mais de oitocentos homens armados In. ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 40-43.

[63] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 44.

[64] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 39.

[65] Ibidem. p. 48-51.

[66] ROGERS, op. cit., p. 57.

itinerário muito diferente daquele visitado pelo duque. As cortes da Europa foram substituídas pelo Oriente onírico, repleto de criaturas mitológicas e os grandes povos do imaginário asiático, como as amazonas, os centauros e o reino de Preste João. Todavia, antes de adentrarmos sobre as matérias trabalhadas pelo infante, devemos interrogar qual era a posição desses viajantes no quadro nobiliárquico.

1.2 - Os Trastâmara e a nobreza de serviço

Considerando o papel significativo da literatura de viagens para a pequena e média nobreza na primeira metade do século XV, precisamos, contudo, recuar algumas décadas para analisarmos os principais fatores que contribuíram para que os nobres adotassem práticas inéditas como a redação de livros de viagens, ou melhor, analisar que deslocamentos foram comuns naquele tempo entre os nobres e que papel teve o conhecimento de outras terras e gentes na formação dos nobres peninsulares do século XV, período em que o ambiente histórico justificava a abertura do mundo e o conhecimento pautado neste mundo. Longe da pretensão de tentar esgotar o quadro geral de movimentações entre os homens envolvidos com o poder no final da Idade Média, centralizamos nossa análise no campo político de maior relevância para o estudo da fidalguia, tentando discutir as bases da pequena e média nobreza em Castela, pois, como veremos, é ela que protagonizará os livros de viagens da primeira metade do século XV.

Para a compreensão da primeira metade do Quatrocentos, não é possível discutirmos nobreza sem antes pensarmos a instalação da dinastia dos Trastâmara. No ano de 1350, assumia o trono de Castela Pedro I e herdava de seu pai um Estado[67] alicerçado em fortes diretrizes centralizadoras. Desde 1325, Afonso XI vinha colocando em prática uma política de reafirmação do poder real e de restauração da autoridade monárquica com três objetivos fundamentais: a pacificação da nobreza (sublevada durante sua menoridade), o fortalecimento comercial e mercantil das cidades e das elites urbanas e, por fim, a luta contra os granadinos na fronteira sul e na zona do estreito de Gibraltar.[68]

---

[67] Aqui utilizado apenas como valor instrumental e metodológico para compreendermos a sociedade política dirigente como um todo, na esteira de MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 141.

[68] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995. p. 401.

Com apenas quinze anos de idade no episódio de sua coroação, a principal *valedora* em sua corte era sua mãe, Maria de Portugal. Tinha em Juan Afonso de Albuquerque – nobre de origem portuguesa – seu maior aliado frente ao grande número de rivais, tais como seu primo Fernando, infante de Aragão e os filhos da união ilegítima de Afonso XI com Leonor de Guzmán: Enrique, Fadrique, Tello e outros oito oriundos desta relação.[69] O cenário de crise deixado pela peste de 1348 levou Pedro I a reforçar os poderes da coroa com a reafirmação da força legislativa do monarca e o alargamento da jurisdição real, com a nomeação de juízes e a implementação de medidas econômicas preocupadas em conter os efeitos catastróficos da peste no mundo agrário.[70] Além dessas medidas, abandonou a influência de Juan Afonso de Albuquerque, apoiando-se em um grupo de juristas, mercadores e baixa nobreza, designando-os para os cargos de tesoureiros, gestores, conselheiros, ao mesmo tempo em que relegava para a aristocracia apenas a administração territorial, ratificando e incrementando as tendências operantes desde 1325.[71]

Os primeiros três anos de reinado foram marcados pelo "governo" de Juan Afonso de Albuquerque. Este nobre tratou de eliminar aqueles que contestaram a elevação ao trono de Pedro I, executando Leonor de Guzmán em 1351, humilhando seus filhos e assassinando os principais partidários de Juan Núñez de Lara, senhor de Vizcaya e um dos principais aspirantes ao trono.[72] Já em 1353, o arranjo do matrimônio de Pedro I com Blanca de Bourbon, que significaria a fixação de uma aliança entre Castela e França no contexto da Guerra dos Cem Anos, não fora para frente por não ter havido o pagamento do dote prometido pelos franceses em troca da aliança, acarretando no afastamento político de Albuquerque até seu exílio em Portugal.[73]

Como resultado deste início de reinado, de pronto apareceu uma forte oposição nobiliária que contava com o próprio Albuquerque e os filhos bastardos de Afonso XI, encabeçados pelo mais velho, Enrique, feito conde de Trastâmara por seu pai.[74] Com o intuito de destronar Pedro I, essa oposição foi vencida militarmente em 1343 e nas batalhas de Toledo (1355) e Toro (1356). As execuções e castigos dos rebeldes, o confisco das propriedades, as perseguições contra alguns eclesiásticos e o autoritarismo na nomeação de

---

[69] MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 31.
[70] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995.p. 408.
[71] Idem.
[72] MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 32.
[73] SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. **Historia de España**. Madri: Gredos, 1978. p. 430.
[74] A predileção de Afonso XI por seus filhos ilegítimos e o grande número de terras e de honrarias dados a eles foi um elementos responsáveis pela criação de um poder capaz de rivalizar o poder da coroa. RUIZ, Teófilo. **Las crisis medievales (1300-1474)**. Barcelona: Crítica, 2008. p. 108.

cargos nas cortes e nas ordens lhe valeram a criação do apelido de "Cruel" por parte dos seus inimigos.[75] A relativa paz desfrutada por Castela logo teve fim com o início do conflito castelhano-aragonês, a chamada "Guerras dos Dois Pedros". Os sucessos militares de Castela fizeram com que o monarca de Aragão, Pedro, o Cerimonioso, buscasse a ajuda de Enrique de Trastâmara.[76] De 1356 até 1366, o conflito acabou por aglomerar as forças opositoras com um mesmo interesse, transformando rebeliões e guerras isoladas em uma "autêntica guerra civil".[77]

Anos antes, o repúdio à Blanca de Bourbon havia influenciado em variar suas alianças internacionais, distanciando-se da França e reforçando a amizade com a Inglaterra. Com o reaquecimento da Guerra dos Cem Anos, Carlos V decidiu apoiar as forças de Enrique de Trastâmara com o envio das Companhias Brancas de mercenários franceses, sob o comando de Beltrán du Guesclin. Dessa forma, entrou sem dificuldade em Castela, onde recebeu apoio massivo da nobreza, se coroando rei em Burgos e reunindo cortes nessa mesma cidade.[78] Como resposta, Pedro, o Cruel, buscou apoio das tropas de Edward de Gales, o "Príncipe Negro", e obteve sua última vitória em Nájera (1367). Com a incapacidade de cumprir sua parte no acordo, o exército inglês partiu e, dois anos depois, Enrique de Trastâmara invadiu novamente o reino e, desta vez, conseguiu derrotar Pedro I em Montiel, sendo ali assassinado por seu meio-irmão, agora Enrique II, rei de Castela.

O primeiro reinado da nova dinastia de Trastâmara (1369-1379) seria marcado por uma política de estabilização, com a repressão dos focos de resistência *petristas*[79] e a reafirmação das alianças diplomáticas, fazendo intenso uso dos enlaces matrimoniais como meios de legitimação da própria dinastia e da afirmação da força castelhana,[80] como é perceptível nos sucessivos acordos firmados entre as cortes portuguesas, de Aragão e Navarra, que servirão mais tarde como base da justificativa das ambições imperialistas dos Trastâmara. Por outro lado, Enrique II firmou e manteve a aliança com a França, servindo como importante suporte naval durante seu reinado e o de seu sucessor Juan I (1379-1390), quando Castela, segundo MacKay, confiaram nos monarcas franceses "até um extremo que quase

[75] IRADIEL, Paulino ; MORETA, Salustiano ; SARASA, Esteban. op. cit., p. 409.
[76] MITRE, Emilio. **La España medieval. Sociedades. Estados. Culturas.** Madri: ISTMO, 1994. p. 268.
[77] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban, op. cit., p. 409.
[78] MITRE, Emilio. **La España medieval. Sociedades. Estados. Culturas.** Madri: ISTMO, 1994. p. 269.
[79] Ibidem. p. 270.
[80] SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. **Historia de España**. Madri: Gredos, 1978. p. 459.

converteu o reino em um estado-cliente da França",[81] atuando fortemente contra os ingleses durante a Guerra dos Cem Anos.

Vale salientar aqui que, enquanto o eixo franco-castelhano se mantinha coeso desde a ascensão dos Trastâmara até as vitórias no Atlântico, a aliança entre Portugal e Inglaterra também se mostrava assentada em bases sólidas. De modo geral, ela se mostrou firme durante as frustradas tentativas de John de Gaunt de reclamar o trono castelhano através da linhagem de sua esposa, filha do assassinado Pedro I, o Cruel.[82] Mas foi ao longo das crises dinásticas portuguesas, entre 1383 e 1385, que demonstrou todo o seu vigor face às tentativas de cunho hegemônico de Castela na península. Como vimos anteriormente, ao nos debruçarmos sobre o infante Pedro, com a morte de Fernando I de Portugal sem deixar herdeiros, Juan I de Trastâmara pleiteou a coroa em nome de sua esposa Beatriz, filha do falecido rei. Com o apoio militar inglês às forças nacionais encabeçadas por João I, Mestre de Avis, foram capazes de causar uma "tremenda derrota",[83] utilizando habilmente arqueiros ingleses e trincheiras na batalha de Aljubarrota.

O reinado de Enrique III (1390-1406), por sua vez, começou turbulento, mas transcorreu sem grandes crises ou conturbações, diferentemente do que havia ocorrido nos tempos de Enrique II e Juan I. Por ter assumido o trono com apenas doze anos de idade, era esperado que um regente governasse em seu lugar até ser alcançada a maioridade do rei. O "habitual litígio" pelo controle da regência foi minimizado graças ao abandono de John de Gaunt da tentativa de reivindicar o trono castelhano, que já havia selado matrimônio entre sua filha (e descendente de Pedro I, o Cruel), Catalina de Lancaster e o novo rei.[84] O feito mais notável nesta fase inicial de conselhos regenciais, segundo Suárez Fernandez, foi que "ninguém se atreveu a protestar",[85] o que denota a estabilidade que a dinastia Trastâmara havia conquistado.

Ao assumir o poder de fato em 1393, "demonstrou ser um monarca enérgico, apesar de seus constantes problemas de saúde".[86] No plano interno, tratou de frear as ambições da alta nobreza que havia comandado sua regência. Quanto aos assuntos exteriores, com o passar dos anos, Enrique III foi responsável por um importante realinhamento expansionista. "Símbolo de novos tempos", o monarca prestou seu apoio às campanhas do francês Jean de

---

[81] MACKAY, Angus. **La España de la Edad Media**. Desde la frontera hasta el Imperio (1000 – 1500). Madri: Cátedra, 1991. p. 136.
[82] O'CALLAGHAN, Joseph. **A history of medieval Spain**. Ithaca: Cornell University Press, 1983. p. 527.
[83] SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. **Historia de España**. Madri: Gredos, 1978. p. 467.
[84] RUIZ, Teófilo. **Las crisis medievales (1300-1474)**. Barcelona: Crítica, 2008. p. 115.
[85] SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. op. cit., p. 477.
[86] Idem.

Bethercourt nas Ilhas Canárias, "abrindo passo para a posterior conquista das ilhas e a presença castelhana nas rotas marítimas do Atlântico Sul".[87] Também foi capaz de encerrar a guerra com Portugal em um duradouro tratado,[88] além de estar por trás de duas expedições de suma importância para esta pesquisa: a missão diplomática para Samarcanda e as incursões marítimas no Mediterrâneo e Atlântico, como vimos anteriormente nas exposições sobre a *Embajada à Tamorlán* e *El Victorial*.

Se os anos de Enrique III desfrutaram de relativa calmaria, a época de Juan II (1406-1454), seu sucessor, foi o completo oposto. Monsalvo Antón propõe a seguinte divisão dos principais acontecimentos ocorridos em Castela durante este longo reinado, marcado por uma complexa trama de mudanças, alianças, guerras intermitentes e um grande número de forças políticas das mais variadas origens. A primeira etapa foi caracterizada pela menoridade de Juan II e a consequente regência. Na ocasião da morte prematura de seu pai, o novo rei de Castela contava com apenas dois anos de idade. Dessa forma, comportam a regência a mãe do rei, Catalina de Lancaster e o tio Fernando, conhecido posteriormente como Fernando de Antequera graças à vitória deste sobre os muçulmanos na cidade homônima em 1410. Posteriormente, em 1412, fora eleito rei de Aragão, sendo também chamado por Fernando I (essa coroação também significou a expansão do domínio Trastâmara neste reino). Apesar da relativa estabilidade durante a regência, graças ao alinhamento entre os interesses castelhanos e aragoneses, foi nessa mesma época que se gestou o principal núcleo de conturbações das décadas seguintes: os próprios descendentes do regente.[89]

Desde 1419, quando Juan II atinge a maioridade, até 1445, Castela passou, em linhas gerais, por uma segunda etapa do reinado, desta vez marcada pela contraposição entre facções aristocráticas e os interesses da coroa, "com várias idas e vindas de êxitos e fracassos".[90] Dentre essas facções, a principal ficou conhecida como *infantes de Aragão*, chamada assim por ser constituída pelos filhos de Fernando de Antequera, como vimos anteriormente, rei de Aragão: Juan e Enrique. Os dois irmãos haviam se beneficiado muito da influência de seu pai. O primeiro foi a principal força dos interesses dos *infantes* em Castela ao mesmo tempo que foi rei de Navarra e, após a morte de seu irmão mais velho, se tornaria também rei de Aragão.

---

[87] IRADIEL, Paulino ; MORETA, Salustiano ; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995. p. 415.

[88] Fazemos menção aqui ao tratado de 1393, todavia, reconhecemos a maior importância do tratado de 1411 no que diz respeito à paz entre os dois reinos. MARQUES, José. **Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994. p. 352.

[89] MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 51.

[90] Idem.

Detinha muitos senhorios em Castela, em destaque o forte ducado de Peñafiel.[91] Enrique, por sua vez, foi conde de Albuquerque e mestre da Ordem de Santiago, além de ter recebido grandes porções de terra da união com a irmã de Juan II, o tornando, provavelmente, "o mais rico dono de terras do reino".[92] Ambos também tinham o apoio de seu irmão mais velho, Afonso V, que havia herdado o trono de Aragão e passava seus dias em Nápoles, parte de seus domínios na época. Como antagonista dos poderosos *infantes de Aragão* estava o condestável Álvaro de Luna, "um personagem ambicioso que ascendeu politicamente até converter-se em *privado* de Juan II e que encarnava a defesa da instituição monárquica".[93]

Por várias décadas, a inabilidade política de Juan II e a divergência de interesses transformou o cenário político castelhano em um verdadeiro "jogo de todos contra todos".[94] Envolvendo todos os membros da alta nobreza, a partir de 1439 a luta das duas facções tomou um formato digno de guerra civil, opondo os partidários das duas facções em dois "bandos nobiliários"[95] culminando com a retirada de Luna em 1441 e seu retorno triunfante em 1445, com a vitória definitiva do privado do rei sobre os infantes na batalha de Olmedo, resultando no confisco de seus senhorios em Castela, a morte de Enrique e o recuo de Juan para Navarra. Vale aqui lembrar o apoio dado pelo infante Pedro de Portugal, então regente de Afonso V, para Luna e a curiosa similaridade do desfecho de ambas as trajetórias.[96]

Por fim, a última etapa do reinado de Juan II corresponde aos anos de "tirania" e decadência de Álvaro de Luna até sua execução, entre 1445 e 1454:

> O condestável foi perdendo aliados e a alta nobreza, grande parte dela vítima de represália por Luna, foi agrupando-se contra ele. Seus rivais políticos não foram os descendentes de Fernando de Antequera e sim as novas ligas nobiliárias renovadas, mas quanto à liderança destas foi muito marcado e progressivo o protagonismo do futuro Enrique IV, ainda príncipe. As ligas nobiliárias forjaram a caída final do privado Luna, executado em junho de 1453. No ano seguinte morria Juan II.[97]

Finalizando este breve panorama de conturbações e mudanças políticas em Castela, os primeiros anos do reinado de Enrique IV, entre 1454 e 1460, aconteceram de forma pacífica, sem sublevações de nobres e contestações do poder régio, como aconteceria no

---

[91] MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 52.
[92] O'CALLAGHAN, Joseph. **A history of medieval Spain**. Ithaca: Cornell University Press, 1983. p. 551.
[93] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995. p. 421.
[94] RUIZ, Teófilo. **Las crisis medievales (1300-1474)**. Barcelona: Crítica, 2008. p. 125.
[95] MONSALVO ANTÓN, op. cit., p. 53.
[96] SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. **Historia de España**. Madri: Gredos, 1978. p. 539.
[97] MONSALVO ANTÓN, op. cit., p. 53.

restante de seu reinado.[98] Do fim do reinado de Enrique III até a harmoniosa fase inicial de Enrique IV, podemos, pois, definir o período em que os nobres quiseram registrar e dar a conhecer suas viagens. Desse modo, pudemos ver quais foram os antecedentes e as diretrizes da coroa espanhola, em um conturbado período recheado de reviravoltas, caminhando no sentido de dispor de subsídios capazes de auxiliar a compreensão do ponto fundamental de comunhão dos quatro livros de viagens: o pertencimento à chamada "nobreza de serviço".

Antes do surgimento desse novo tipo de fidalguia em Castela, é necessário ter em mente que a vitória de Enrique Trastâmara sobre as forças de Pedro, o Cruel, deve ser compreendida como a vitória do "estamento nobiliar sobre o autoritarismo real".[99] Juntamente com o reino francês que havia firmado uma sólida aliança, como vimos anteriormente, Castela assumiu "a defesa de uma ordem social aristocrática e de um modo de vida cavaleiresco",[100] fortalecendo a posição senhorial no centro do edifício social, embora paralelamente observasse uma profunda alteração na sua própria configuração. Desde o final do século XIII e princípios do XIV, as velhas famílias poderosas já vinham sofrendo uma significativa redução demográfica em função das práticas endogâmicas, além de sucessivas crises econômicas e a peste de 1348. A própria magnitude da guerra civil entre Pedro I e Enrique de Trastâmara colaborou para a morte de muitos fidalgos vitimados pelas batalhas ou pelas represálias do rei, desaparecendo antigas famílias poderosas como os Laras, Haros, Castros e Meneses.[101] Nesse sentido, o vazio deixado pelos antigos *magnates* do reino foi aos poucos sendo ocupado por aqueles que haviam apoiado os Trastâmara durante o conflito ou que souberam mudar de lado a tempo. "Veio à tona alguns homens novos exigindo a parte que lhes correspondia na vitória",[102] o que implicou nas chamadas *mercedes enriqueñas*: a promoção de concessões por parte da monarquia.

Os anos subsequentes a essas concessões foram de intensa reorganização nobiliárquica, ainda que a existência de um último obstáculo houvesse de ser superado para a consolidação de uma "nova nobreza": os parentes de Enrique II. "O acúmulo de concessões graciosas de senhorios, privilégios, terras e recompensas de cargos aos partidários"[103] do rei não criaram propriamente a total renovação do grupo aristocrático, neste primeiro momento, por terem beneficiado, sobretudo, os parentes próximos do rei que iriam compor os quadros

---

[98] MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 53.
[99] MITRE, Emilio. **La España medieval. Sociedades. Estados. Culturas.** Madri: ISTMO, 1994. p. 269.
[100] SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. **Historia de España**. Madri: Gredos, 1978. p. 459.
[101] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995. p. 529.
[102] RUIZ, Teófilo. **Las crisis medievales (1300-1474)**. Barcelona: Crítica, 2008. p. 112.
[103] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. op. cit., p. 529.

da administração régia.[104] É notória a doação de ducados, condados e marcas para os irmãos, sobrinhos, primos e filhos bastardos do monarca, que iriam procurar exercer "uma espécie de poder cortesão paralelo ao do rei"[105] ao longo do reinado de Juan I e Enrique III e que os levaria muitas vezes a enfrentar abertamente a coroa. Comumente conhecidos como *epígonos Trastamaras*, estes poderosos nobres foram aos poucos sendo desalojados de suas posições privilegiadas através do confisco real, assim como também através da compra, da mercê e da troca de domínios por uma fidalguia que se consolidaria no plano político castelhano como uma *nobleza de servicio*[106] no reinado de Enrique III. Vale ressaltar que essa nova aristocracia não surgiu de fora da nobreza castelhana e sim das camadas médias e baixas da própria nobreza, em uma complexa rede de relações de parentesco: a clientela.

A organização interna do grupo nobiliárquico e da monarquia perpassa a ideia de coesão relacionada às estratégias familiares. Dessa forma, o parentesco tinha um papel central na sociedade medieval[107] como um meio de articular diversos ramos de um mesmo grupo consanguíneo em torno de uma unidade, com implicações militares, econômicas e jurídicas. Desde 1369, ainda que haja precedentes, Enrique II generalizou a concessão de privilégios para que a nobreza instituísse *mayorazgos* em seus senhorios e bens.[108] Assim, altera-se o desenvolvimento da alta nobreza beneficiária desse processo, com a modificação da estrutura cognática de parentesco, baseada na sucessão bilinear e na endogamia, para a estrutura agnática, fundamentada na sucessão da linha masculina e na exogamia. Dessa forma, as relações consanguíneas da aristocracia se reconfiguram em linhagens, uma organização familiar ampla de estrutura patrilinear, integrada a várias famílias menores e chefiada por um "parente maior" rodeado por uma clientela.[109] Parte integrante da sociedade política, a rede de dependentes que a clientela representava e seu eficaz sistema de relações verticais[110] foi a

---

[104] MACKAY, Angus. **La España de la Edad Media**.Desde la frontera hasta el Imperio (1000 – 1500). Madri: Cátedra, 1991. p. 148.
[105] MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005. p. 38.
[106] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. op. cit., p. 413.
[107] GUERREAU-JALABERT, Anita. Parentesco. In. LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006, p. 334.
[108] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995. p. 536.
[109] LADERO QUESADA, Miguel Ángel. Linajes, bandos y parcialidades em la vida política de las ciudades castellanas (siglos XIV y XV). In. **Bandos y querellas dinásticas en España al final de la Edad Media**. *Actas Del Coloquio celebrado em la Biblioteca Española de París los días 15 y 16 de mayo de 1987.*París: Ministerio Español de Asuntos Exteriores, 1991. p. 110. APUD. DACOSTA, Arsenio. *Método y crítica acerca Del parentesco en el seno de la nobleza bajomedieval.* Online, 2005. Consultado em 15/07/2009. 48 p. Disponível em *Proyecto e-Spacio UNED: Repositorio institucional de la UNED:* http://e-spacio.uned.es/fez/list.php
[110] IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. op. cit., p. 535.

responsável por fortalecer e propiciar a origem da pequena e média "nobreza de serviço" que acabou por suplantar a alta nobreza de estirpe real.

A característica central dessa fidalguia baseia-se na fidelidade à monarquia, tradicionalmente ligada à noção de bom vassalo. Segundo Quintanilla Raso, no século XV, ser fiel ao rei começou a ser entendido como ser "servidor" do rei.[111] A vinculação direta à coroa e, paralelamente, a identificação com os interesses do reino através de serviços prestados se tornou o critério de engrandecimento e elemento suscetível ao reconhecimento da monarquia mediante a prática da "graça régia". Desse modo, como meio de premiar os feitos da aristocracia, cabia ao rei a distribuição de cargos administrativos e militares. Por se valer mais do mérito do que propriamente os prestígios das grandes linhagens, este novo tipo de concessão régia representava o desenvolvimento da valorização da capacidade técnica[112] de desempenhar o seguimento da política real.

Dessa forma, os protagonistas dos livros de viagens compartilham padrões de comportamento com esses grupos, mais precisamente das camadas baixas e médias constituídas por cavaleiros e fidalgos. Além de dispor da confiança de Enrique III posto que exercia o cargo de camareiro em sua corte, é provável que Ruy González de Clavijo tenha sido escolhido para chefiar a embaixada para Tamerlão graças à sua capacidade de aliar o alto valor cerimonial que o emprego de um nobre conferia à comitiva com a competência técnica que vinha sendo cada vez mais exigida durante as relações diplomáticas, principalmente no que diz respeito à sua habilidade em descrever a viagem.[113] De modo semelhante deve ter sucedido na escolha de Pero Niño para o comando das expedições militares que capitaneou, quando pôde representar os interesses castelhanos no Mediterrâneo e no Atlântico assim como o relato de Pero Tafur pode ter sido utilizado como um instrumento de fazer conhecer a sua competência de "servidor" para tentar galgar posições nas comitivas diplomáticas.[114] Apesar de não ter sua origem na pequena ou média nobreza castelhana, o condestável Pedro, na ocasião da produção do *Libro del Infante Don Pedro*, desejava a identificação com os interesses do reino português e a "graça régia", a fim de reverter sua condição de exilado e destituído de seus cargos e terras, em sintonia com as formas de ação dessa nova nobreza.

---

[111] QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008. p. 50.
[112] QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008. p. 53.
[113] QUELLER, Donald. **The Office of Ambassador in the Middle Ages**. Princeton: Princeton University Press, 1967. p. 227.
[114]MEREGALLI, Franco. "Las memorias de Pero Tafur". **Dicenda,** 6, 1987. p. 301.

Em síntese, foi possível notar neste capítulo as diferenças entre os protagonistas das viagens, atentando para as especificidades dos motivos que os levaram a viajar, assim como os itinerários e as características de seus textos. Por outra perspectiva, também foi delineado o ponto em comum desses fidalgos, isto é, o fato de estarem ligados ao surgimento de uma nova fidalguia, assentada sobre novas formas de atuar nos jogos de poder. Assim sendo, veremos a seguir as temáticas compartilhadas entre os livros de viagem e de que forma estes representam um interessante testemunho da cultura nobiliárquica do período.

2 CAPÍTULO
OS ITINERÁRIOS PERCORRIDOS

> Nos espíritos da Idade Média todos os acontecimentos, todos os casos fictícios ou históricos, tendem a cristalizar-se, a tornar-se parábolas, exemplos, provas a fim de servirem de modelo de uma verdade moral. Da mesma maneira cada palavra se transforma em sentença, máxima, texto. Para cada dúvida quanto ao procedimento, a Escritura Sagrada, a lenda, a história, a literatura fornecem numerosos exemplos ou tipos, constituindo no conjunto uma espécie de código moral ao qual pertence o caso em questão.[1]

Na passagem acima, retirada do clássico quase centenário de Huizinga, o autor buscou frisar o valor das narrativas para os medievais. Sem perdermos de vista os assuntos trabalhados no capítulo anterior, ou seja, sobre as semelhanças e diferenças dos livros de viagem estudados, além da caracterização da nova nobreza de serviço, grupo em que se inserem os protagonistas viajantes, veremos a seguir os principais temas trabalhados pelos livros de viagens que servirão de base para pensarmos o lugar desses textos para a cultura nobiliárquica do período.

A fim de facilitar a análise, separamos as temáticas mais recorrentes em dois eixos diferentes: o primeiro buscou reunir temas que expressam a relação dos viajantes com os assuntos de cunho religioso, tal como a ideia de um Deus intervencionista e o trato textual das relíquias. O outro eixo diz respeito aos temas de estreita ligação com os assuntos relacionados ao poder, como as narrativas de aplicação da justiça e a própria vida dos homens poderosos exemplares. A partir dessas e de outras passagens caminharemos para a construção de um "modelo de verdade moral", como indicou Huizinga.

2.1 - Assuntos de fé

O veneziano Niccolò de Conti era mercador e, em razão do seu ofício, em 1428, iniciou sua viagem para várias localidades exóticas do Oriente, tais como Índia e a China, e após seu retorno narrou suas experiências para o humanista Poggio, que as colocou por escrito em seu *Historiae de Verietate Fortuae.*[2] Pero Tafur o encontrou às margens do Mar Vermelho

[1] HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisseia, 19??. p. 237.
[2] VALLEJO, Eduardo Aznar. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madri : Síntesis, 2007. p. 48.

quando o último voltava de sua longa permanência no Oriente, o que fez com que o relato do italiano fosse incluído dentro do *Andanzas,* rendendo uma versão com aproximações e distanciamentos em relação ao livro de Poggio.[3] Após ganhar a confiança do castelhano por ser uma pessoa "grave, discreta e de bom gesto", revelou para Conti que era "cavaleiro natural da Espanha" e que desejava seguir viagem para conhecer a Índia.[4] O veneziano, por sua vez, resolveu contar sua história a fim de dissuadir Tafur de seus planos, considerados perigosos demais na conjuntura asiática daquele momento:

> [...]em certo tempo em que Tamurbeque senhoreava, eu estava em Alexandria com certa riqueza de meu pai, e de ali houve de ir para a Babilônia. Por mal regimento e pouco juízo de minha idade, que era por volta de dezoito anos, perdi o que tinha e com desespero e vergonha de voltar a terra, fui onde Tamurbeque andava e fiquei em sua corte por um ano. De lá busquei caminho para a Índia Maior, porque naquele tempo tudo era seguro, até a Índia o (Tamurbeque) tudo senhoreava. Quando cheguei a Índia, fui levado para o Preste João, o qual me recebeu muito bem e me fez muitas mercês, e me casou com essa mulher que aqui trago, e esses filhos lá tive, que quarenta anos que vivo na Índia com grande desejo de voltar a minha terra.[5]

Pela forma com que é introduzido no texto, é bastante provável que a existência ou mesmo a confirmação da existência de Preste João não fosse algo digno de espanto para um homem do século XV. Rei imaginado, "que se supunha reinar na Índia ou na Etiópia", foi capaz de conquistar um "sucesso admirável, que fez dele a figura idealizada do rei sagrado e desse rei impossível na Cristandade, o rei-sacerdote".[6] Desde seu polêmico aparecimento através de cartas[7] enviadas para os grandes poderes do século XII, Preste João era assunto recorrente nas mais diversas descrições sobre o Oriente e o depoimento do veneziano não deve ter surtido um impacto maior que a naturalidade por Tafur, ainda que tenha suscitado curiosidade posto que o viajante castelhano mostrou interesse e prazer em ouvir as histórias sobre o monarca oriental. Durante todo o caminho compartilhado com Conti, "não fazia outra

---

[3] Sobre sua história e o confronto de testemunhos Cf: BOUCHON, Geneviève. **Le Voyage aux Indes de Nicolò de Conti (1414 – 1439)**. Paris, Chandeigne, 2004.
[4] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 60.
[5] Ibidem. p. 61.
[6] LE GOFF, Jacques. "Rei". In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval.** Vol. II. Bauru: Edusc, 2006. p. 410.
[7] Para saber mais sobre a origem do mito e o lugar do Preste João na tradição medieval sobre o Extremo Oriente, ver: RICHARD, Jean. "L'Extrème Orient Légendaire au Moyen Âge: Roi David et Prète Jean". In: RICHARD, Jean. **Orient et Occident au Moyen Age: Contacts et relations (XIIe – XVe)**. Aldershot: Ashgate, 1976. pp. 225-242.

coisa salvo saber sobre a Índia", seja através de conversas com o italiano, seja através de escritos feitos por ele e emprestados para Tafur.[8]

Durante suas conversas, as expectativas do fidalgo em relação às histórias do extremo Oriente giravam em torno da figura do monarca mítico. Conti afirma até ter vivido em sua corte por bastante tempo, e que era muito requisitado pelo monarca para contar sobre os reinos cristãos e suas guerras, testemunhando até mesmo o envio de embaixadores para o Ocidente, embora não tenha tomado ciência se haviam ou não obtido sucesso em suas missões.[9] No *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, por sua vez, a narrativa alcança seu ponto mais detalhado e denso quando Santisteban descreve a visita que Pedro e seus cavaleiros fizeram à corte do próprio Preste João, o que rendeu, além da descrição dos costumes testemunhados, uma carta feita pelo próprio Preste João endereçada ao "Rei Leão da Espanha".[10] Todavia, é interessante notarmos profundas discrepâncias quanto à forma como o poder desse rei é retratado. Para Tafur, Conti "disse que era grande senhor e que tinha vinte e cinco reis a seu serviço".[11] O italiano, por outro lado, ressalva que seus vassalos não eram grandes homens, sem contar outros muitos súditos que não respeitam lei alguma e "seguem o rito gentílico". Já em Santisteban, o mítico senhor se apresenta como "rei maior dos cristãos" e declara seu poder:

> A todos que cobiçam ver e saber que coisas são em nosso senhorio, vos dizemos que havemos XL reis nossos vassalos, e os pobres de nossa terra nós os fazemos manter por Deus de nossas rendas, e deveis saber que nossas partidas são três Índias, Índia Maior, Índia Mediana e Índia Menor. E naquela que moramos, a Índia Maior, nela está o corpo de São Tomé Apóstolo.[12]

O número de vassalos de Preste de Santisteban supera em mais que o dobro o de Conti. Esse padrão de superioridade de um em relação ao outro se mantém em outras passagens. O italiano de Tafur fala brevemente sobre os canibais, apenas os enunciando como "a coisa mais estranha" que viu,[13] enquanto, para Santisteban, a presença dos canibais é a própria razão de existir do reino de Preste João, como uma espécie de heroico bastião contra

[8] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 62.
[9] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 94.
[10] Assim chamado o rei João I de Portugal na narrativa. ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 281.
[11] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 62.
[12] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 28.
[13] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 63.

esses exércitos malignos. Aqueles cujos "filhos são as tumbas dos pais",[14] em uma requintada referência aos homens canibais de quatro olhos, habitam a fronteira do reino, atrás de uma cordilheira de montanhas e cercados por sessenta e dois castelos, "os mais fortes do mundo", guardado cada um por milhares de soldados. Se eles puderem sair de seu confinamento, "destruiriam o mundo", pois para cada castelo cristão, há quinze do inimigo. É o poderoso e temido povo do Gog e Magog, associados à tradição escatológica da cristandade medieval. Na chegada do Anticristo, sairão de seu cativeiro e nada poderá impedi-los, nem mesmo se houver uma união de todos os poderes do mundo, relembra Santisteban. Somente a intervenção divina salvará os reinos cristãos, quando então "Deus enviará fogo do céu" e nada desse povo restará.[15]

São vários os outros povos pitorescos que Santisteban e o infante mencionam. Há homens de pés redondos que não são guerreiros, mas ótimos lavradores. Há homens e mulheres do tamanho de crianças de cinco anos, cristãos, que devem lutar contra pássaros gigantes por sua sobrevivência. Há também os centauros, habitantes do deserto, lar da selvageria, onde comem carne crua e "vivem como animais". Pero Tafur pergunta para Nicolo de Conti se este avistou algum desses povos, "coisas monstruosas em forma humana" e o italiano negou. Por outro lado, afirma ter visto muitos animais de "estranhas figuras". Falou sobre um elefante branco como a neve que eles mantinham amarrado a uma coluna com correntes de ouro e adorado como um deus; um asno que tinha "quantas cores se podia dizer", e que havia sido entregue como presente para o Preste João, além dos famosos elefantes de guerra que tinham castelos nas costas.[16] Quanto aos animais avistados, o Oriente de Santisteban também assume características míticas mais exaltadas ao descrever bestas como o grifo, que tem tamanha força que pode carregar durante o seu voo um boi para alimentar seus filhotes. Escreve também sobre a prática de se capturar os velozes camelos e dromedários no deserto quando ainda são bastante novos e "feito mansos" para poderem ser cavalgados, como o próprio viajante e seus companheiros fazem.[17]

Outro tema muito recorrente sobre o monarca e que é tocado de maneira muito diferente pelos dois livros diz respeito ao Paraíso Terreal. Avisados pelo Preste João que o único povo que existia e que ainda não tinham visto era o de Gog e Magog,[18] o infante Pedro

---

[14] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 27.
[15] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. op. cit., p. 28.
[16] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 66.
[17] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. op.cit., p. 26.
[18] Sobre Gog e Magog, ver: BOULOUX, Nathalie. "Les formes d'intégration des récits de voyage dans la géographie savante. Quelques remarques et un cas d'étude: Roger Bacon, lecteur de Guillaume de Rubrouck". In:

decidiu ir ainda mais adiante, até que não houvesse mais nenhuma *generácion*, isto é, mais nenhum povo para ser visto. Assim, observando que era impossível dobrar a vontade do príncipe português, foram entregues a ele e seus cavaleiros seis dromedários e dois intérpretes para a viagem. Após vários dias atravessando planícies sem nenhum contato com outras pessoas, avistaram os rios Tigre, Eufrates, Giom e Fisom (ou Pisom), "que são rios que saem do Paraíso Terreal":

> E pelo Tigre saem ramos de oliva e ciprestes, pelo Eufrates saem palmas e murtas, pelo Giom sai uma árvore que se chama *linaloe* e pelo Fisom saem os papagaios voando de seus ninhos na água. Destes rios se mantém todo o mundo de águas, pois destes rios se fazem os outros.[19]

O Conti de Tafur, por sua vez, conta que, em épocas passadas, Preste João desejou saber sobre a nascente do Rio Nilo, outro rio muito ligado à tradição fluvial edênica. Dessa forma, preparou barcos com muita comida para poderem navegar por muito tempo pelo rio e depois contar o que tinham visto. Depois de verem muitas terras, povos e animais maravilhosos, tiveram que retornar porque haviam ficado sem mantimentos e "Preste João sentiu grande pesar" por terem falhado em sua missão de descobrimento.[20] Então ele consultou seu conselho para saber se seria possível enviar pessoas que não falhariam por falta de comida:

> [...] e tomou crianças e, privando-as de leite, foram criadas somente a base de peixe cru –o que não é grande maravilha, pois se ouve dizer daqueles que vão à Guiné que daquela parte há gentios que não comem outra coisa se não peixe cru- e depois de criadas as crianças, as deu barcos e redes e mandou que não voltassem de maneira alguma sem trazer certas informações sobre aquilo que procuravam.[21]

Assim partiram e encontraram muitas nações diferentes, mas optaram por não se comunicar com nenhuma por medo de serem dissuadidos a voltarem. Encontraram então um lago grande como um mar que os levou até uma montanha enorme, e dela jorrava água de uma abertura do topo que não conseguiam enxergar. Então, foram mandados homens para que subissem e dissessem o que tinha naquela abertura. O primeiro subiu mas se recusou a descer e a responder qualquer pergunta aos outros. Então, subiu outro do grupo e agiu como o

---

BRESC, Henri; TIXIER DU MESNIL, Emmanuelle (dir.). **Géographes et voyageurs au Moyen Âge.** Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010. p. 122

[19] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 27.

[20] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 89.

[21] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 63.

primeiro. Assim, frente à imobilidade dos marujos que se recusaram a voltar ao barco, a tripulação decidiu retornar sem eles. Depois de contarem o que havia acontecido para Preste João, o monarca entendeu que "bem parecia que a Deus não desejava que mortais soubessem mais e por isso havia posto essa abertura".[22] A catatonia daqueles que tinham subido era resultado da visão do Paraíso.

Dentro de todos os elementos relacionados ao onírico senhor cristão do Oriente, um dos mais pertinentes está relacionado à questão de seu rito sucessório. "Quando falece o Preste João não pode ninguém ser Preste por linhagem, nem por senhorio", ao contrário das práticas da cristandade ocidental. Nesse reino, o novo homem escolhido para ostentar a coroa é assim feito "pela graça de Deus".[23] Na cidade de Alves (conhecida também como Edicia), todos os sacerdotes se juntam em procissão ao redor do Apóstolo São Tomé que estende seu braço e abre sua mão em direção daquele escolhido para ser o novo Preste João, e todos a sua volta o acolhem com grande solenidade e o encaminham para beijar a mão do apóstolo e depois todos os outros sacerdotes beijam a mão do Preste, que deverá portar a coroa até sua morte. Então, colocam o cinto de Santa Maria – "o qual foi jogado pela Senhora quando os anjos a carregavam para o céu e São Tomé pegou" – em cima de duas vigas cruzadas de ouro. Por fim, os presentes se encaminham para o altar de São Tomé cantando o Evangelho segundo São João "e dessa maneira é eleito Preste até o fim".[24]

O misticismo e a aura divina da Índia de Santisteban pouco se assemelham com o relato de Conti, embora a característica básica de ser um processo eletivo seja mantida como um padrão. Segundo o italiano, no topo de uma grande montanha indiana existe um monastério "muito notável", onde é costume, entre aqueles que possuem o grau de Preste (ou seja, sacerdote), mandarem doze "varões antigos, nobres de linhagem e de virtude" para elegerem o novo Preste João, quando o anterior morre. O processo de escolha dos candidatos é bastante complexo. Primeiramente, os filhos e as filhas mais velhos são mandados a esse lugar "para servirem", e eles casam entre si e têm filhos. Lá, eles têm acesso a tudo que precisam, inclusive "cavalos, armas, arcos e flechas e lhes mostram todos os jogos belicosos e a arte de governar pessoas".[25] Os eleitores, que também habitam esse lugar, fazem conselhos diariamente e selecionam aquele que "parece que deve suceder na senhoria". Quando acontece a morte de Preste João, seus cavaleiros levam seu corpo até o monastério para ser

[22] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 64.
[23] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 26.
[24] Ibidem. p. 27.
[25] TAFUR, Pero. op. cit., p. 62.

enterrado e retornam com o novo escolhido - educado e eleito por aqueles nobres anciãos, recebido com festas e presentes de seus vassalos.[26] Em ambos os casos, é nas terras de Preste João, as índias, que se encontra o corpo de São Tomé. Ainda que não represente o significativo protagonismo na sucessão do monarca da mesma forma que é apresentado no livro de Santisteban, Conti segue a tradição de atribuir ao santo à conversão do reino indiano através do milagre de mover e serrar uma árvore vinda do Paraíso que só pôde ser manipulada após os povos aceitarem o batismo.[27]

Além do corpo de São Tomé, é muito recorrente a descrição de relíquias vistas pelos viajantes. Sucesso entre a Cristandade desde os primeiros séculos, esses objetos simbolizavam ao mesmo tempo a ligação entre a vida e a morte, o Céu e a Terra e a abolição do tempo e da finitude humana através desses restos mortais dos santos, "mortos especiais" do cristianismo.[28] A maioria das relíquias diz respeito aos corpos dos santos, ora encontrados inteiros, ora apenas em partes. São Gregório,[29] São Paulo, São Pedro,[30] São João Batista,[31] São Cristóvão, Santa Helena,[32] Santo André, São Nicolau, Santa Catarina, São Luís,[33] São Pantaleão, Santa Maria Madalena, São Lucas Evangelista, São Inácio, Virgem Maria, São Estevão, Santa Ana, São Basílio e muitos outros santos[34] foram encontrados e registrados pelos viajantes.

Em sua maioria, as relíquias eram apresentadas em recipientes ou com acessórios luxuosos, e o estado de conservação dos restos mortais eram dignos de nota e espanto. O pouco impressionável Clavijo se preocupou em detalhar cada encontro com as relíquias, procurando registrar em sua obra a maior quantidade de informações que lhe foi possível notar nesses objetos. Ao se deparar com o braço esquerdo de São João Batista em Constantinopla, relata que se encontra queimado, restando apenas a pele e o osso e que portava uma pulseira de ouro com pedras preciosas incrustadas.[35] Quanto ao braço direito do santo, encontrado em outro templo da cidade, o viajante deixa transparecer certo fascínio perante a relíquia. Fora decorado com hastes de ouro e "estava bem fresco e são", ao contrário do esquerdo, pois se manteve invulnerável às chamas enquanto todo o corpo foi queimado.

---

[26] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 88.
[27] Ibidem. p. 94.
[28] BROWN, Peter. **The cult of the saints: Its Rise and Function in Latin Christianity**. Chicago: University Press, 1982. p. 78.
[29] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 67.
[30] TAFUR, Pero. op. cit., p. 39.
[31] Ibidem. p. 42.
[32] Ibidem. p. 167.
[33] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. op. cit., p. 91.
[34] Ibidem. p. 92.
[35] Ibidem. p. 63.

Havia sobrevivido ao fogo por ter sido o braço com o qual tinha apontado "Ecce Agnus Dei" na passagem do Batismo no Jordão.[36] Porém, Clavijo notou que um dedo estava faltando na mão e indagou os monges sobre o porquê desse fato, o qual foi respondido com uma história bastante peculiar sobre um dragão que ameaçava os habitantes da antiga Antioquia pagã. Uma vez por ano, a cidade "tirava sorte" para escolher uma pessoa que seria entregue para o dragão como uma forma de ele poupar a destruição da cidade. "Tal sorte dizem que caiu, naquele tempo, na filha de um bom homem", e então "seu coração se encheu de culpa e lamento, sabendo que não poderia escapar do sacrifício de sua filha". Em sua angústia por salvá-la, o homem, que até então era pagão, procurou os monges cristãos da cidade e pediu para ver o braço do santo, que sabia ser capaz de operar milagres. "Com compaixão por sua dor", os monges mostraram a relíquia para ele, que, ajoelhando para a devoção, mordeu o dedo da mão de São João Batista e o deixou escondido em sua boca para os monges não perceberem. Quando chegou, enfim, o momento de sua filha ser entregue para o dragão, arremessou o dedo para dentro da boca do monstro assim que ele abriu a boca para abocanhar a moça "e explodiu logo o dragão". "Foi um grande milagre e aquele homem se converteu a Fé de nosso Senhor Jesus Cristo".[37]

Todavia, nem todas as relíquias são compostas de restos mortais de santos, e os viajantes se depararam com um vasto número desses objetos santificados. Com exceção do "hábito do glorioso e bem aventurado São Francisco",[38] visto por Ruy de Clavijo em Constantinopla, a característica capaz de unir todas essas relíquias em um mesmo grupo é o fato de pertencerem à época da vida de Jesus Cristo. Assim, os viajantes narram o seu encontro com os pilares usados por Jesus em sua pregação, a corda que Judas usou para cometer suicídio,[39] o pedaço do pilar em que Jesus foi açoitado, os pregos da cruz, os espinhos da coroa de Cristo (vistos tanto em Santa Sofia[40] quanto em Rhodes[41]), a bacia que Jesus usou para lavar os pés,[42] sopa de pão da última ceia, a pedra que recebeu o corpo de Jesus depois de ter sido tirado da cruz[43] e o Santo Graal.[44]

---

[36] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 18.
[37] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. 66.
[38] Ibidem. p. 91.
[39] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 37.
[40] Ibidem. p. 140.
[41] Ibidem. p. 52.
[42] Idem.
[43] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. op. cit., p. 81.
[44] TAFUR, Pero. op. cit., p. 229.

Algumas dessas relíquias receberam atenção especial e foram seguidas de comentários interessantes se pensarmos quais peculiaridades atraíam o olhar dos viajantes. Em Roma, Tafur demonstra surpresa com a simplicidade da cadeira de São Pedro, onde os papas se sentam depois de eleitos e também com o perigo em torno da exibição do Véu de Verônica, pois são tantos os adoradores e "tão grande é o aperto" que a vida deles fica em perigo.[45] Já em Constantinopla, o fidalgo mostrou descrença em relação a uma história sobre a estátua que abre e fecha as mãos como forma de dizer se o preço oferecido por determinado produto é justo ou não. Apesar de relatar a história na íntegra, é interessante como comenta que seria muito mais válido pôr sua fé em qualquer coisa encontrada nos Evangelistas do que nessa história.[46] Também deixa transparecer semelhante descrença perante outro artefato religioso durante a sua passagem por Nuremberg, quando foi apresentado às relíquias que, como dizia a lenda, Carlos Magno havia trazido de Jerusalém. Entre elas estava a lança que perfurou a costela de Jesus crucificado e logo Tafur afirmou, para todos escutarem, que ele já tinha visto a lança verdadeira na catedral de Santa Sofia, em Constantinopla[47] e que, portanto, a lança de Nuremberg era uma falsa relíquia. Segundo o castelhano, "se os senhores ali não estivessem, eu me veria em perigo com os alemães pelo que disse".[48]

Por outro lado, para além de serem objetos de adoração e instrumentos de milagres, é interessante notarmos que as relíquias também aparecem descritas como um importante elemento legitimador. Quando querem eleger um novo Grão Mestre, a Ordem dos Cavaleiros de Rhodes obriga os seus cavaleiros iniciados a fazerem um juramento com as relíquias presentes para que possam escolher "verdadeiramente sem afiliação alguma", elegendo para o cargo "quem merece mais".[49]

As relíquias ficavam guardadas em grandes lugares de adoração e muitas vezes eram mantidas como verdadeiros tesouros. Na capela de "Sancta Sanctorum", há uma imagem de Jesus Cristo pintada por São Lucas, "que foi grande pintor", a mando de Nossa Senhora após a morte de seu filho. Tafur conta que o quadro é a relíquia mais reverenciada de Roma, sendo guardada o tempo todo por quatro "homens honrados com suas maças de ferro". O "Dia de Santa Maria a Maior, em meados de agosto", é o único dia em que a imagem deixa a capela, ainda que saia em procissão "com muita gente de armas" para a sua proteção.[50]

---

[45] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 27.
[46] Ibidem. p. 99.
[47] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 140.
[48] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. op. cit., p. 142.
[49] Ibidem. p. 38.
[50] Ibidem. p. 28.

Em sua passagem por Constantinopla, Clavijo primeiramente não havia conseguido ver todas as relíquias no templo de São João Batista, em Petra, por essas estarem trancadas. Somente o Imperador detinha a posse das chaves que acessavam o baú onde ficavam trancafiados os artefatos. Na ocasião, o monarca havia partido para uma caçada e deixado as chaves com a imperatriz, sua esposa, que acabou falhando em enviá-las aos responsáveis pelos embaixadores.[51] Uma semana depois, quando enfim estavam em posse dessas chaves, o castelhano narra a série de procedimentos realizados para a demonstração das relíquias:

> Na chegada às portas da igreja nós encontramos os monges todos vestidos em suas vestimentas para nos atender, e eles haviam acendido várias tochas e velas: e as chaves estavam em mãos. Então, cantando seus cantos, subiram a uma torre onde estavam as relíquias, e com eles um Cavaleiro do Imperador, e tiraram uma arca colorada, e os monges a carregaram dizendo seus cantos muito dolorosos, e as tochas acesas e com muitos incensários em frente dela, a depositaram no corpo da igreja sobre uma mesa alta que era coberta de um pano de seda: a arca estava selada com cera branca e duas travas de prata.[52]

Após narrar a forma meticulosa com que o baú foi manejado, o viajante descreve vagarosamente como cada relíquia foi retirada e exposta para todos que estavam presentes, causando admiração não só em Clavijo como também nos outros "homens honrados e gentes da cidade", que "choravam fortemente" e faziam muitas orações.[53]

Nestes livros de "andar e parar, o espaço íntimo de igrejas e mosteiros constitui, também, motivo de parar e ver".[54] Dentre os relatos sobre os templos, os mais minuciosos feitos por Clavijo dizem respeito à Igreja de São João Batista[55] e à Catedral de Santa Sofia,[56] ambas visitadas durante sua estada em Constantinopla. O embaixador faz uma descrição minuciosa e paciente sobre as características mais técnicas, atento aos detalhes específicos do acabamento das paredes, a disposição de ambientes, as formas geométricas dos tetos e a decoração. De forma análoga[57] fez Pero Tafur durante sua visita por Roma, quando mostrou vislumbre especial pela Igreja de São Pedro[58], e também pelas igrejas de Constantinopla,

---

[51] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 64.
[52] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 25.
[53] Idem.
[54] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 64.
[55] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. op. cit., p. 62.
[56] Ibidem. p. 71.
[57] Sobre as aproximações dos dois relatos, cf: BRAVO GARCÍA, Antonio. "La Constantinopla que vieron R. González de Clavijo y P. Tafur: los monastérios". **Eryhtheia**, 3, 1983. p. 39.
[58] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 36.

notadamente as mesmas que o embaixador castelhano havia se demorado a escrever: Catedral de Santa Sofia[59] e Igreja de São João Batista.[60]

Jerusalém é descrita nos livros de viagens como se fosse uma grande catedral, convertida em um amplo templo a céu aberto da devoção medieval, amparada na "recuperação do tempo perdido da vida de Cristo".[61] Apesar de todas as vicissitudes políticas que a região passou desde o século XI até o século XV, a peregrinação à Terra Santa continua sendo "a viagem por excelência"[62] e o relato sobre a experiência dos viajantes na região ocupa lugar de destaque nos livros daqueles que tiveram a cidade em seu itinerário. Todavia, tanto o relato de Tafur quanto o de Santisteban retratam uma Jerusalém mais concreta e terrestre que aquelas descritas pelos primeiros guias de viagens, mais preocupados com a cidade eterna e celestial.[63] Zumthor destaca que, a partir da segunda metade do século XIV, "o testemunho vai se personalizando mais e a exposição se faz mais laica", caminhando para que, em fins do século XV, já nada diferencie "esses relatos de outros relatos de viagens".[64] De fato, a narrativa de Tafur parece mais preocupada em indicar o roteiro dos lugares visitados, descrevendo como fez para se locomover, onde passou as noites e como garantiu a sua segurança e o ingresso para os templos, como o salvo-conduto do sultão e o pagamento de taxas.[65] Essas últimas ocupam um lugar de destaque na narrativa de Santisteban, bastante preocupado em deixar claro quantos ducados cada visita custava para os viajantes, talvez como uma ferramenta utilizada pelo seu autor de conferir confiabilidade e comprovar a veracidade da passagem no texto para seu leitor.[66] Assim, de modo geral, ambos os relatos evocam "imagens de ausência, paraíso perdido, graça presente e desperdiçada", o que, segundo Zumthor, conduz para um "caminho interior que leva ao sentimento de exílio" dos visitantes.[67]

Outro ponto bastante recorrente nos textos diz respeito ao olhar dos viajantes perante os cristãos de outras nações. Ao se depararem com esses estrangeiros de fé semelhante é comum o enaltecimento ou a crítica de alguma característica na forma como se dá a devoção

---

[59] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 139.
[60] Ibidem. p. 228.
[61] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 65.
[62] ZUMTHOR, Paul. **La Medida Del Mundo** - Representatión del espacio en la Edad Media, Madrid: Cátedra, 1994. p. 188.
[63] Cf. CHAREYRON, Nicole. **Pilgrims to Jerusalem in the Middle Ages**. New York: Columbia University Press, 2000. p. 78 - 90.
[64] ZUMTHOR, Paul. op. cit., p. 287.
[65] TAFUR, Pero. op. cit., p. 54.
[66] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 14.
[67] ZUMTHOR, Paul. op. cit., p. 287.

desses povos. Durante a sua passagem por Trebizonda, Ruy de Clavijo se depara com os cristãos armênios, merecedores de seus elogios. Segundo seu relato, apesar de não ser um povo bem quisto perante seus dominadores, os armênios contam com um bispo e uma igreja de sua própria língua na região. "O serviço se assemelha ao dos católicos", embora o sacerdote não porte a cruz em sua veste e, enquanto lê o evangelho, "dá as costas para o abade e a cara para o povo".[68] Apesar das várias aproximações com os costumes católicos no que diz respeito ao modo como o crente deve se portar durante a Páscoa e a Quaresma, um fato deve ter chamado a atenção em especial do embaixador. Justamente por não beber e afirmar isso várias vezes durante sua narrativa (embora não chegue a especificar o porquê), é possível notar a admiração de Clavijo ao registrar a abstenção dos "comuns" de tomarem vinho durante todo o período quaresmal, o que gera a hipótese de que o contrário acontecia em excessos em sua terra natal. De modo geral, "faltam com alguns preceitos da fé, mas são muito devotos, e ouvem a missa muito devotamente".[69]

Os gregos do Império Romano do Oriente, entretanto, não cativaram o olhar do viajante da mesma forma.[70] Apesar de serem devotos, "há neles muitos erros na feitura da fé".[71] As suas principais faltas, segundo o castelhano, estão ligadas à forma como acontecem os ritos da missa, como o uso de uma cortina que separa, inclusive visualmente, o clérigo da congregação. Particularmente atento às práticas relacionadas aos alimentos, Clavijo destaca também o uso equivocado do pão e do vinho durante a liturgia, além das permissões e proibições ao longo da quaresma, ou de dias específicos, como, por exemplo, o fato de não comerem carne de quarta-feira e de sexta-feira durante o ano todo.[72] Também é interessante o fato de o viajante criticar a ausência do uso da bíblia na missa – salvo naquelas realizadas em Santa Sofia, em Constantinopla – ou sinos, preferindo a batida de um pedaço de madeira para marcar os momentos mais importantes do ritual.[73]

Todavia, dois pontos merecem destaque pelo espanto que devem ter causado no embaixador. O primeiro deles diz respeito ao batismo *post-mortem*, que, igualmente, é tido de forma equivocada pelos gregos:

---

[68] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 36.
[69] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 113.
[70] A desconfiança com os ritos gregos estava enraizada no Ocidente desde séculos antes do Cisma de 1054. BALARD, Michel. Bizâncio visto do Ocidente. In. . LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (dir.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006. p. 132.
[71] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. op. cit., p. 37.
[72] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. op. cit., p. 115.
[73] Ibidem. p. 114.

> E dizem que quando algum homem morre que viveu uma vida de maldade nesse mundo e entendem que é grande pecador, vestem o seu corpo com os panos de uma ordem (monástica) e mudam o seu nome para que o diabo não o conheça. Essas opiniões e outras eles têm, mas são um povo muito devoto e de grande oração.[74]

O outro ponto, por sua vez, aparece na forma de uma crítica direta ao clero grego e o costume de se casarem. Segundo Clavijo, todos os seus sacerdotes são homens casados, embora só possam se casar uma vez, além de a mulher ter que ser obrigatoriamente virgem. Caso o homem venha a falecer, a mulher não poderá se casar novamente, mantendo-se na viuvez, "e muito doloridas e com pesar pela perda por toda a sua vida".[75] Essas características se repetem quando Santisteban descreve o clero do reino do Preste João, reafirmando que todos são casados com "moças virgens", ainda que adicione que, caso o religioso morra, ela deverá manter-se celibatária e jamais sair do templo, "ainda que viva duzentos anos". Caso vá contra algum desses preceitos, "logo a mandam matar".[76]

Retomando o caso da eleição do Preste João narrado por Santisteban, onde a graça divina, expressa por meio de São Tomé, escolhe o sucessor, existem outras passagens das narrativas que contam a intervenção direta de Deus nas ações terrenas. Em Constantinopla, explicando o porquê da infalibilidade das defesas bizantinas face aos assédios turcos, Tafur conta a história do menino que guardava as ferramentas dos pedreiros que construíam a igreja de Constantino enquanto eles partiam para comer. Então, apareceu um cavaleiro "muito bonito" e disse para o menino ir e se juntar com os homens para se alimentar, que ele próprio prometia guardar as ferramentas e toda a cidade até ele retornar, coisa que o menino não fez, talvez por medo do castigo por não ter ficado ao lado das ferramentas. Assim, o cavaleiro teve que manter sua guarda da cidade e "este dizem que é um anjo", embora, lamenta Tafur, que escreveu o livro após a tomada da cidade em 1453, "pode-se dizer que o menino voltou e o anjo tenha deixado sua guarda, pois tudo está tomado e ocupado pelos turcos".[77]

A presença e a força da vontade divina também aparecem em Gutierre Díez da Games quando frisa o desejo de Deus de tirar a vida do rei Pedro I de Castela através da ordem de Enrique de Trastâmara. Relembra que aquele rei tinha enfurecido Deus com a "má vida que havia vivido" e o derramamento de sangue dos inocentes: "quando o poder de Deus quer executar a sua justiça, priva outro poder e não há força nem saber que possa resistir".[78]

---

[74] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 115.
[75] Ibidem. p. 114.
[76] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 26.
[77] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 100.
[78] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 251.

Aos moldes do Antigo Testamento e a história de Nabucodonosor, como veremos mais adiante,[79] a vigilância de Deus aparece com traços bastante vingativos. É curioso o destino que levou a igreja de Santa Helena em Constantinopla, registrado por Tafur. Segundo o viajante, muitos homens praticavam o pecado da sodomia dentro do templo, até que um dia "caiu um raio do céu e queimou toda a igreja e não restou nenhum dos que estavam juntos no pecado".[80] A trágica história de Pisa também se insere nessa ideia de punição divina. Um dia, o barco de um cardeal e certos prelados que serviam de embaixadores para o papa passou pelas proximidades do porto de Pisa e, sem fazer a saudação que era de costume, foi atacado e incendiado pela frota pisana. Furioso, o papa convocou uma cruzada contra a cidade, que acabou por "causar bastante dano". Com a intervenção de reis e príncipes, o pontífice concordou em absolver Pisa caso ela "ganhasse a Casa Santa Jerusalém", o que assim foi feito, mantendo a Terra Santa por algum tempo até vendê-la, pois "custava muito caro mantê-la". Desse fato "vem todo o mal que têm", e tanto foi a vingança de Deus que se tornaram "subjugados daqueles que eram seus servos".[81]

2.2 - Assuntos de poder

Como foi adiantado no capítulo anterior, a nobreza que protagoniza e escreve os livros de viagens estudados, entendida como uma nova "nobreza de serviço", tem a sua existência em estreita conexão com a esfera de influência da coroa. Assim, ao buscarmos compreender as temáticas diretamente ligadas ao poder, foi necessário buscarmos como ponto de partida de que maneira os reis são apresentados na documentação. Ao anunciar a sua autoria no relato da embaixada, Clavijo já expressa as qualidades de seu senhor ao mesmo tempo em que se apresenta perante o leitor. Logo no início da obra, diz ser "camareiro do muito alto e poderoso senhor Don Enrique, terceiro desse nome, rei de Castela e Leão".[82] O enaltecimento da figura do rei nesse caso, onde a própria razão de ser da viagem e de sua redação estão estreitamente ligadas à vontade e à ordem régia, é esperada. No entanto, o tratamento elogioso de Clavijo

[79] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 207.
[80] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 98.
[81] Ibidem. p. 154.
[82] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 2.

atinge o seu ponto mais alto mais adiante na obra, quando os embaixadores chegam em Samarcanda. O viajante registra a pomposa fala de Tamerlão sobre seu monarca:

> Vejam agora os embaixadores os quais me mandou meu filho o Rei da Espanha, que é o maior rei que há entre os francos, que existem no fim do mundo; e são pessoas de grande valor e de verdade; e eu darei a minha benção ao meu filho o rei: bastaria que ele me enviasse uma carta sem presentes, tão contente eu fiquei em saber da sua saúde e estado, como em me enviar presentes.[83]

Este é um anúncio do grande senhor asiático para todos aqueles que estavam presentes na ocasião: cavaleiros de Samarcanda, o Imperador da Tartária e vários outros grandes senhores. Clavijo faz Enrique III ser retratado como o maior rei da Cristandade através da boca do grande Tamerlão. Em Tafur, o rei é anunciado brevemente, pois queria expressar somente que havia viajado durante o período em que existia uma trégua feita "entre nosso senhor o rei Don Juan e os mouros", "inimigos naturais".[84] O mesmo tom mais brando é encontrado também no começo do *Libro del Infante*, quando o infante e seus doze cavaleiros foram "demandar licença" para seu pai, João I, a qual foi atendida juntamente com o recebimento de uma quantia generosa para auxiliar na viagem.[85] Todavia, como retomaremos no próximo capítulo, o rei sentiu muito não poder seguir junto aos cavaleiros e seu filho na viagem e a licença foi dada com "muita tristeza".[86] Por outro lado, Gutierre Díaz tarda a apresentar a figura do rei castelhano e ela não vem cercada de adjetivos elogiosos. A narrativa traça uma linha sucessória da ascensão dos Trastâmara juntamente com a linhagem de Pero Niño, e em nenhum momento os reis são apresentados de modo diferente, além da qualidade de "reis". O único monarca que ganha um tratamento especial é Pedro, o Cruel, que "mostrava ser muito justiceiro, mas tanta era a sua justiça, e feita de tal maneira, que se tornava crueldade".[87]

A questão da justiça não é apenas preocupação dos monarcas, mas também dos cavaleiros, tida como uma das quatro virtudes cardeais:

> Justiça é ato da mente, proveniente da razão, dar a cada um aquilo que dele é. Justiça é dar a cada um sua dignidade e honra, segundo é devida, e senhorio a quem é devido senhorio, e tributo a quem é devido tributo. Igualmente, justiça é união em

---

[83] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 74.
[84] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 15.
[85] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 12.
[86] Idem.
[87] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 241.

> comunhão humana, não para desejar mal ao próximo, mas ajudá-lo; não roubá-lo, mas restituir a ele aquilo que é devido e amar a Deus sobre todas as coisas.[88]

O próprio Pero Niño foi um executor da justiça. Um dos primeiros feitos narrados sobre o conde, então ainda jovem, conta a história de um embate contra inimigos da coroa. Na ocasião, o rei Enrique III havia assumido Castela com apenas treze anos e, como acontece "quando os reis são pequenos e estão sob tutela", "começa a existir pouca justiça porque não há pessoas a quem temer".[89] Anos mais tarde, quando o monarca levantava cerco contra o último castelo em poder do conde Don Alonso, seu inimigo, Pero Niño pediu armas para lutar "e pelejou tanto o donzelo que não houve nenhum outro naquele dia que tanto fez com suas mãos".[90] Estava claro para todos que ouviram falar sobre seus feitos de justiceiro naquele dia que "grande havia de alcançar por arte de armas e ofício de cavalaria".[91] Tafur também aparece como um executor da justiça, mas não do rei de Castela e sim do Imperador de Constantinopla. Durante sua estadia na cidade, foi procurado por um capitão castelhano para que o ajudasse na busca de um criminoso grego que havia cometido latrocínio quando tentava roubar um de seus barcos. Após trazer o assassino e o corpo da vítima perante o Imperador, ele ordenou ao carrasco para cortar as mãos e arrancar os olhos do grego e assim foi feito. Tafur explica que, desde a guerra contra Carlos Magno, o Imperador de Constantinopla, dentro dos acordos de paz, estava proibido de punir qualquer crime com a morte, somente com a mutilação das mãos e dos olhos. "E nessa maneira", comenta o fidalgo castelhano, "o Déspota nos deu justiça e nós nos contentamos com o que ele fez".[92]

Em outra passagem, também demonstra espanto quanto à forma como o Sultão do Cairo administra a Justiça. Na ocasião, três homens estavam sendo postos para serem executados publicamente. O intérprete diz que, na noite anterior, havia acontecido um roubo na casa do trocador de dinheiro e esses homens eram seus vizinhos. A punição foi dada por não terem "observado os ladrões e não ter o cuidado de suas coisas como tem com as suas". Tafur os acusa de estarem punindo inocentes com uma "sentença bestial", mas o intérprete replica dizendo que "a cada dia há mais e mais turcos", e se eles não aplicarem a justiça de uma forma cruel, tanto nos criminosos como nas testemunhas passivas, "não seria possível viver".[93] O embaixador Clavijo também mostra espanto com a violenta punição ordenada

---

[88] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 187.
[89] Ibidem. p. 270.
[90] Ibidem. p. 271.
[91] Ibidem. p. 272.
[92] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 147.
[93] Ibidem. p. 99-100.

contra o *trujiman* responsável por levar a comitiva para uma festa dada por Tamerlão. Por ter se atrasado, queriam que ele fosse pendurado pelo nariz por uma corrente e arrastado por todo o acampamento como um aviso para todos de Samarcanda. A sentença quase foi executada se um nobre da corte do monarca não interviesse e "pedisse clemência" para que não "fizessem justiça dele".[94] Durante a viagem do infante, na construção onírica da urbe oriental, se materializa "o sonho de uma ordem instaurada pelo poder"[95] e a violência: quando tomou conhecimento que um criado do rei de *Tremecén* havia esbofeteado um peregrino cristão, o sultão da Babilônia logo mandou que o agressor fosse enterrado até os sovacos, afirmando que se não "mandasse guardar aos peregrinos justiça, não passaria nenhum a terra de Jerusalém".[96]

Pero Tafur não deixa de mostrar sua admiração perante dois exemplos de Justiça bem administrada. O primeiro diz respeito ao Marquês de Ferrara, que ao flagrar o caso de sua esposa com seu filho (de outra mulher) não os executa imediatamente, como era seu direito, e os encaminha com misericórdia para um tribunal – que, por fim, ironicamente, sentencia os amantes com a pena de morte.[97] O outro caso, por sua vez, tem a peculiaridade de aliar o tema de justiça com a hospitalidade ao elogiar a forma como foi tratado pelos grandes homens de Genova. Quando chegou à cidade, os mercadores se recusaram a honrar as cartas de troca que ele tinha, mas então o Doge e outros senhores mostraram "muita honra e favor" e obrigaram os mercadores a pagarem Tafur com o dobro do valor que haviam acertado.[98] Para além da própria ideia de Justiça, pode-se notar também a valorização do bom recebimento feito por parte dos nobres genoveses.

A todo o momento os viajantes estão atentos à boa hospitalidade, prática fundamental para a realização das viagens e uma das maiores preocupações daqueles que vão percorrer mundos desconhecidos.[99] Em breves passagens, como o retorno de Pero Niño após a primeira campanha no mediterrâneo ou a visita de Tafur à Inês, irmã do rei do Chipre, não podemos deixar de notar o destaque que os autores dão para o fato de o viajante ter sido "muito bem recebido pelo rei e por todos os cavaleiros da corte"[100] ou que foi recebido "graciosamente",

---

[94] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 77.
[95] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 61.
[96] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 18.
[97] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 177.
[98] Ibidem. p. 27.
[99] OHLER, Norbert. **The Medieval Traveller**. Southampton: Boydell Press, 1989. p. 79.
[100] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 340.

desejando saber para onde o castelhano foi e para onde ia.[101] Também são observados e descritos várias vezes quando os anfitriões recebem os viajantes com alimentos. Não podemos mesurar o valor implícito para um público acostumado com a escassez alimentícia, quando ouvia narrações sobre festins com abundância de alimentos.[102] Clavijo, dentre os viajantes, é o mais interessado em descrever as refeições que presenciou. Isso se dá, talvez, pelo fato de ter encontrado a peculiaridade e o exotismo dos hábitos alimentares dos grandes senhores asiáticos, ao contrário dos outros viajantes que se mantiveram dentro de uma zona de costumes menos chocantes ao paladar, como a europeia ou a mediterrânea. Bábá Xeique, cavaleiro do sultão, espantou Clavijo ao receber a comitiva com muitos mantimentos, inclusive um cavalo assado por inteiro, "incluindo a cabeça".[103] Em Samarcanda, já na presença de Tamerlão, o banquete que os recebeu foi de tal forma marcante em sua viagem que mereceu uma detalhada e curiosa descrição do prato principal:

> A peça (de carne) mais honrada que eles faziam eram as ancas do cavalo inteiras com o lombo sem as pernas: e disso encheram dez bacias de ouro e de prata, e nelas colocavam também lombo de carneiro com suas pernas sem os jarretes: e nessas bacias colocavam pedaços de tripas de cavalos redondas assim como punhos, e cabeças de carneiro inteiras. Assim foram enchidas várias bacias e postas em fila, uma ao lado da outra, e logo vinham homens com vasilhames de caldo, no qual sal tinha sido jogado para derreter, o caldo era despejado em cada bacia como um tempero para a carne; por fim, tomavam uma torta de pão e, dobrando-as quatro vezes, as colocavam sobre os alimentos na bacia.[104]

É difícil imaginarmos o impacto que esses grandes banquetes tiveram em viajantes acostumados com a dura vida na estrada. Ou, se pensarmos no caso de Pero Niño, na dura vida no mar. Em um dos episódios mais peculiares de todo *El Victorial*, encontramos a descrição minuciosa de festejos e celebrações durante a estada do conde na corte de Serifontaine, convidado pelo almirante francês Renaud de Trie e sua esposa Jeannette:

> Os jantares, muito diversos e em grande número, e bem adornado, era de todos os tipos de carne, de peixes e frutas, dependendo do dia. Por quanto tempo durasse a refeição, cada homem que, com a devida temperança e guardando cortesia, em armas e em amores, bom lugar tinha de dizer e ser escutado, e bem respondido, e satisfeita sua intenção. Durante esse tempo, havia jograis que tinham graciosos instrumentos de mão. A bendição dita e as mesas arrumadas, vinham os menestréis, e dançava Madame com Pero Niño, e cada um dos seus com uma dama. Durava

[101] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 65.
[102] Cf. REGNIER-BOHLER, Danielle. Exil et retour: la nourriture des origens. **Médiévales**. Vol 2, Número 5. 1983. p. 67 – 80.
[103] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 166.
[104] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 75.

> essa dança até uma hora. Acabada essa dança, dava paz Madame ao capitão, e cada uma das damas com quem tinha dançado.[105]

Acostumados com a guerra, "a deliciosa vida de Serifontaine tem um encanto especial para Pero Niño e os seus companheiros",[106] acabando por requintar com grande refinamento a hospitalidade francesa oferecida a ele. Em Tafur, por outro lado, a comensalidade associada à hospitalidade aparece em diversas passagens,[107] mas em nenhum momento alcança a atenção do viajante a ponto de merecer uma descrição pormenorizada daquilo que foi servido a ele, embora não deixe de fazer comentários relacionados à qualidade geral da comida, como em Bruges e sua "muito custosa" culinária[108] ou Caffa e seus mantimentos que não se "conformavam" com a "natureza" de Tafur.[109]

Para além da valorização de uma boa recepção, os rituais de comensalidade são descritos como verdadeiras demonstrações de poder.[110] Era costume em todo Império de Tamerlão o acolhimento de embaixadores viajando para encontrar o monarca ou retornando da reunião[111] e é interessante notarmos que a complexidade do cardápio aumenta conforme o senhor que o oferece tem a preocupação de criar uma atmosfera onde ele se apresenta como um homem capaz de alimentar seus hóspedes com abundância, riqueza e imponência. Essas características atingem seu ponto mais alto quando chegam ao seu destino. Tamerlão ordenou que todos bebessem vinho em um banquete oferecido por ele, e isso não poderia ser recusado, pois, naquela cidade, não "ousam beber em público nem escondido sem sua licença".[112] Clavijo descreve, então, o costume dos tártaros de beberem o vinho antes da comida e em uma espécie de ritual, onde existe posição certa, ordem, servidores especializados e toda uma etiqueta preocupada em regrar as várias taças de todos aqueles que fizerem parte do festim. A associação entre o papel do banquete e o poder fica claro quando lemos que todas as doses são ingeridas na forma de um brinde a Tamerlão: "e o homem que assim o faz e mais vinho bebe, dizem que é *bahadur*, que dizem ser um grande homem". Aquele que se recusa a beber," fazem-no beber, mesmo que não queira".[113]

---

[105] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 429.
[106] Ibidem. p. 59.
[107] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 55; 73; 131.
[108] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 135.
[109] Ibidem. p. 95.
[110] BARTHES, Roland, "Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine". In: **Annales ESC**, n.16, 1961, p. 979.
[111] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 307.
[112] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012. p. 77.
[113] CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embassy to Tamerlane**. op. cit., p 230.

Porém, nem sempre os viajantes são retratados como coadjuvantes de poderosos. Díez da Games conta que quando chegou em Marselha, o capitão Pero Niño "foi bem recebido por cavaleiros da corte" e logo partiu para ver o papa. "Ele e seus cardeais o receberam muito bem, assim como os grandes que o cercam". Nas linhas seguintes, mudando o tom da hospitalidade a fim de deslocar os elogios das virtudes dos visitados para as do visitante, vemos o protagonista sendo apresentado com honras para fazer sua refeição lado a lado com o papa e outro grande senhor, o conde de Pallarés.[114] De maneira análoga, o autor do *Libro del Infante Don Pedro* também tece uma situação onde a importância dos viajantes é louvada durante a disposição de uma grande refeição:

> Tamerlão ordenou que para nós, vassalos do Rei Leão de Hispania, seu filho, eles deveriam colocar outro lugar com pratos próprios e que não deveria ser posto em círculo como assim o fazem, mas longitudinalmente em concordância com nosso costume e, também, de modo a ficar frente a frente com ele.[115]

Como indicou Francis Rogers, é bastante provável que a presença de Tamerlão no livro do Infante Pedro seja bastante devedora da leitura de Ruy de Clavijo por parte de seu autor.[116]

Dando continuidade aos temas relacionados com o poder, existem vários momentos das narrativas em que o relato é interrompido para explicar ou detalhar a vida de algum grande nobre. Na maior parte das vezes, essas breves descrições de alguns personagens parecem ser formas de especificar ou caracterizar um senhor de modo que não apareça no texto apenas como seu nome. Todavia, em alguns casos podemos perceber que as personagens ou as suas histórias impactaram de tal forma os viajantes que viraram narrativas à parte.

Já mencionamos anteriormente o aparecimento do marquês de Ferrara e o julgamento de sua esposa adúltera. Para além do caráter misericordioso do nobre, Tafur destaca também uma imagem sensata desse nobre. De origem francesa,[117] foi um dos maiores senhores da Itália de seu tempo, com várias cidades e castelos sob seu domínio. Aos oitenta anos de idade, preocupado com o fim que teriam suas posses, resolveu deixar de lado seus filhos legítimos, que na época eram ainda crianças, a fim de eleger como herdeiro seu filho bastardo. "Homem de grande virtude e galante cavaleiro",[118] a ele caberia a governança de todos os territórios de

---

[114] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993.p. 308.
[115] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 19.
[116] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 183.
[117] Em uma passagem, o viajante diz que ele "bem parece ser de nascimento francês", embora não desenvolva. TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. 178.
[118] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 178.

seu pai, embora ainda tivesse que destinar "uma metade" das rendas para o varão, isto é, o filho legítimo mais velho. Tudo isso, lembra Tafur, havia sido acordado através de documentos, cerimônias públicas de beija-mão e até mesmo a consulta e permissão do papa.[119] O viajante não esconde seu vislumbre perante o marquês de Ferrara e são vários os momentos em que ressalta o poder desse senhor, como quando fala sobre a hospedagem do imperador de Constantinopla no palácio do Marquês (chamado de *Paraíso)*[120] ou quando narra o translado feito pelo papa entre Ferrara e Florença, onde o nobre e suas tropas foram responsáveis por escoltar o pontífice, cuja segurança estava ameaçada pelo duque de Milão.[121] Esse último serviço foi retribuído pelo Papa através da confirmação de todos os seus privilégios, além de reduzir os tributos a serem pagos por ele para o papa.

Díez da Games é bastante claro quando admite procurar nas histórias dos grandes senhores o exemplo de virtudes a serem seguidas:

> Vistas e lidas muitas histórias e crônicas dos grandes feitos e muito famosos que os nobres príncipes fizeram, em conquistar terras, em lutas, em batalhas, em campos e cercos, tanto no mar quanto em terra, e pensando como durante esses feitos tiveram que passar por muitas afrontas e grandes aventuras e perigos [...] e todas essas coisas passaram inquirindo honra e fama. E como este livro é composto em razão de armas e cavalaria [...] quero fazer menção de alguns dos grandes príncipes que foram nesse mundo.[122]

São quatro os principais exemplos, "maiores no mundo, cada um em seu tempo".[123] O primeiro a aparecer é Salomão,[124] filho de Davi, rei da Judéia. Seu reinado não foi marcado por guerras ou grandes conquistas, mas sim pela imensa sabedoria do monarca, que soube governar, manter seu senhorio em paz, justiça e "grande sossego": "em seu tempo não houve no mundo tão poderoso rei".[125] Ganha destaque nos elogios da Games o episódio em que Deus aparece para Salomão em seu sonho e oferece ao rei qualquer coisa que desejar. Escolhe então "coração sapiente para que possa julgar este seu povo grande, e discernir entre o bem e o mal".[126] Após os virtuosos qualificativos oriundos do terceiro livro de Reis, no Antigo Testamento, Games relembra o leitor da rendição de Salomão aos vícios carnais, tema do

---

[119] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 178.
[120] Ibidem. p. 175.
[121] Ibidem. p. 226.
[122] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 193.
[123] Ibidem. p. 194.
[124] Le Goff associa a reabilitação do aspecto modelar do rei Salomão com as transformações da coroa em Estado administrativo e burocrático. LE GOFF, Jacques. "Rei". In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval.** Vol. II. Bauru: Edusc, 2006. p. 408.
[125] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 194.
[126] Ibidem. p. 195.

primeiro livro de Reis. "Subjugado e vencido pelo pecado", Salomão havia se apartado de Deus e acabou adorando os ídolos de suas mulheres, o que acabou por sentenciar seu próprio reino: "Não ficará para seu filho mais do que a tribo de Judá, e onze, tiradas, serão".[127] A título de curiosidade, o alferes castelhano afirma que o harém do rei possuía sessenta mulheres princesas e trezentas concubinas;[128] uma drástica redução, se confrontarmos com a cronística bíblica, que apontava o número de setecentas mulheres princesas, além das trezentas concubinas.[129]

O segundo "grande nobre príncipe" foi Alexandre, o Grande.[130] A maior parte das referências ao herói procede de versões medievais da lenda, em particular a versão espanhola do século XIII, intitulada *Libro de Alexandre*,[131] e compõe a imagem do ideal cavaleiresco, tema que será mais bem desdobrado no capítulo seguinte. Dando continuidade, portanto, o terceiro príncipe eleito por Díez da Games é Nabucodonosor, rei da Assíria, Pérsia e da Babilônia. Após um longo período de conquistas, incluindo Jerusalém, mandou construir uma estátua sua, "chamou-se deus, e mandou a todas as pessoas que adorassem sua imagem".[132] Apoiando-se mais uma vez no Antigo Testamento,[133] Games intercala a apologia a Nabucodonosor com a narração da sedução e consequente decapitação de Holofernes, general assírio, por parte da hebreia Judite. Com fidelidade à crônica da Bíblia, Judite aparece como uma heroína, "valente e engenhosa", capaz de salvar o seu povo mediante sua "ousadia e fé em Deus".[134]

Baseando-se, com similar fidelidade, na profecia de Daniel, Games retorna a história do rei assírio no fim do capítulo destinado a ele e relata a punição divina infligida contra Nabucodonosor pelo pecado de ter desrespeitado Deus e "se proclamado deus".[135] Depois de quinze anos vagando "desmemoriado como uma besta", Deus restituiu seus poderes e sua memória e "conheceu ele o poder de Deus".[136]

O quarto e último dos grandes príncipes da história foi Júlio César. De sua história, que se inicia com a introdução da origem dos reis de Roma com Rômulo e Remo, Games destaca dois episódios: a sua ascensão e a sua morte. Pertencente a uma das maiores linhagens

---

[127] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 197.
[128] Ibidem. p. 197.
[129] Encontrado na Bíblia em Livro de Reis I, 11;3
[130] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit. p.198.
[131] MIRANDA, Alberto. "Introdução". In: GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 122.
[132] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit., p. 205.
[133] Games condensa Judite, Livro de Reis. 13.
[134] MIRANDA, Alberto. op. cit., p. 111.
[135] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit., p. 207.
[136] Idem.

da cidade, Júlio César era homem de pequena fortuna, embora "muito virtuoso, de grande inteligência e de grande justiça e verdade".[137] Com os crescentes problemas que foram criados em Roma, o senado foi obrigado a entregar parte do seu poder para dois cônsules "contrários em linhagem, mas bons amigos": Júlio César e Catilina. O que chama a atenção no desenrolar da narrativa é que primeiro Catilina aparece como um "homem de boa linhagem, muito entendido e cauto", e aos poucos cai em desgraça enquanto César é exaltado. No centro das razões está a ação efetuada pelo último durante um processo envolvendo um caso de estupro. Era então lei em Roma que o estuprador fosse obrigado a dar para a família "certa quantia de moedas que está ordenada para com que casasse",[138] caso contrário, o criminoso seria sentenciado à morte. Após o estuprador, de forma arrogante, pagar aquilo que a legislação mandava, a mãe da vítima foi para a rua e gritou em cólera, "maldizendo a Roma, que tais leis guardava e tal ordenança fizera".[139] Após a súplica da mãe, compreendeu que um crime daquele tipo deveria ocasionar uma punição mais severa. Foi então que ordenou que pendurasse o criminoso na frente da casa, o que causou comoção no senado por ter "usado ofício que não era seu". Discursando em sua defesa, César alegou para os senadores: "Vi naquela lei minguada, e a corregi para melhor. E se Catilina não concorda comigo, merece perder seu ofício".[140] Depois de os senadores perceberem seu erro e apoiarem Júlio César, de ali em diante foi conhecido por sua capacidade de fazer Justiça "e ser muito temido pelos maus e amado pelos bons".[141]

Para Games, a virtude foi a única responsável pelo sucesso de César. Após o ocorrido, o senado decidiu separar os dois cônsules, ficando César como "capitão da gente da cidade" e Catilina como capitão das guarnições de fronteira. Com a grande "inveja e mal querência" que crescia em Catilina frente ao crescente contentamento dos romanos em relação ao seu rival, organizou um poderoso exército e cercou Roma. A pedido de todos, César organizou a defesa da cidade e saiu "com grande gente e desbaratou e matou Catilina. E de ali em diante foi Júlio muito mais temido".[142] Parente de Catilina, Pompeu aparece na história como um rival de César para, logo em seguida, ser apresentado como um par, "muito poderoso e honrado", que havia buscado conquistar as terras do Oriente enquanto o Ocidente havia sido reservado para Júlio César.[143] Porém, a amizade dos dois não pôde durar muito, pois cada um queria para si

[137] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 209.
[138] Ibidem. p. 209.
[139] Ibidem. p. 210.
[140] Idem.
[141] Ibidem. p. 211.
[142] Ibidem. p. 212.
[143] Idem.

"a honra e a vantagem" e não tardou para ficarem em lados opostos do campo de batalha, o que primeiramente levou a derrota de César. Julgando que seu rival não poderia se recuperar da batalha, deixou que escapasse: "nem Pompeu soube vencer, nem Júlio César foi vencido", e logo mediram forças mais uma vez. César levou a vitória na revanche e não deixou Pompeu escapar, e assim se proclamou "o único imperador de Roma".[144]

Júlio César estava, então, em sua maior prosperidade, que "maior não podia ser que ser senhor de todo o mundo".[145] A partir desse ponto, a apologia à personagem alcança sua faceta mais interessante quando pensamos qual foi o legado de Júlio César para Games. Em Roma, havia ainda muitos inimigos da parte de Pompeu que tramavam secretamente sua morte. Chamado para comparecer ao Senado, "os da linhagem de Pompeu" tinham colocado homens armados escondidos em um lugar escuro. Uma "dona de Roma", que sabia que ele seria assassinado, não se atreveu contar a ele através da fala por sua "grandeza" e o entregou uma carta[146]. Tomando por mais uma "petição ou querela", manteve a carta em mãos para ler depois. Ao passar pelo lugar marcado, seus inimigos saíram e começaram a lhe dar "grandes feridas de facas e espadas".[147] Em seus momentos finais, Júlio César teve uma postura exemplar perante a morte:

> [...] Nunca deu voz, nem foi pouco ou mais. Mas tomou com suas mãos e fechou as vestes do corpo, e cobriu a face; e assim caiu no chão, estendido, por que não fez má contenção ao tempo da morte. [...] E disseram que nunca houve morto mais bonito, e que fora bom vivo e bom morto.[148]

A carta que lhe havia sido entregue pela misteriosa mulher foi encontrada em sua mão e nela continha toda a descrição da traição. "Alguns disseram" que o imperador "não havia lido a carta", mas outros, e é provável que neste grupo o próprio Díez da Games faça parte, disseram que havia lido, "mas que antes quis padecer morto que mostrar medo".[149] Antes desse episódio, César havia procurado Virgílio, "maior sábio que havia então naquelas partidas", e contou a ele o seu desejo de que seu nome e sua sepultura "durassem para sempre", e assim Virgílio o fez. Primeiramente, mandou trocar o nome do mês *quintil* por Júlio e que assim "fosse chamado por todo o mundo". Depois, foi buscar em Jerusalém o lugar onde Salomão tinha escolhido para serem deixados os seus ossos, que era no topo de um

---

[144] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 214.
[145] Ibidem. p. 215.
[146] Idem.
[147] Ibidem. p. 216.
[148] Idem.
[149] Idem.

obelisco, dentro de uma "maçã de outro". Agora em Roma, os restos de César se uniram aos restos de Salomão.[150]

Vimos, portanto, de que forma os viajantes retrataram matérias que viram ou que ouviram falar, no sentido de compor um interessante quadro capaz de elencar e avaliar aquilo que foi digno da admiração ou criticado pelos fidalgos ao longo do seu trajeto. No capítulo seguinte, por sua vez, deslocaremos a análise daquilo que viram para a forma como procuraram se pensar, nomeadamente à luz das virtudes nobiliárquicas.

[150] Tafur também indica a presença das cinzas do ditador romano neste edifício, chamado de "agulha de césar", que recebeu a curiosa qualidade de "muito estranho". TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 37.

3 CAPÍTULO
A EXALTAÇÃO À NOBREZA

> A concepção e definição deste grupo dominante, que somente alcança verdadeira entidade se se aborda a partir de sua inserção em uma ordem social determinada, e em relação com a estrutura política existente. Em sua dimensão intrínseca, o conceito de nobreza está definido por alguns elementos caracterizadores, como são a condição de seu privilégio, o poder e o conjunto de qualidades morais, sociais, políticas, englobadas sob a denominação de *virtus*.[1]

Ao longo da dissertação, procuramos perceber, inicialmente, as características que singularizavam os protagonistas dos livros de viagens, para depois vermos o que os unia como um grupo capaz de ser analisado como um todo, isto é, o pertencimento à mesma camada social. Sem perder de vista as temáticas abordadas no capítulo anterior, veremos, no presente capítulo, a *virtus*, como coloca Quintanilla, intrinsicamente ligada à ideia de nobreza, que os viajantes quiseram exaltar e as hipóteses sobre a sua instrumentalização, sempre considerando que os livros de viagens estudados são expressão da cultura nobiliárquica do período.

3.1 - O ideal cavaleiresco

Ao aportar em Santander, no norte de Castela, após um longo período em que capitaneou a armada castelhana enviada para ajudar os aliados franceses no canal da Mancha e arredores, Pero Niño foi recebido com uma mensagem do rei que o convocava para o seu encontro. Então, montou em seu cavalo e partiu imediatamente para Madri, onde estava estacionada a corte de Enrique III. Entrou no palácio com toda a sua armadura, "como quem há muito tempo andava em guerra a serviço de seu senhor o rei" e foi muito bem recebido por todos os presentes. O rei, querendo "honrar e galardoar" disse: "Pero Niño, eu quero vós sejas cavaleiros logo agora".

Já se tinham passado longos anos que o fidalgo servia oficialmente o rei, primeiramente na costa mediterrânea em missões contra corsários do norte da África e depois

[1] QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008. p. 17.

em auxílio contra os ingleses no contexto da Guerra dos Cem Anos. Em resposta à vontade real, disse:

> Senhor, eu poderia ter sido feito cavaleiro em outros lugares e praças em que estive, em que outros nobres homens se armaram cavaleiros, segundo o costume daquelas partidas de onde eu tenho andado; mas, senhor, sempre foi minha vontade de receber esta ordem de cavalaria de vossa mão, na vossa casa, por quanto eu sou feito vosso e criança de vossa casa. E se não porque eu agora estou armado, eu não gostaria de ser [armado] cavaleiro agora até que fizesse com vós, senhor, e com vossas hostes alguma conquista daquelas que vosso coração desejar. Mas seja feito como vossa mercê manda.[2]

Então, em seguida o rei fez grande festa e mandou chamar todos os grandes homens de sua corte para testemunhar o ritual, que infelizmente não foi descrito por Gutierre Díez da Games. Apesar de mostrar valentia mais uma vez e afirmar que já poderia ter sido feito cavaleiro, sempre foi sua vontade ser armado por Enrique III, ainda que tenha exteriorizado a sua preferência por ser armado em um outro contexto: lado a lado com as tropas reais em uma batalha de conquista.[3] Esta última foi a forma como entrou na cavalaria o infante Pedro de Portugal e seus irmãos, armados na tenra idade por seu pai, antes da Conquista de Ceuta, em 1415.

Desde o século XIII, a cavalaria já se encontrava mesclada com a nobreza como um "corpo muito bem delimitado", colocado "no centro do edifício social". Com a superioridade e a excelência que outrora eram exclusivas da aristocracia, a cavalaria e o ideal cavaleiresco "encarnam os valores chaves de uma cultura".[4] Hervé Martin, ao estudar a mentalidade cavaleiresca, destaca para o modelo ideal as seguintes características: crer nos ensinamentos da Igreja e, com escrúpulos, cumprir todas as suas obrigações religiosas; proteger essa mesma Igreja; defender os fracos, as mulheres, as crianças, os padres e monges; amar sua terra; nunca recuar perante o inimigo; lutar contra o infiel; cumprir rigorosamente os deveres feudais; condenar a mentira; fazer prova da liberalidade e da *largesse* com todos; em suma, combater todo o mal, defender todo o bem.[5] A proeza, a lealdade e a *largesse* são ressaltadas por Duby como o resumo dos valores da "muito rude" ética cavaleiresca.[6] Flori segue a mesma linha e

---

[2] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 503.
[3] Não era considerado honroso ser investido cavaleiro em uma festa de corte sem ter acontecido uma batalha previamente. Cf. DUARTE, Luís Miguel. **D. Duarte: Riquem por um rei triste**. Lisboa: Temas e Debates, 2007. p. 57.
[4] DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Lisboa: Teorema, 1988. p. 31.
[5] MARTIN, Hervé**. Mentalités mediévales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996. p. 306.
[6] DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 211.

destaca também três valores centrais[7], embora fale de *Courtoise* ao invés de lealdade, ainda que isso não represente contradição alguma. Pastoreau,[8] em seus estudos sobre o cotidiano, não deixa de elencar essas mesmas características.

Apesar de não relatar a sua entrada para o grupo aos moldes do ocorrido com Pero Niño, Tafur sempre se apresenta nas conversas narradas em seu livro como *caballero*. Em Urbino, na península itálica, o conde lhe faz um questionário muito interessante. Primeiramente pergunta de onde era, o qual responde "de Espanha". Depois perguntou se era gentil-homem de nascimento e se era cavaleiro e respondeu que sim. Depois dessas respostas, quis saber então como havia chegado à vila e o que desejava, denotando a importância que o estatuto nobiliárquico conferia aos seus assuntos.[9] Por outro lado, enquanto há um silêncio sobre a sua iniciação, Tafur se refere brevemente a uma ocasião em que ele próprio armou três gentis-homens, dois alemães e um francês, durante a sua passagem por Jerusalém. O viajante relata apenas que, antes do evento, eles fizeram uma confissão, receberam o sacramento e depois, com os fidalgos já encimados "cavaleiros do Santo Sepulcro", fizeram orações para relíquias e no dia seguinte foram à missa.[10]

Ruy de Clavijo, dentre os viajantes, é o menos afeito às questões cavaleirescas. Os seus interesses são mais técnicos e práticos em relação aos outros autores, preferindo ser identificado como "embaixador" a qualquer outro título.[11] Todavia, algumas vezes demonstra atenção para os assuntos da guerra, estreitamente ligados à ética da cavalaria de sua época. Assim como fez Tafur, ao mostrar sua admiração perante as qualidades defensivas da "famosa" fortaleza de Gibraltar,[12] Clavijo se maravilha com a cadeia de muralhas impenetráveis e as torres da ilha de Gaeta, principalmente a Torre de Orlando, que se acredita ter sido erigida pelo próprio herói literário.[13] Também chama atenção do castelhano o imenso poder da máquina de guerra de Tamerlão, descrita como uma força implacável de homens e animais, chamando a atenção do fidalgo justamente pela falta de semelhança com as práticas vividas na Cristandade, onde poucas vezes a guerra assumia proporções tão gigantescas;[14]

---

[7] FLORI, Jean. **Chevaliers et Chevalerie au Moyen Âge**. Paris: Hachette Littèratures, 1998. p. 259.
[8] PASTOREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 48.
[9] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 33.
[10] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 62.
[11] Embora a historiografia não tenha dúvida que seja de estirpe nobre e cavaleira de Madri, o que o possibilitou ocupar o cargo de camareiro-mor na corte de Enrique III de Castela. CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embajada à Tamorlán**. Madri, Editorial Castalia, 1999. p. 30.
[12] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. op. cit., p. 22.
[13] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 31.
[14] Cf. CONTAMINE, Philippe. **La guerre au Moyen Age**. Paris: Presses Univertaires de France, 2003.

> Quando Timur chama seu povo para a guerra, todos se juntam e marcham com ele, cercados por seus rebanhos de ovelhas e vacas, carregando seus pertences, além das suas esposas e crianças. [...] nas terras que invadem, o seu rebanho, nomeadamente e particularmente as ovelhas, os camelos e os cavalos servem de ração para a horda. Marchando à frente de seu povo, Timur tem conquistado grandes feitos e conseguido várias vitórias, pois os tártaros são um povo muitos valente, bons cavaleiros, muitos habilidosos com no tiro com o arco e excessivamente resistentes.[...] Eles sofrem frio, calor, fome e sede com mais paciência que qualquer outra nação em todo o mundo.[15]

Gómez de Santisteban, muito devedor da narrativa de Clavijo, também identifica o senhor da guerra asiático como "poderoso", perpetuando a fama de Tamerlão.[16] Utilizando um tom bem menos elogioso que anteriormente, Ruy de Clavijo descreveu a influência dos costumes belicosos turcos no exército dos gregos de Constantinopla, com seus guerreiros fazendo uso de "espadas e arcos" e cavalgando como eles, com um "estribo curto".[17]

Nos livros de viagens estudados, há momentos em que os autores deixam de lado a descrição dos lugares visitados e tecem comentários que parecem próprios da tratadística medieval. Atento ao fundamento geral de sua obra, que é fazer da vida e das aventuras de seu senhor, Pero Niño, um modelo de nobre cavaleiro, Gutierre Díez da Games, baseando-se na tradição literária sobre as virtudes, procura definir o que é ser um bom cavaleiro. María Rosa Lida de Malkiel define a intenção do alferes: a exposição da vida de um fidalgo "como ilustração do conceito de perfeito cavaleiro, estudado em abstrato no largo proêmio".[18]

O alferes relembra que existem três ordens de cavalaria "de nosso Senhor Deus". Em primeiro lugar está a ordem dos anjos que "pelejaram" contra Lúcifer e lançaram ele e seus seguidores na "profundidade dos abismos", recebendo nada mais nada menos que a "gloria eterna" nessa batalha que dura até hoje, pois os anjos continuam a nos defender sem cessar. O capitão dessa cavalaria é São Miguel Arcanjo, defensor da igreja de Deus.[19]

A outra ordem de cavalaria é a dos mártires, "que morreram pela santa fé católica benzendo as pompas e ameaças do mundo, e do diabo e da carne".[20] Games diz que existem duas maneiras de se vencer o inimigo, sendo uma completamente diferente da outra. Uma delas é a maneira como acontece nos campos de batalha, onde se faz uso de lanças e espadas e "chamam ao morto vencido e ao matador vencedor". Porém, essa ordem luta de outra forma.

---

[15] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 191.
[16] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 18.
[17] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. op. cit., p. 115.
[18] LIDA DE MALKIEL, María Rosa. **La Idea de la fama em la Edad Media Castellana**. México: FCE, 2006. p. 279.
[19] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 229.
[20] Idem.

Nesta batalha, ninguém traz armas materiais, apenas a cruz como bandeira, a "fé católica como escudo" e o evangelho nos corações e boca. Seu capitão é "nosso senhor Jesus Cristo" e suas vitórias acontecem quando defendem a fé com firmeza até a morte, sem se deixarem convencer ou recuar perante "falsas declarações e errôneas opiniões de incrédulos e hereges".[21]

Após descrever essas duas ordens e identificar diretamente os anjos e os mártires como pertencentes à cavalaria, a terceira, por sua vez, é a terrena. Assim, coloca os guerreiros lado a lado com os ícones mais altos da fé:

> [...] cavaleiros tem nosso senhor Deus, que são os bons reis da terra, justos, direitos e tementes a Deus, e os bons cavaleiros que procuram defender e amparar a mãe Santa Igreja, e a fé católica, e a verdade de seu rei e seu reino. Como prêmio, têm acopladas na gloria aquelas cadeiras celestiais que Lúcifer e os maus anjos perderam por sua soberba.[22]

Essa ordem, a Ordem da Cavalaria, é capitaneada pela Virgem Maria. Conforme já estava formalizado nos teóricos da sociedade tripartida,[23] o cavaleiro acima de tudo deve defender a Santa Igreja e a "verdade de seu rei e de seu reino". Sempre lançando mão de um tom mais pedagógico em sua tratadística, o alferes de Pero Niño procura responder "o que é, o que deve ser e por quem é chamado bom cavaleiro", chegando até mesmo a discorrer sobre a a própria definição do nome da ordem, que se dá, naturalmente, pelo exercício de andar e lutar a cavalo. Para entrar nas fileiras da cavalaria existem pré-requisitos fundamenteis. É inadmissível a entrada de pessoas cavalgando asnos e mulas, homens fracos, medrosos, covardes, pois apenas "homens robustos e fortes, sem temor e esforçados" e que saibam montar o cavalo podem ser agraciados com tamanha honra.[24]

Um reino somente consegue ser honrado, temido, defendido e amparado quando o monarca pode contar com bons cavaleiros. "O rei sem bons cavaleiros é um homem sem pés e sem mãos". Sem nunca se esquecer das campanhas marítimas feitas por seu senhor a mando de Enrique III, Games enfatiza: "mais seguro está o rei quando envia um bom cavaleiro com uma hoste e encomenda um grande feito"- e frisa - "tanto por mar quanto por terra".[25] As intempéries da vida na guerra também são meticulosamente assinaladas pelo alferes a fim de deixar bem claro que o exercício da cavalaria está longe de ser tarefa fácil:

---

[21] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 230.
[22] Idem.
[23] Cf. DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982. p. 319-334.
[24] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit., p. 231.
[25] Ibidem. p. 232.

> Os cavaleiros, na guerra, comem o pão com dor; os vícios dela são dores e suores; um bom dia entre vários ruins. Põem-se a todos os trabalhos, tragam muito medo, passam por muito perigos, aventuram suas vidas a morrer ou viver. Pão mofado ou *vizcocho*[26], carnes ruins, que ora tem, ora não tem. Pouco vinho ou nenhum. Água de poças. As cotas vestidas, e carregados de ferros; os inimigos aos olhos. Más pousadas, piores camas, feitas de trapos ou de estopa. Má cama, mal sono.[27]

Tal é a dureza do ofício da arte da cavalaria. Sublinha: essa dureza é ainda mais pesada e severa no mar. E por isso os guerreiros são merecedores de honra e de grandes mercês dos reis.[28] Por outro lado, Díez da Games relembra que nem todos são capazes de serem cavaleiros. Deus distribui a sua graça conforme o dom de cada um, sendo que alguns nasceram para as letras, outros para serem bons mercadores, outros bons mecânicos ou lavradores "e a outros de ser cavaleiros e bons defensores". Se alguém que não nasceu para ser outra coisa assim tentar, sem dúvida irá falhar, "pois não é sua natureza", e "por essa razão andam muitos errados na cavalaria".[29] Como resume o alferes: "Não faz o hábito o monge, mas o monge o hábito."[30]

O lugar de pôr à prova todo esse conjunto de qualidades que o guerreiro montado deve ter é no combate. Nele se exprime a coragem, a valentia, a prontidão para a batalha, o enfrentamento da morte certa e a conquista do butim. Decorre do heroísmo do guerreiro e suas proezas uma dose apreciável de orgulho,[31] este, por sua vez, ligado à honra e ao renome. Pero Tafur teve uma breve participação em uma batalha antes de zarpar da península ibérica. Fez parte de um assalto valente, embora muito malsucedido, de uma fortaleza moura em Gibraltar, sob comando do conde de Niebla, que acabou perecendo no local.[32] Pero Niño, por sua vez, conta com uma longa lista de sucessos militares, tanto nas águas – cenário de seus principais feitos – como em terra. Destacamos aqui a narrativa de uma incursão na costa inglesa, onde Pero Niño e os franceses atacaram a guarnição de um vilarejo bastante pobre. Enquanto seus aliados colocavam fogo nas casas, o capitão castelhano proibiu seus homens de assim fazer, seguindo um honrado costume vigente nas guerras entre povos cristãos. O misericordioso Pero Niño, conta Games, "foi brando com o fraco e forte com o forte".[33] Comportamento igualmente piedoso teve o fidalgo em Flandres, quando impediu seu

---

[26] Pão sem levedura, que dura muito tempo.
[27] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 233.
[28] Ibidem. p. 235.
[29] Ibidem. p. 281.
[30] Ibidem. p. 233.
[31] FLORI, Jean. **Chevaliers et Chevalerie au Moyen Âge**. Paris: Hachette Littèratures, 1998. p. 256.
[32] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 21.
[33] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit., p. 410.

companheiro francês de atacar uma tripulação de portugueses, aliados dos seus inimigos ingleses, pois este reino estava em trégua com Castela.[34] Da sua campanha no mediterrâneo contra corsários mouros, por outro lado, são várias as proezas que o fidalgo fez, ganhando proeminência na relação a vez em que saltou sozinho em um grande barco cheio de inimigos. Atacavam-no feito "cães raivosos" e, de sua parte, ele os matava como "o leão que ataca as suas presas". Assim durou o combate até que sua galera alcançou a nau adversária e seus homens puderam ajudar em sua peleja. Niño teve "grandes feridas", mas o efeito nas hostes inimigas foi muito mais severo: "Ali foi feita tão grande mortandade que toda a água ao redor das galeras ficou tingida de sangue".[35]

Todavia, em alguns momentos a atitude ou a narrativa dos viajantes acaba saindo um pouco de sintonia com as regras cavaleirescas. Quando está contando a história do cerco de Sivas, é difícil não pensar que Clavijo, assim como em todas as outras passagens sobre o monarca, não admire Tamerlão também nesse relato. Com seu poderoso exército, obrigou os habitantes da cidade turca a entregarem uma grande quantia na forma de tesouro. Assim que ele recebeu o valor, quis se reunir com os líderes da cidade e prometeu salvo-conduto para saírem e se encontrarem com ele. Logo que os senhores de Sivas chegaram ao acampamento de Tamerlão, rapidamente foi ordenado que fossem enterrados vivos ao mesmo tempo em que que seu exército assaltava a muralha e começavam a saquear e pilhar a cidade, o que acabou por deixá-la em ruínas.[36]

É provável que a indiferença ou até mesmo a apreciação do ocorrido por parte do embaixador esteja relacionada com o fato de turcos serem as vítimas, povo comumente associado como inimigo da fé cristã, ficando à margem da moral cavaleiresca. Sobre esse ponto, Pero Tafur, na contramão, identifica e admira os valores cavaleirescos dos mamelucos durante a sua passagem pelo Cairo, o que destoa de sua postura fortemente inclinada aos ideais de cruzada, como será exposto mais adiante.[37]

No *Libro del Infante Don Pedro de Portugal*, por sua vez, também conta com uma curiosa atitude que se repete várias vezes e têm pouca relação com a bravura tradicionalmente associada a uma postura cavaleiresca. Ocorre que, sempre que são indagados se há entre os membros dos viajantes algum fidalgo, todos negam, como quando atravessam a Babilonia e o *Gran Babilón* ordena que digam a verdade se havia "algum príncipe ou rei ou algum senhor poderoso", e responde o tradutor: "Nunca Deus queira que entre nós venha tal homem, mas

[34] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 463.
[35] Ibidem. p. 317.
[36] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 133.
[37] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 74.

somos pobres vassalos do rei leão de Espanha" e que "nossa vontade é ver o Preste João das Índias".[38] Algumas vezes, como quando são questionados pelo Sultão, não acreditam na resposta dos viajantes e resolvem prendê-los: "estivemos quarenta dias presos, e cada dia nos faziam perguntar que disséssemos a verdade, que mais nos valia que padecer mortos" e mais uma vez o tradutor afirmava que "não diziam outra coisa além da verdade" para aqueles que o mantinham em cativeiro. Depois de convencerem o sultão da mentira, foram obrigados a pagar vinte e seis peças de ouro como resgate e foram liberados "com a bendição do Criador".[39] Sabiamente cautelosos com a situação perigosa do Oriente, defende Francis Rogers, os viajantes evitavam assim o pagamento excessivo de salvo-conduto pelo príncipe ou o aprisionamento e seu consequente gasto com resgate.[40]

Retomando as passagens em que a conduta de Pero Niño foi exemplar, quando impediu seus homens de atearem fogo na casa dos pobres ingleses, veremos agora quais eram as regras simples da guerra entre cristãos para Díez da Games. De profunda inspiração na moral cavaleiresca, as partes combatentes sempre devem guardar quatro coisas essenciais. A primeira, que não matem os homens "depois que os tem em seu poder, preso ou vencido". A segunda, que não invadam ou roubem nada das igrejas, salvo se estiverem passando fome, quando podem fazer uso da comida que encontrarem, ainda que apenas o suficiente para o guerreiro e seu cavalo sobreviver. A terceira, que não se tome nenhuma mulher à força, "casada nem solteira", o que merece atenção especial e vigilância dos homens, pois "durante o vinho ou a luxúria, perde o homem força e senso". Por fim, a quarta é a mais direta de todas e fala para não queimar panos nem casas, pois "aquele dano e mal alcança os inocentes". Todas essas leis, assegura o alferes, "o capitão sempre mandou guardar" e fazer acontecerem.[41]

Para além das suas próprias histórias ou da construção abstrata do bom cavaleiro, as histórias exemplares de outros guerreiros também ocupam um lugar importante nos documentos e tem lugar reservado na admiração dos viajantes. Dentre essas, Tafur apresenta uma singular admiração pelas Ordens Militares de cavalaria, talvez relacionada ao seu apego pela Ordem de Calatrava, pois homenageia seu comendador logo no início de seu livro. Entretanto, em seu texto é outra Ordem que ganha o destaque principal. A caminho da Terra Santa, foi obrigado a passar alguns dias em Rhodes, entreposto bastante recorrente dos

[38] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 14.
[39] Ibidem. p. 18.
[40] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 161.
[41] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 422.

viajantes que se dirigem para a Ásia. Durante sua estadia na ilha, conheceu a fundo a Ordem de São João, ou Ordem dos Hospitalários. Se maravilha com o centro da ordem, *Collachium*, que é "uma das mais magníficas casas de piedade" que ele já viu, e tudo neste local é tão bom que não existe nada que "poderia ser melhorado". Elogia o fato de os cavaleiros receberem qualquer enfermo e as indulgencias oferecidas às suas almas, assim como a prática piedosa dos cavaleiros oferecerem e cuidarem dos pobres todos os dias como um exercício de humildade.[42] Em seu retorno, quando passou novamente pela ilha de Rhodes, presenciou uma eleição para mestre da ordem. É quando aponta um ligeiro defeito ao afirmar que, ao se tornar público quem havia ganhado a eleição, era possível, "embora fosse noite", ver que alguns hospitalários ficaram amarelos de inveja, o que não interfere em nada o andamento da ordem, pois, segundo o viajante, não há espaço para inimizade na confraria: "A Ordem é bastante nobre e grande, e grandes homens estão sempre chegando para a sua defesa." Isso é muito necessário por estarem cercados por poderosos inimigos e a segurança dos hospitalários estar depositada no "valor de seus defensores".[43]

Além dos hospitalários, também anota as virtudes da Ordem do Dragão,[44] a qual recebeu as divisas do Imperador,[45] sucessor de Segismundo, que anos antes havia acolhido como vassalo o infante Pedro, também feito cavaleiro da ordem.[46] No livro de Santisteban, por outro lado, não há nenhuma menção às ordens além de uma breve passagem onde afirma que os turcos tinham pavor do Mestre de Rhodes, aqui apresentado como uma figura desvencilhada da ordem.[47]

Outra narrativa de Tafur que merece destaque diz respeito a trajetória do cavaleiro castelhano Mosen Suarez, quem o viajante teve a oportunidade de conhecer em Nicósia. Sua proeza foi ter viajado por várias terras a fim de coletar a quantia suficiente para o resgate de seu senhor, o rei do Chipre. Após seu sucesso, se tornou almirante do reino, casou com a filha do rei e, pela falta de príncipes-herdeiros, se tornou ele próprio o legítimo herdeiro apontado pelo rei. Além da própria perseverança de Mosen, causou espanto positivo em Tafur o cumprimento dos termos por todas as partes, inclusive do Sultão, que havia oferecido a

---

[42] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 52.
[43] Ibidem. p. 109.
[44] Ibidem. p. 125.
[45] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 145.
[46] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 41.
[47] [47] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 13.

oportunidade para Mosen e o mostrou "tamanha honra como se ele (Suarez) fosse seu próprio filho".[48]

Gutierre Díez da Games, profundo conhecedor da tradição literária cavaleiresca, expõe inúmeros exemplos de grandes cavaleiros conquistadores. Aparecem homens como o duque Godofredo de Bulhão, personagem central da primeira cruzada[49] e que fez tantas batalhas "para ganhar o Santo Sepulcro e exaltar a fé", além de Carlos *Marcil* (Martel) e Carlos Magno.[50] Rodrigo Diaz de Vivar, El Cid, também é relembrado como um "pequeno cavaleiro" lutador "pela fé, pela liberdade e pela honra de seu rei e seu reino".[51]

Como um dos maiores exemplos está a figura de Alexandre, o Grande, representante da "antiguidade decorativa e exemplar, pitorescamente fantasiada" por Games.[52] Todo o segundo capítulo da obra é destinado a contar a vida do conquistador, frisando nas lições passadas por Aristóteles que lá foram postas pelo alferes pois são ensinamentos da "arte da cavalaria".[53] É importante assinalar que a presença desse personagem na obra tem um peso especial. Desde o século XIII Alexandre circula em Castela como um dos mais importantes modelos de cavaleiro através do *Libro de Alexandre*,[54] compondo o formato ideal de herói aventureiro.[55] A escolha do autor do *El Victorial* de inserir essa narrativa em sua obra como um dos modelos de Pero Niño situa e reafirma o caráter modelar da vida do fidalgo, um cavaleiro como Alexandre:

> [...] E ainda que não foi tão grande em estado como os sobreditos, foi grande em virtudes. O qual nunca foi vencido por seus inimigos, ele nem a sua gente. E por isso falo que era digno merecedor de honra e fama próximo daqueles que alcançaram prez e honra por armas e ofício de cavalaria, e conseguiram ganhar a palma da vitória e porque os seus nobres feitos ficassem nessa escritura.[56]

Por outro lado, existem também vícios e maus exemplos que os autores dos livros de viagens gostam de relembrar. O pecado do orgulho e da arrogância, comumente relacionado à

---

[48] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 66.
[49] Sobre ele e a primeira cruzada, ver: RICHARD, Jean. **Histoire des Croisades**. Paris: Fayard, 1996. p. 72-75 e 80-84.
[50] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 226.
[51] Ibidem. p. 227.
[52] LIDA DE MALKIEL, María Rosa. **La Idea de la fama em la Edad Media Castellana**. México: FCE, 2006. p. 279.
[53] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit., p. 201.
[54] MIRANDA, Alberto. "Introdução". In: GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 121.
[55] LIDA DE MALKIEL, María Rosa. op. cit., p. 199.
[56] GAMES, Gutierre Díez de. op. cit., p. 236.

figura do cavaleiro,[57] é lembrado por Díez da Games em associação com a inveja. Segundo o alferes, a discórdia entre dois cavaleiros nasce justamente desses dois vícios. O primeiro está relacionado ao egoísmo, "em desacordar quando todos acordam", fazer somente o que tem vontade. O segundo recebe uma definição mais poética: "é tormento que nasce do coração, onde sente muita dor o invejoso." Mata a si e mata o outro, faz sempre andar com suspeita e temor. Games chega a citar Sêneca: "Deixemos a inveja, que nos ocupa e não nos deixa sossegar nem folgar".[58]

Através de uma história contada por Conti para Tafur, foi-nos dada a conhecer a punição exemplar de um nobre cavaleiro do Preste João. Quando todos estavam reunidos na corte do mítico rei das Índias, este nobre entregou para o Preste um grande presente de ouro, e transparecia tanta glória e se gabava tanto de ter dado tamanho presente que Preste João imediatamente ordenou que ele fosse executado, dizendo que era o melhor serviço que ele poderia fazer para ele, "o que não era pouco para um senhor".[59]

Outro caso de punição, dessa vez testemunhado por Tafur durante sua passagem por uma cidade chamada Schaffhausen, no alto Reno. Nesse lugar acontecia um grande torneio de justa e muitos cavaleiros estavam pela cidade. Em um determinado dia, todos os nobres e cavaleiros do distrito se juntaram, assim como todas as damas e anciãos e começaram a indagar os fidalgos se algum deles tinha feito "algo errado", se tinha forçado e desonrado alguma senhora ou dama, ou tomado as posses de alguma criança sem protetor, ou se tinha "se degradado e por ganância" casado com uma mulher de nascimento fora da nobreza, ou que, por outro lado, tivesse degradado seu posto de cavaleiro. Então, chamavam aquele que tinha cometido algum desses erros e era espancado na frente de todos com varas de madeira e levado de lá, quando um cavaleiro veterano, juntamente com senhoras, ia até o espancado e explicavam por qual erro tinha sido punido. O mais interessante dessa narrativa é que, após o espancamento, o nobre era convidado a voltar para as fileiras do torneio, como se tivessem "purgado sua ofensa e feito a sua penitência" [60]

Quase sempre voltadas para o desenvolvimento bélico, as práticas esportivas estão intimamente ligadas à cavalaria. As justas, compreendidas como exercício de guerra ou "como um passo a mais para a subida à perfeição cavaleiresca", foram frequentadas por Pero Niño diversas vezes. Como já era de se esperar, o alferes só relata sucessos de seu amo, como quando torneou na França, em "muito perigosa justa", que não era pra qualquer homem,

[57] BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006. p. 378
[58] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 406.
[59] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 93.
[60] TAFUR, Pero. op. cit., p. 209.

apenas "destros e muito cavalgadores".[61] Conforme foi vencendo, "a fama ia por toda a cidade falando de um espanhol que andava na justa tão maravilhoso cavaleiro e tantas valentias fazia".[62] Em outra ocasião, Díez da Games escreve que Pero Niño era tão bom e tão maravilhoso que "eu posso bem dizer que tantos cavaleiros derrotou sozinho em justas em sua vida, mais que todos os outros que ousaram justar em Castela derrotaram em cinquenta anos".[63]

Já encimado conde de Buelna, Pero Niño participou de um torneio com mais onze cavaleiros contra outros cem. Foram escolhidos doze para representarem os apóstolos, e Niño era São Paulo. Segundo seu sempre fiel alferes, foi o cavaleiro que mais quebrou lanças e que mais fez encontros com outros, "ainda que tivesse na época por volta de cinquenta anos de idade".[64] Por fim, outro aspecto tipicamente cavaleiresco que merece atenção é a posição dos viajantes perante a ideia de cruzada, tema recorrente e importante no início do século XV, quando o território ibérico ainda não se encontrava totalmente sob domínio cristão, fato que apenas se concretizaria às vésperas do século XVI. Ao longo de seu deslocamento, Pero Tafur é o viajante que mais deixa transparecer uma preocupação em relação aos exércitos muçulmanos. Cavaleiro da Andaluzia, zona limítrofe de Castela, é provável que estivesse acostumado com a constante ameaça mourisca e a pelejar contra eles. Isso explica a naturalidade com que lidou com a luta descrita anteriormente, onde o auxílio à escaramuça do conde de Niebla se transformou em um desastre militar contra os mouros logo antes de partir da Ibéria.

Enquanto atravessava Nuremberg, revela indiretamente ser veterano nas guerras mouriscas, quando diz encontrar o filho de um conde que havia lutado com ele na fronteira de Jaen.[65] Sobre o outro extremo da Cristandade, Tafur mostra preocupação sobre a situação no leste europeu e o crescente poderio dos turcos. Recordemos que ele registrou sua viagem quase duas décadas depois, quando Constantinopla já havia caído:

> [...]Se os turcos não tocavam a cidade antes, era por medo dos povos cristãos do oeste. Mas bem parece da grande negligência dos príncipes cristãos e os seus povos, agora que Constantinopla está perdida, quão vão era esse medo, pois se Deus tivesse permitido, e os turcos tivessem ousado mais, eles poderiam ter obtido sucesso em tudo que tentassem, vendo que a Cristandade não faz esforço algum

[61] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 446.
[62] Ibidem. p. 449.
[63] Ibidem. p. 283.
[64] Ibidem. p. 547.
[65] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 210.

> para vingar o que está errado. É claro, de fato, que as cidades estão mais bem defendidas pelo milagroso poder de Deus que pela força dos homens.[66]

O lamento do fidalgo atinge um alto grau de dramaticidade, ao mesmo tempo em que mostra uma desilusão perante o ideal cruzadístico, talvez indicando um confronto entre o Pero Tafur que perambulou entre 1436-39 e o Tafur escritor de 1454, certamente decepcionado com a perda de Constantinopla, lugar onde passou bastante tempo em sua viagem.

Todavia, no relato ainda mostra bastante crença na luta contra os mouros. Em três ocasiões diferentes, afirma ter negado a permanência em determinado local ou o alongamento da viagem por afirmar que deve voltar para Castela para servir contra os mouros. A primeira é no Chipre, onde tinha boa relação com o governante e foi convidado a permanecer e viver na ilha.[67] A segunda foi em Bruges, quando indagado se ficaria mais ou iria para novos destinos, afirmou que tinha que voltar rapidamente para sua terra, pois sabia que o rei desejava fazer guerra pessoalmente contra os mouros,[68] o que foi repetido na saída da corte do Imperador, em Breslau.[69]

Depois de toda a campanha marítima contra os mouros e contra os ingleses, já armado cavaleiro, Pero Niño voltou-se contra os mouros peninsulares. Com a morte de Enrique III e a regência do tio do rei, que ainda era jovem demais para assumir o comando do reino, intensificou as guerras de Reconquista. Games afirma que ele havia recebido ordens de servir como embaixador de Castela na França, mas o cavaleiro pediu "mercê" à rainha e ao infante para que não fosse enviado, afirmando que seria mais útil guerreando nas campanhas peninsulares e assim o fez.[70]

Com uma vida dedicada às armas, a forma como a luta contra os mouros aparece em *El Victorial* é, de certa forma, semelhante a qualquer outra luta que tenha sido retratada. Nas categorias valorativas elencadas por Díez da Games, a ideia de Reconquista e Cruzada não aparece conceitualizada da mesma forma como as virtudes da Ordem da Cavalaria, cujo destaque nos assuntos de fé é mais enfático no que diz respeito ao mantimento da integridade da fé do cavaleiro do que propriamente na luta contra os infiéis. Talvez isso se dê por ocorrer uma espécie de naturalização da situação de guerra contra os mouros, já bastante enraizada e sem grandes picos no começo do século XV (além do levado a cabo por Fernando de Antequera, nos anos que sucederam a morte de Enrique III).

---

[66] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 137.
[67] Ibidem. p. 196.
[68] Idem.
[69] Ibidem. p. 219.
[70] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 505.

2.3 - A devoção dos viajantes

Rumo a Trebizonda de barco, quando partiam da cidade de Pera, próxima a Constantinopla, os embaixadores enfrentaram uma tempestade violenta. Em determinado momento, Clavijo relata que eles, os passageiros, e a tripulação tinham perdido toda a esperança: "podíamos apenas colocar nossa confiança em Deus". Havia várias possibilidades de colisão, tanto com as pedras da margem quanto com um outro barco que os acompanhava, "mas foi a misericórdia divina que fez com que passássemos sem bater". [71] Pelo bem dos seus pertences, incluindo os presentes diplomáticos que carregavam para Tamerlão, o barco foi bastante avariado mas conseguiu se manter inteiro quando a tempestade passou. O barco que os acompanhava, por outro lado, foi completamente destruído, embora tenham sobrevivido ao naufrágio sem ninguém perder a vida.

O episódio foi de tal modo chocante para Ruy de Clavijo que ele não se cansa de afirmar o quanto foi uma experiência perigosa. "E na maior parte do tempo estávamos tão perto da morte que, se a morte viesse, pouco iria se importar alguém".[72] No meio da tempestade, quando a tripulação do outro barco foi jogada para a costa e eles viram o outro barco em meio ao mar revolto, contaram que podiam jurar que a embarcação de Clavijo não era capaz de aguentar tamanha intempérie e que todos dentro daquele barco tinham perecido, o que fez com que "se voltassem para Deus em súplica para que Ele nos poupasse da morte", tamanha era a gravidade da catástrofe.[73] Após narrar como conseguiram se organizar novamente e conseguir a ajuda dos turcos para o translado, o embaixador continua a mostrar espanto perante o que havia acontecido, compreendido por ele como um milagre que Deus concebeu a eles.[74]

Este relato, em que Clavijo explicita a sua própria devoção, difere bastante do resto da narrativa, onde ele mantém as suas crenças de uma forma mais velada, dificilmente demonstrando o tipo de devoção que fez no episódio da tempestade marítima. A bem da verdade, essa passagem é a única onde vemos o narrador transparecer aflição e deixar de lado o seu traço sempre comedido, quase que um espectador, presente até mesmo em meio ao seu

---

[71] CLAVIJO, Ruy Gonzalez de. **Embassy to Tamerlane**. Londres: RoutledgeCurzon, 2005. p. 97.
[72] Ibidem. p. 98.
[73] Idem.
[74] Ibidem. p. 100.

retorno de Samarcanda, quando a morte de Tamerlão havia desencadeado um forte clima de insegurança e instabilidade.

Para além desse ocorrido, como vimos no capítulo anterior, normalmente o que mais chamou a atenção do embaixador nos assuntos de fé foram justamente as relíquias e os templos, se assemelhando nesse aspecto ao fidalgo Pero Tafur, ambos preocupados em descrever o máximo que podiam sobre as partes internas dos edifícios religiosos mais suntuosos que visitaram e as várias características minuciosamente detalhadas das relíquias que viam. A partir de suas narrativas, foi possível averiguar quais eram os pontos que mais chamavam a atenção de seus olhares, que ora aparentavam admiração, ora desconfiança com as histórias que ouviam.

Apesar de semelhantes observadores, Pero Tafur é mais opinativo e deixa transparecer outras hipóteses sobre a sua devoção. Coincidentemente, também vive um momento de angústia no mar durante o seu translado entre Cádiz e Gênova. Assim como a embaixada, a embarcação foi alvo de uma "violenta tempestade", responsável por retirar a embarcação do seu curso e danificar as velas, o que fez com que os tripulantes ficassem em grande perigo, praticamente à deriva em alto mar. Depois de "muito labor", conseguiram aportar em Nice, reparar o barco, e continuar a viagem.[75] Quando chegou finalmente à cidade italiana, o fidalgo castelhano estava completamente fatigado e, juntamente com os companheiros do translado, foram fazer votos de agradecimento na igreja de Nossa Senhora, conforme haviam prometido fazer nas horas de súplica. Afirma então, no seu cansaço, que essa foi a primeira vez em sua vida que começou "a conhecer Deus".[76]

Seguindo viagem pela Itália, encontrou o papa Eugênio na cidade de Bolonha. Depois de contar para o pontífice a sua intenção de zarpar rumo a Jerusalém, Eugênio de imediato entregou a ele uma carta de absolvição plena dos pecados na hora da morte, como era costume entre aqueles que partiam para a Terra Santa.[77] Ao contrário do que se poderia imaginar, nem o encontro nem o documento causaram qualquer reação no texto de Tafur, diferentemente de quando escreve sobre a vontade de São Gregório de destruir prédios antigos de Roma. O fidalgo conta que o papa se irritou com os peregrinos que visitavam a Cidade Eterna, pois se distraíam com as grandes obras de arquitetura do Império Romano ao invés de praticarem a devoção. Mandou que fossem postos no chão tudo que desviasse o olhar dos santuários, o que não conseguiu levar a cabo ainda que alguns edifícios fossem postos abaixo

[75] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 26.
[76] Ibidem. p. 27.
[77] Ibidem. p. 31.

e boa parte dos outros tenha sofrido forte desgaste. A decepção do castelhano com a resolução de São Gregório é notória e não deixa de atestar: "Roma, que costumava ser a cabeça do mundo, agora era cauda".[78]

Por outro lado, enquanto o viajante não deixa transparecer temor ou admiração pela instituição papal, não podemos dizer o mesmo quanto ao mesmo da vingança de Deus, retratada em outra passagem. Enquanto passava de barco próximo à costa do estreito de Dardanelos, "que foi o porto de Tróia", Tafur viu algumas pessoas fazendo sinais para as embarcações irem até a costa. "O capitão disse que ele sabia que eles eram cristãos cativos que queriam escapar no nosso barco, e que não deveríamos nos preocupar com eles". Mas o fidalgo suplicou para se lançarem em direção a eles e irem em sua assistência. Ele afirma que se não fizessem nada, não seria surpresa "que Deus nos desse má ventura". E assim, movidos pelo medo da vingança divina, partiram e pelejaram com os turcos até os espantarem.[79] A peleja teve como resultado um ferimento de seu pé, mas o resultado agradou bastante o castelhano, "pois não perdemos nada e servimos Deus".[80]

Vale lembrar também que a escolha do itinerário de Tafur não foi realizada por outra pessoa, como no caso de Pero Niño e Ruy de Clavijo, que partiram em missões a serviço do rei. Da mesma forma que o *Libro del Infante*, seus protagonistas acabaram por se elevarem ao estatuto de peregrinos ao se destinarem a Jerusalém, ao menos do momento da partida até atingir a cidade.[81] Apesar de encontrarem uma cidade terrena, longe da Jerusalém Celestial, não podemos nos esquecer que ainda estão no palco dos principais acontecimentos da Bíblia, e que podem caminhar e registrar como, "onde Jesus ou seus discípulos ou a Virgem tinham estado",[82] o que sem dúvida traria tanto proveitos na salvação de suas almas quanto a boa fama que a peregrinação era capaz de proporcionar, se pensarmos que Jerusalém era a "peregrinação da peregrinação", sendo as outras "sombras dela".[83]

Em *El Victorial*, por sua vez, a ideia de um Deus bastante intervencionista é muito utilizada por Gutierre Díez da Games na narração de suas proezas. É Ele quem ajuda Pero Niño o tempo todo, como na peleja contra os mouros no Mar Mediterrâneo, quando afirma que Deus irá "ajudar agora aqui para que não pereçamos" e assim o fez, o que mereceu às

[78] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 32.
[79] Ibidem. p. 102.
[80] Idem.
[81] HOWARD, Donald R. **Writers and Pilgrims. Medieval Pilgrimage, Narratives and their Posterity**. Los Angeles: California Press, 1980. p. 50.
[82] Ibidem. p. 51.
[83] Ibidem. p. 12.

graças que deram a Deus e à Virgem Santa Maria, "que sempre os ajudava".[84] O próprio alferes admite a forte presença de Deus, como que operando milagres militares através do cavaleiro Pero Niño:

> [...]E fui com ele pelos mares do Levante e do Poente, e vi todas as coisas que aqui são escritas, e outras que seriam longas de contar, de cavalarias, e valentias, e forças as quais, algumas delas foram tão dignas de nota que, se não fosse por Deus que o ajudara, não poderiam ser cumpridas por corpo de um homem.[85]

Testemunha dos feitos de seu senhor, como é possível ver, Games entende a ajuda de Deus como fator decisivo nos sucessos de Pero Niño.

Como era criança da casa real, o futuro conde de Buelna recebeu doutrinamento de um aio para que o ensinasse "as boas maneiras e os costumes que um bom fidalgo deve ter". Dentre os ensinamentos, os assuntos de fé ocupam lugar central: "Na santa fé sois nascido e outra vez regenerados na água do Espírito Santo". Tocando em assuntos mais cavaleirescos, afirma que, se o seu aluno tiver que lutar contra os inimigos da fé católica, "está em boa cavalaria, a melhor que nenhum cavaleiro pode fazer: pelejar por sua lei e fé, quanto mais possuindo a verdade". E se por acaso venha a cair entre seus inimigos e tentarem forçar outra fé, deve resistir a todo custo, sofrendo todos os tormentos possíveis e "confessando a santa fé de Jesus Cristo até a morte". Nessa batalha tão santa, "ao morto chamam vencedor, e ao matador, vencido".[86]

O aio relembra ainda que não deve pecar de maneira alguma, pois "mais dura é a pena infernal que a corporal". A pena terrena ainda passa, enquanto a do inferno dura para sempre. Deus não fez o homem para que ele julgue seus feitos, mas sim para seguir seus mandamentos. Resumindo seus conselhos e a presença divina na vida de Pero Niño:

> Meu filho, faça todos vossos feitos com Deus, guarda seus mandamentos, faça seus preceitos, guarda sua igreja, honre suas festas e os mistérios delas; e Ele guardar-vos-á e honrar-vos-á. Encomende vossos feitos, peça grandes coisas, que muito rico é que Ele vos dará o que vos será mais proveitoso. Espere Nele, que sem Ele não é feita nenhuma coisa. O que é feito sem Ele, nem é nada nem é algo; o que feito por Ele, é vida e é coisa que dura.[87]

Da mesma idade que seu senhor, o alferes não pôde registrar essas lições na época em que foram proferidas. É bem provável que Games tenha reunido esse texto pedagógico e

[84] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 336.
[85] Ibidem. p. 236.
[86] Ibidem. p. 262.
[87] Ibidem. p. 263.

feito ser proferido por um severo aio a partir daquilo que era tradicionalmente falado e comentado no ambiente de corte. Na forma de uma chuva de prescrições, Games conseguiu registrar a rigidez das recomendações de fé.

O que nos interessa em especial neste caso é pensarmos como Games foi feliz em criar um ambiente onde a devoção de Pero Tafur se dá através da plena ação da cavalaria. Além de orar em plena batalha, como vimos anteriormente, temos a impressão de que Pero Niño tem Deus ao seu lado o tempo todo como um fortíssimo aliado, e cada proeza cavaleiresca é uma verdadeira prova divina de que ele está fazendo sempre o certo, e, como quer dar a entender o título da obra, não seja possível derrotá-lo.

3.3 As virtudes e o serviço

> O estado de cavalaria, ó muito virtuoso senhor, houve sempre um começo, mas é, de fato, mais certo e mais duradouro que qualquer outra coisa, porque o exercício é mais apropriado ao nobre, e a virtude por si mesma é o fundamento da nobreza. Um homem pode ser chamado nobre quando seguir os costumes de seus predecessores, não se apartando dos feitos de virtude, mas dando algum bom princípio por longa continuação de proeza, merecerão ser cabeças e governadores de muitos.[88]

Logo nas primeiras linhas do *Andanzas e Viajes*, Tafur já funde nobreza e cavalaria e fala que a virtude é seu fundamento. Típico do fim da Idade Média, as duas categorias "chegam quase a ter o mesmo significado".[89] O fidalgo castelhano, por outro lado, ao longo de sua obra, em nenhum momento procura especificar ou trabalhar o conceito de virtude. Games, mais propício à conceituação, retoma e se ampara no tema das quatro virtudes cardeais que, além de as categorizar, as associa com a própria distinção da nobreza.

Tomadas emprestadas Platão e Cícero[90] e várias vezes interpretadas e reinterpretadas pelos pensadores cristãos, o *El Victorial* parece adaptar as virtudes cardeais a fim de fundamentar a sua noção nobiliária. Começando pela Justiça, é definida por Games como hábito da mente, um julgamento da razão pelo qual cada homem se torna o que é seu. "Assim, a justiça é conceder a cada homem dignidade e honra de acordo com a sua senhoria".[91] Deriva dessa virtude a misericórdia e a piedade, as quais deveriam servir para que tudo não se

[88] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 15.
[89] KEEN, Maurice. **La Caballería**. Madri: Ariel, 2008. p. 210.
[90] BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006. p. 377.
[91] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 188.

transformasse em crueldade, e não fizesse "ao outro aquilo que não queria que fizessem com você".[92] Prudência, por sua vez, é definida simplesmente como o discernimento entre o bem e o mal, recusando o mal e usando o bem. Através dela vem ao homem o conhecimento do começo e do fim das coisas.

Força ou Fortaleza era a virtude através da qual o homem se punha a fazer as coisas árduas que devia fazer, para que não fosse oprimido na adversidade e nem se "ensoberbe na prosperidade". Ela nos ensina a ser "fortes e constantes no propósito começado". Por fim, a Temperança, que é a firmeza contra os inconvenientes movimentos da desordem.[93] Dessa virtude deriva a continência e a abstinência, responsáveis pela contenção dos nossos desejos. Aqueles que viviam segundo essas virtudes, no começo dos tempos, se tornaram "nobres homens que se empenharam em fazer os grandes feitos de que deixaram grande fama no mundo".[94]

Sempre atento ao fio condutor de seu panegírico, Games resume as características do cavaleiro ideal antes de encaixar todas elas em seu senhor:

> O bom cavaleiro, o que há de ser? Que ser nobre. O que é nobre e nobreza? Que tenha o coração ornado de virtudes. De que virtudes? Daquelas quatro que disse acima. Essas quatro virtudes são irmãs, em tal aparência são ligadas em uma, pois se falta uma, todas as outras falecem. Assim, ao bom cavaleiro virtuoso convém que seja cauto e prudente, e que seja justo e judicante, e que seja mesurado, e que seja forte e esforçado e com estas, que haja grande fé em Deus e esperança de sua glória, e que haverá recompensa pelo bem que fizer e haja caridade e bom amor às pessoas.[95]

Na esteira de Pero Tafur e de toda a tradição da literatura cavaleiresca que vem desde o século XII: o que o bom cavaleiro tem, em primeiro lugar, é nobreza. Postas as virtudes, os pré-requisitos e a perfeita mescla entre o que é bom nobre e o que é o bom cavaleiro e sem perder de vista as considerações sobre o papel de Deus nas proezas de Pero Nino, Games continua as lições de seu aio para uma formação impecável. São vários os tópicos que ele aconselha, como a importância de se cercar de boas companhias, de reger corretamente a alma em contraposição com as vontades do corpo[96], de evitar as "más mulheres" e de tomar

[92] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 188.
[93] Ibidem. p. 187.
[94] Ibidem. p. 189.
[95] Ibidem. p. 231.
[96] Ibidem. p. 266.

cuidado com a fala para não exteriorizar sem antes pensar com cautela,[97] não temer a morte[98] e etc.

Dentre as lições, há duas delas que devemos nos debruçar com especial interesse por estarem diretamente ligadas à figura do rei. A primeira dela diz respeito ao tratamento dos vassalos. O aio aconselha o jovem Niño a tratar seus fidalgos como amigos e servi-los com aquilo que merecem. "Com a palavra branda, dura o amor nos corações".[99] Podemos pensar que esse conselho não alvejava Pero Niño, nobre que não foi poderoso em territórios e vassalos, mas sim os reis de Castela. Em uma época de profunda instabilidade e choques diretos entre a autonomia aristocrática e o projeto centralizador da coroa, como vimos no primeiro capítulo, é interessante para a nobreza, seja ela baixa ou alta, lembrar os reis da boa relação que deve existir nessa sociedade extremamente hierarquizada.

Games vai mais além e seu aio tece uma lição que fala diretamente dos monarcas:

> Filho, sirva o rei e se guarde dele, pois é como o leão: brincando mata e burlando destrói. Guarde-vos de entrar na casa do rei quando seus feitos estiverem em desordem. Aquele que entra no mar quando está alterado será maravilha se escapar. Quanto mais fará se entrar quando o mar estiver irado?[100]

O conselho do aio é prudente se recordarmos a trajetória da centralização régia em Castela desde as guerras que acabaram por resultar na ascensão dos Trastâmara. Retomando, portanto, a ideia de "nobreza de serviço", oriunda desse conturbado cenário e compreendida como ponto de união dos protagonistas dos livros estudados, cabe agora nos perguntarmos de que buscavam esses "servidores do rei"[101] quando transformaram suas façanhas em relatos. Por uma série de dificuldades, como a impossibilidade de calcular o alcance das obras ou até mesmo a falta de documentos que fossem capazes de nos indicar o destino de alguns dos nobres estudados, nossas considerações se delineiam mais como hipóteses do que qualquer outro termo.

No caso de Pero Niño, um episódio deve ter marcado profundamente sua carreira perante a corte de Castela que pode servir como chave de compreensão para a feitura do *El Victorial*. "Irmão de leite" do rei Enrique III, o rei e o fidalgo haviam crescido juntos e dada as oportunidades de ascender socialmente mediante as campanhas marítimas cuja capitania foi

---

[97] GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 267.
[98] Ibidem. p. 269.
[99] Ibidem. p. 268.
[100] Idem.
[101] QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008. p. 50.

cedida diretamente a Pero Niño pelo rei, devemos entender o momento em que retornou das incursões na Inglaterra como uma brusca alteração em sua carreira. Nas festas em que fora armado cavaleiro em Madri por Enrique III, o fidalgo atingia o auge da relação de confiança dos dois e "se reafirma o seu propósito de ascender-lhe, encomendando-lhe novas empresas".[102] Porém, "desgraçadamente", poucos dias depois das festas, o rei faleceu.

Tomam as rédeas do governo o infante e rainha, que propõem a Pero Niño que sirva como embaixador na França. Como vimos anteriormente, rechaçou o convite e preferiu servir o infante nas batalhas contra os mouros. "Vendo-se obrigado a começar de novo a ganhar méritos", achou que teria uma oportunidade maior em fazê-lo "na guerra e não na paz". Nos anos seguintes, a falta de grandes sucessos do cavaleiro, com pouca participação na liderança das incursões em Granada, a luta pelo matrimônio com Beatriz de Portugal e seu enfrentamento direto com o infante Fernando de Antequera pode ser explicada pela falta de seu protetor, o finado rei, cuja morte prematura acabou por minar suas ambições.[103]

Voltando-nos para seu panegírico, foram várias redações até a conclusão do *El Victorial*, na década de 1430, quando Pero Niño atinge o seu ponto máximo com a concessão do condado de Buelna. Não sabemos até que ponto versões anteriores sobre suas campanhas circularam no ambiente cortesão, mas, pelo forte teor apologético da obra, é bem provável que Pero Niño tenha tentado instrumentalizar a narrativa de suas proezas de modo a fazer fama entre os grandes do reino e galgar seu prestígio, relembrando seus contemporâneos do serviço que fizera em nome de Enrique III.

Quanto aos motivos que levaram à confecção da *Embajada à Tamorlán*, é difícil pensar se o livro foi instrumentalizado como forma de ascender dentro da corte ou não, dada a falta de documentos que possam trazer luz sobre a vida do cavaleiro madrileno, Ruy de Clavijo. Sabemos apenas que a obra foi prontamente entregue para Enrique III pouco tempo depois dos embaixadores retornarem de Samarcanda e que também foram surpreendidos com a morte do rei, tudo sucedendo em um prazo de meses. Por outro lado, sabe-se que foi uma obra com relativa fama entre os letrados, pelo menos no círculo dos viajantes. Tanto o livro de Pero Tafur[104] como o de Santisteban[105] demonstram conhecerem o relato de Clavijo, só não se sabe se por leitura ou por ouvir falar.

---

[102] MIRANDA, Alberto. "Introdução". In: GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993. p. 103.
[103] Idem.
[104] A notícia de Tafur é bastante breve, mencionando apenas que os embaixadores do rei Enrique haviam percorrido uma das rotas de Kaffa. TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 135.

Para a empreitada de Tafur, pela total escassez de documentos sobre o destino do viajante, podemos pensar duas hipóteses principais sobre um possível uso para as suas *Andanzas*. Em primeiro lugar, no prólogo do livro de viagens, Pero Tafur oferece a obra ao *Comendador Mayor de la Órden de Calatrava*, o muito virtuoso *Don Fernando de Guzman*. Como havia posto no mesmo prólogo, pouco mais à frente da parte da referida citação, o ato de viajar por diversas nações e comparar as mais diferentes formas de governo foram capazes de trazer um conhecimento "mais proveitoso à coisa pública e o estabelecimento dela".[106] Dessa maneira, é interessante situarmos o texto e, portanto, as seleções de episódios feitos por Pero Tafur no momento de descrever sua viagem. Na esteira das estratégias e recursos de legitimação da nobreza do século XV, a obra poderia sugerir que um fidalgo viajado como ele seria merecedor de prestígio e poderes mais amplos, além da identificação de sua figura com "os interesses gerais do reino",[107] no caso, como um possível diplomata. Podia ainda, salienta Meregalli,[108] ser um instrumento utilizado para tentar galgar posições nas comitivas de relações com os muçulmanos ou até mesmo dentre os cavaleiros de Calatrava, ordem em que Fernando de Guzmão era o segundo no comando.

Francisco Lopes Estrada chega a conjecturar se a comoção sentida no Ocidente com a notícia da queda de Constantinopla não teria sido um dos motivos para a encomenda ou iniciativa de Tafur registrar sua memória.[109] Qualquer que seja o peso dessa notícia para a confecção da obra, não resta dúvida de que a cidade ocupa um lugar de destaque nos relatos, justamente pela alternância do foco da narrativa no momento em que ele procura saber sobre as raízes de sua vida, como veremos nesse momento.

Segundo o relato, dois dias depois de Pero Tafur ter entrado em Constantinopla,[110] o Imperador o recebeu e logo se tornaram amigos, participando de reuniões e caçadas. Quando questionado sobre os motivos de sua passagem pela cidade, o fidalgo castelhano disse que tinha vontade de conhecer o Imperador e suas terras, mas que foi motivado "principalmente por saber verdadeiramente a razão de minha linhagem, que se dizia ter saído" de Constantinopla e "de seu sangue imperial".[111] A partir de então, em uma das passagens mais carregadas de valores nobiliárquicos, Pero Tafur altera o ritmo de seu livro de viagem,

---

[105] ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961. p. 183.
[106] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 15.
[107] QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008. p. 46.
[108] MEREGALLI, Franco. "Las memorias de Pero Tafur". **Dicenda,** 6, 1987. p. 301.
[109] ESTRADA, Francisco López. **Libro de viajeros hispánicos medievales.** Madrid: Laberinto, 2003. p. 106.
[110] TAFUR, Pero. op. cit., p. 81
[111] Idem.

cadenciado pelo deslocamento e pelo testemunho, e narra uma história que conheceu graças às "história antigas" para o fidalgo saber a "verdade de tudo".

Em um trecho relativamente longo, Tafur escreveu sobre um Imperador de Constantinopla que pretendeu estender os impostos dos vilãos para os fidalgos também. Repudiando esse ato, tido como injustiça, o príncipe herdeiro, junto aos fidalgos do Império, protestaram pelos seus interesses para o Imperador desistir de "tanto dano e escândalo". Ao notar que seu pai não iria mudar de ideia e pressentindo a guerra que se instalaria, o nobre príncipe herdeiro deixou o comando dos fidalgos para seu irmão mais novo e partiu para o exílio em Castela, onde foi bem recebido pelo rei Afonso. Então, "este primogênito de Constantinopla se nomeou conde Don Pedro",[112] casou com a irmã do rei e iniciou uma linhagem que acabaria por desembocar em Pero Tafur.

Nesta história brevemente resumida, podemos notar dois elementos de profunda carga nobiliárquica: a descrição de um príncipe exemplar interessado em proteger o poder senhorial e tão honrado a ponto de evitar o conflito com seu próprio pai e a exaltação da linhagem. Tendo em vista o cenário político de desavenças entre nobreza e monarquia na península ibérica, podemos pensar que esta seria a única parte do documento onde Pero Tafur demonstraria com clareza a sua opinião sobre o conflito e se afirmaria como um defensor dos direitos da aristocracia, além de reivindicar um importante patrimônio linhagístico do qual ele seria herdeiro, mesclando o prestígio do Império Romano do Oriente com a própria família real castelhana, como é corrente na expressão e representação do poder nobiliário.[113]

Por outro lado, tendo em vista que faz parte da nobreza de serviço a vontade e interesse de mostrar capacidade técnica para a ocupação de funções específicas, há algumas características em *Andanzas e Viajes* que podem reforçar a ideia de que o fidalgo castelhano estava buscando se apresentar como um possível embaixador. Além das características já mencionadas acima, não podemos nos esquecer de que Tafur narra uma breve missão diplomática que realizou em nome do rei do Chipre. Enquanto passava na ilha, ganhou a confiança do monarca, que ficou sabendo sobre seu desejo de conhecer a Babilônia[114] e o Monte Sinai. Convocando o viajante para seu palácio, ofereceu o ofício de cuidar de alguns assuntos perante o sultão, o que de pronto aceitou: "respondi que eu estava contente em servir o rei nesse assunto, pois eu sabia que ele era cristão e da nação da França".[115]

---

[112] TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995. p. 83.
[113] QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008. p. 63.
[114] Cairo.
[115] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 67.

Após partir em sua missão, Tafur diz ter ficado hospedado na casa de Diego Thenorio, o que nos leva a outra característica que não podemos deixar de lado: De todos os viajantes, o fidalgo andaluz é o mais atento em procurar e comunicar o encontro com castelhanos, além de comparar coisas que vê no caminho com algo de sua terra. Conversou com conterrâneos em muitas cidades que visitou, desde Constantinopla[116] até Veneza[117], passando por lugares como o próprio Chipre, onde conheceu o cavaleiro Mosen Suarez, o qual narrou sua história, como visto no início do capítulo.

Apenas as suas comparações com Castela são mais numerosas que seus encontros com castelhanos expatriados. E vale frisar: raramente compara com algo que em sua terra natal é pior. Como exemplo, podemos citar os cavalos de Galícia. Tafur afirma que são tão pequenos que "preferiria ir à guerra ou a um torneio montado em um burro castelhano que um desses cavalos".[118] De passagem por Ceuta, reafirma a superioridade castelhana quando diz: "Sem dúvida, se o Rei de Castela fosse o dono da cidade e quisesse que ela fosse bela, seria um dos lugares mais notáveis do mundo".

Ao se mostrar já experimentado no ofício de embaixador, Tafur faz um autorretrato em sua narrativa que transparece carisma e fidelidade com o reino de Castela, sempre procurando se juntar aos seus conterrâneos e enaltecer as qualidades de sua terra natal mesmo quando se encontra bastante distante dela. No caso do *Libro de Infante Don Pedro*, vimos no primeiro capítulo que a sua razão de ser está intimamente ligada ao fato do seu filho, o condestável, exilado em Castela, buscar reabilitar o patrimônio linhagístico de seu pai, destruído após a batalha de Alfarrobeira. Para isso, o condestável Pedro está por trás de uma série de obras que procurou exaltar a casa de Avis e o reino de Portugal, além de resgatar e enaltecer a memória de viajante de seu pai, que, como foi exposto anteriormente, havia passado três anos em viagens pela Europa, entre 1425 e 1428.

O que nos chama a atenção na obra é a escolha de se apropriar do elemento maravilhoso como via para nobilitar a memória de seu pai. Nos anos de 1460, quando temos a primeira notícia da obra de Goméz de Santisteban, enquanto Afonso V de Portugal se frustrava nos insucessos militares de Tânger, o descontentamento senhorial e o descrédito de Enrique IV ganhavam forças em Castela, o que o levaria a ser deposto em 1465. Dividida assim entre "a promessa de proeza militar e a nostalgia das gestas passadas", criou-se uma situação de desgosto perante o presente, fazendo com que buscassem "entre memórias os

[116] TAFUR, Pero. **Travels and adventures**. London: RoutledgeCurzon, 2005. p. 115.
[117] Ibidem. p. 157.
[118] Ibidem. p. 128.

indícios de um sentido providencial que lhe parecia assegurado" pela boa estirpe. Assim, "o imaginário da cavalaria ibérica tornava-se permeável à integração de mitos novos, usando a alegoria ou o fingimento para fabricar verdades poéticas".[119]

Dessa forma, destacamos por fim duas passagens do *Libro del Infante Don Pedro* que merecem atenção especial por sua carga valorativa. A primeira delas é a própria justificativa de Santisteban da feitura da viagem e do livro. O autor escreve que todos os homens "naturalmente" desejam saber "todas as coisas do mundo e têm grande prazer em ouvir coisas novas", e aqueles que não puderam vê-las com seus próprios olhos "recebem grandes alegrias em lê-las e ouvir contar".[120] Assim, a curiosidade perante o mundo e as viagens, segundo Gomez de Santisteban, é positiva, natural de todas as pessoas e digna de ser lembrada. Recordemos o fato de que até mesmo o rei João lamenta não poder partir com os cavaleiros, e fica muito triste de ter que ficar em Portugal ao invés de sair e ver o mundo.[121]

Porém, como já vimos anteriormente, ao longo do percurso, foram muito questionados para onde os cavaleiros e o infante se destinavam e respondiam que iam visitar as terras de Preste João. Figura que impressionou numerosos soberanos europeus, seu Império era um "edifício do imaginário", onde se traduziam diversos anseios da época, sendo um dos principais a infalibilidade de um monarca escolhido diretamente e abertamente pela graça divina.[122] Assim, o ambicioso condestável, ao desenhar um retrato de seu pai como um viajante que conheceu a fundo "todas as partidas do mundo", em um momento em que se encontrava destituído de seus bens, galgava projetar-se no cenário ibérico como herdeiro do infante português que conheceu, entre outras maravilhas, o poderosíssimo Preste João das Índias. Herdou, por outro lado, o fim trágico que o pai teve: enquanto o infante foi morto em batalha em Portugal, seu filho veio a falecer graças a um suposto envenenamento durante a sua controversa tentativa de reivindicação da coroa de Aragão.[123]

Em suma, vimos de que forma os fidalgos procuraram se retratar nos relatos, com o destaque para a preocupação em se mostrarem como virtuosos nobres cavaleiros piedosos e dignos da graça divina. Dessa forma, na esteira do capítulo anterior, pudemos observar o posicionamento da nobreza viajante perante diversas matérias que foram dignas de seu

---

[119] CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000. p. 56.
[120] **Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban**. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008. p. 11.
[121] Ibidem. p. 12.
[122] Cf. BEJCZY, István. **La lettre du Prête Jean. Une utopie medieval**. Paris: Imago, 2001.
[123] Cf. MORENO, Humberto Baquero. **Os portugueses na Catalunha no reinado de Pedro, o Condestável**. Porto: Universidade do Porto, 2006.

registro, transformando os livros de viagens em uma interessante expressão da cultura nobiliárquica medieval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na virada do século XV, a literatura de viagens ganha forte impulso em Castela, onde se testemunhou o aparecimento de quatro livros do gênero em um período pouco maior que meio século. Como procuramos analisar, a característica que dava sentido a todas essas obras, bastante diferentes entre si, residia no fato de seus protagonistas compartilharem o pertencimento ao grupo da fidalguia. Assim, no decorrer das transformações do século XIV, pudemos observar o surgimento de uma nova nobreza em Castela, oriunda da crise dinástica iniciada com a guerra entre Pedro, o Cruel, e Enrique de Trastâmara. A vitória do segundo significou, além do estreitamento de laços entre a coroa castelhana e os monarcas franceses, o triunfo do estamento nobiliário frente à centralização dos poderes em torno de Pedro I. Por outro lado, a nobreza castelhana vinha sofrendo profundas alterações desde o século XIII, as quais possibilitaram uma renovação em seus quadros. Entre as causas dessa alteração, citamos a significativa redução demográfica devida às práticas endogâmicas, além das sucessivas guerras e da própria peste de 1348. Grandes linhagens como os Lara, Haro, Castro e Meneses, atores centrais da dinastia de Borgonha, já se encontravam extintos no alvorecer dos Trastâmara. Aos poucos, o grupo nobiliário foi se reconfigurando em torno das mercês reais até podermos afirmar que, no reinado de Enrique III, se consolidava em Castela uma "nova nobreza de serviço".

Identificada pela fidelidade ao rei e pelo alinhamento à causa monárquica, essa aristocracia desejava se afirmar perante a coroa através da sua capacidade técnica de executar serviços para o reino. Como foi o objetivo central da primeira parte da dissertação, analisamos a ligação entre o surgimento dessa fidalguia e os livros de viagens estudados, sendo o ponto em comum para a análise em conjunto o pertencimento a esse novo grupo. Vale lembrar que a atenção especial dada ao caso do condestável Pedro se fez pelo seu caráter *sui generis*, pois o *Libro del Infante Don Pedro*, apesar de ter sua origem no reino de Portugal, foi produzido durante seu exílio em Castela em um contexto onde a situação do fidalgo português se encontrava em sintonia com a nobreza de serviço.

Com esse percurso, procuramos examinar como se deu a expressão da cultura nobiliárquica nos livros de viagens estudados. Para tanto, optamos por dividir a análise entre dois pontos de vista diferentes. O primeiro deles correspondia à análise das matérias vistas pelos fidalgos, ressaltando o seu valor no modo como foram abordadas por eles. Assim, primeiramente vimos quais características chamaram a atenção dos fidalgos quanto aos assuntos de fé. O tema inicialmente estudado foi o aparecimento e o retrato de Preste João,

imperador da Índia cristã. Entre as características de seu reino, chamou-nos a atenção a forma como as qualidades desse monarca traduziam interessantes anseios dos viajantes, destacando-se o seu incrível poder, muito além de qualquer reino europeu, a ligação com as lendas de São Tomé e a peculiar forma como acontece o seu rito sucessório: pela graça divina. Também associados a essa figura estão os temas do Paraíso Terreal, povos pitorescos oriundos da mitologia, animais fantásticos e a importante missão de ser um bastião cristão contra os temidos canibais de Gog e Magog.

Também foi digna de nota a grande recorrência de descrições sobre as relíquias encontradas pelos fidalgos. Atentos para esses artefatos religiosos, vimos como a sua observação se mostra bastante relevante nos relatos, o que denota o vigor do culto às relíquias e a importância de se mostrarem como homens que haviam estado na presença destes objetos sagrados. Da mesma forma acontece com a visita aos grandes templos cristãos. Famosos por sua suntuosidade, o olhar do viajante se demora no interior de edifícios como a catedral de Santa Sofia e a Igreja de São João Batista, exemplos de descrições bastante pormenorizadas. Assim como a descrição de Jerusalém, destino por excelência da peregrinação, que surge nos documentos como um templo a céu aberto. Pela intensa atenção direcionada em descrever essas três matérias, é possível pensar que, não apenas essas descrições chamavam a atenção dos possíveis leitores, como a associação entre elas e a fidalguia conferia-lhes um importante valor.

Quanto às narrativas sobre os cristãos estrangeiros, saltam aos olhos as características positivas, que resultam na admiração por parte dos viajantes, e as características que condenam. Como foi possível observar, também analisamos o castigo divino realizado para aqueles que iam contra os preceitos divinos, vistos exemplarmente no raio jogado contra a igreja de Santa Helena e o da execução de Pedro I, o Cruel. Em outros casos, por sua vez, nota-se a intervenção no sentido de proteção, haja vista a história sobre o anjo que protegia as muralhas de Constantinopla.

Voltando-nos para os assuntos relacionados ao poder, analisamos quais eram os bons e maus exemplos da forma de se aplicar a Justiça, onde as narrativas sobre o Oriente transparecem em uma ordem intensamente instaurada pela violência. Por outro lado, nesse mesmo território, vimos o elogio quanto às expressões de hospitalidade, destacando-se as festas e os banquetes oferecidos na corte do poderoso e opulento Tamerlão, assim como as festividades vivenciadas por Pero Niño durante a sua estada na França.

Por fim, a pesquisa buscou pensar também as histórias sobre os grandes homens, registradas em várias passagens nos livros de viagem, o que acaba por sublinhar o seu papel

exemplar perante seus leitores. Desse modo, ressaltamos a admiração por homens como o Marques de Ferrara, poderoso aristocrata italiano, e a retomada das famosas histórias pedagógicas sobre monarcas da Antiguidade, como o rei Salomão e a vida e morte de Júlio César.

Na última parte do trabalho, pudemos ver o outro ponto de vista pensando, isto é, de que forma a nobreza retratou as suas próprias qualidades. Para isso, a fim de aperfeiçoar a compreensão dos objetivos propostos, separamos a análise entre três pontos que se complementam. O primeiro deles diz respeito à cavalaria e a forma como ela é retratada pela documentação. Neste critério, interrogamos como aparecem os temas intimamente ligados a esse fenômeno, nomeadamente os relatos da investidura, a vontade de se apresentarem como cavaleiros perante as cortes estrangeiras, as minuciosas e elogiosas definições conceituais sobre a ordem da cavalaria, as proezas militares dos fidalgos, os exemplos dos grandes cavaleiros a serem seguidos e a presença da ideia de cruzada.

Vimos também a religiosidade expressa pelos próprios viajantes sobre a forma como se dedicam a Deus, como se pode ver ao narrarem uma situação de perigo de morte vivenciada por eles, como acontece quando estão a bordo de um barco em meio a uma feroz tempestade. Dessas passagens, salta aos olhos o retrato dos viajantes em momentos de profunda devoção. Por outro lado, também analisamos como os protagonistas veem a intervenção divina em suas próprias vidas, como por exemplo ao escreverem sobre a ajuda de Deus em vitórias militares obtidas pelo fidalgo.

A última temática trabalhada, por sua vez, discorreu sobre a forma como os viajantes pensaram a nobreza, mais especificamente sobre as suas principais virtudes. Complementarmente, sem perder de vista as questões relacionadas com a "nobreza de serviço", elencamos hipóteses sobre possíveis intenções para a instrumentalização dos livros de viagens por parte dos seus fidalgos convertidos em virtuosos protagonistas viajantes, ou, no caso do Infante Pedro, por seu filho, o Condestável.

Enfim, feitas essas considerações, pudemos concluir que o estudo sobre a cultura nobiliárquica castelhana e portuguesa representada na literatura de viagens se insere na historiografia sobre o período portando uma dupla funcionalidade: à luz da renovação sobre as abordagens da nobreza medieval, ou ainda, da história das elites, o olhar sobre as viagens imediatamente anteriores às grandes navegações ganha uma nova dimensão, fundamentada na consideração de que existia espaço para novas formas de expressão de valores dentro de um grupo conhecido por sua estrutura conservadora e tradicional.

Ainda que seja marcado por limitações, esta pesquisa procurou colocar em cena a pequena e média fidalguia castelhana, muitas vezes relegada ao segundo plano das grandes sínteses sobre os séculos XIV e XV e apresentada como um grupo sem contornos e expressividade própria. Lançando luz sobre ela, o presente estudo espera contribuir para o entendimento de uma faceta de um período turbulento da península ibérica, em que a concorrência entre os nichos de poder e os deslocamentos espaciais são peças de uma sociedade em redefinição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentação:

CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Embajada à Tamorlán**. Disponível em: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/71344.pdf> Acesso em 10 jul. 2012.

CLAVIJO, Ruy González de. **Embajada a Tamorlán**. Ed. de Francisco López Estrada. Madri: Editorial Castalia, 1999.

GAMES, Gutierre Díez de. **El Victorial**. Ed. de Alberto Miranda. Madri: Cátedra, 1993.

Libro del infante Don Pedro de Portugal de Goméz de Santisteban. Ed. de Elena Sánchez Lasmarías. Memorabilia: n. 11, 2008.

TAFUR, Pero. **Andanzas y viajes de um hidalgo español**. Madri: Polifemo, 1995.

Obras de referência:

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (dir.) **História da vida privada 2:** da Europa feudal ao Renascimento. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AURELL, Martin. **La Noblesse en Occident: (**Ve. – Xve. Siècle). Paris: Armand Colin, 1996.

BARRADAS, Alexandra Leal. **D. Afonso, 4º Conde de Ourém** – Viagens , Cultura Visual e Formação de um Gosto. **Medievalista.** Número 2. 2006. Disponível em: < http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista2/ > Acesso em 6 de julho de 2010.

BARTHES, Roland, "Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine". In: **Annales ESC**, n.16, 1961.

BEJCZY, István. **La lettre du Prête Jean. Une utopie medieval**. Paris: Imago, 2001.

BETHENCOURT, Francisco e CHAUDHURI, Kirti (dir. E coord.). **História da Expansão Portuguesa:** A Formação do Império, v. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.

BOUCHON, Geneviève. **Le Voyage aux Indes de Nicolò de Conti (1414 – 1439)**. Paris, Chandeigne, 2004.

BRAVO GARCÍA, Antonio. "La Constantinopla que vieron R. González de Clavijo y P. Tafur: los monastérios". **Eryhtheia**, 3, 1983.

BRESC, Henri; TIXIER DU MESNIL, Emmanuelle (dir.). **Géographes et voyageurs au Moyen Âge.** Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010.

BROWN, Peter. **The cult of the saints: Its Rise and Function in Latin Christianity**. Chicago: University Press, 1982.

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006.

CHAREYRON, Nicole. **Pilgrims to Jerusalem in the Middle Ages**. New York: Columbia University Press, 2000.

COLLINS, Roger; GOODMAN, Anthony (org.). **Medieval Spain-**Culture, Conflict and Coexistance. Londres: Palgrave, 2002

CONTAMINE, Phillippe. **La guerre au Moyen Age**. Paris: Presses Univertaires de France, 2003.

CORREIA, Margarida Sérvulo. **As viagens do infante D. Pedro.** Lisboa: Gradiva, 2000.

COSTA, Ricardo. A mentalidade de cruzada em Portugal. In: **Estudos sobre a Idade Média Peninsular. Anos 90 -** Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, n. 16, 2001-2002.

CRISTOVÃO, Fernando (Coord.). **Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias**. Lisboa: Cosmos, 1999.

DUARTE, Luís Miguel. **D. Duarte: Réquiem por um rei triste**. Lisboa: Temas e Debates, 2007.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Idade Média, idade dos homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O cavaleiro, a mulher e o padre**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

_____. **O domingo de Bouvines.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ESTRADA, Francisco López**. Libro de viajeros hispánicos medievales**. Madrid: Laberinto, 2003.

FABIÉ, Antonio Maria. **Viajes por España**. Madri: Aribau e Compañia, 1879.

FERRER I MALLOL, María Teresa. **Corsarios castellanos y vascos en el Mediterraneo medieval**. Barcelona: CSIC, 2000.

FLORI, Jean. Cavalaria. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval.** Bauru: Edusc, 2006.

_____. **Chevaliers et Chevalerie au Moyen Âge**. Paris: Hachette Littèratures, 1998.

FONSECA, Luís Adão da. **O Condestável D. Pedro de Portugal**. Posto: INIC, 1982.

FOURQUIN, Guy. **Senhorio e Feudalidade na Idade Média.** Lisboa: Edições 70, 1987.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Peregrinos, Monges e Guerreiros**. São Paulo: Hucitec, 1990.

GERRITSEN, Willem. **A dictionary of medieval heroes.** Woodbridge, UK : The Boydell Press, 1998.

GENICOT, Leopold. Nobreza. In: LE GOFF, Jacques ; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006.

GENICOT, Leopold. **El espíritu de la Edad Media**. Barcelona: Ariel, 1963.

GODINHO, Vitorino Magalhães. **Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar**. Lisboa: Difel, 1990.

GOMES, Rita Costa. **A Corte dos reis de Portugal no final da Idade Média**. Lisboa: Difel, 1995.

GUENÉE, Bernard. **O Ocidente nos séculos XIV e XV** – Os Estados. São Paulo: Edusp, 1971.

HOLMES, George. **Europa Medieval:** Hierarquia e Revolta 1320-1450. Lisboa: Presença, 1984.

HOWARD, Donald R. **Writers and Pilgrims. Medieval Pilgrimage, Narratives and their Posterity**. Los Angeles: California Press, 1980.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. Lisboa: Ulisséia, [19--?].

IRADIEL, Paulino; MORETA, Salustiano; SARASA, Esteban. **Historia medieval de la España cristiana**. Madri : Cátedra, 1995.

KAEUPER, Richard. **Chivalry and Violence in Medieval Europe**. Oxford : Oxford Press, 2001.

KEEN, Maurice. **La Caballería**. Madri: Ariel, 2008.

LABARGE, Margaret Wade. **Medieval Travellers: The rich and restless**. London: Phoenix, 2005.

LADERO QUESADA, Miguel Ángel. Linajes, bandos y parcialidades em la vida política de las ciudades castellanas (siglos XIV y XV). In. **Bandos y querellas dinásticas en España al final de la Edad Media**. *Actas Del Coloquio celebrado em la Biblioteca Española de París los días 15 y 16 de mayo de 1987*.París: Ministerio Español de Asuntos Exteriores, 1991.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (org.). **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa.** Lisboa: Caminho, 1993.

LE GOFF, Jacques. Rei. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006.

_____. **A civilização do ocidente medieval.** Bauru: Edusc, 2005.

_____. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.

LE GOFF, Jacques ; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval.** Bauru: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques (dir.). **O Homem Medieval.** Lisboa: Presença, 1989.

LIDA DE MALKIEL, María Rosa.**La Idea de la fama em la Edad Media Castellana**. México: FCE, 2006.

LOYN, H. R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MACKAY, Angus. **La España de la Edad Media**. Desde la frontera hasta el Imperio (1000 – 1500). Madri: Cátedra, 1991.

_____. **Society, Economy and Religion in Late Medieval Castile**. Londres: Variorum Reprints, 1987.

MARKHAM, Clements. "Introductory life of Timur Beg" pp. XI – LVI. In. CLAVIJO, Ruy Gonzalez. **Narrative of the embassy of Ruy Gonzalez de Clavijo to the court of Timour, at Samarcand**. Londres: Hakluyt Society, 1859.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença (Coleção Nova História de Portugal), 1987.

_____. **A sociedade medieval portuguesa**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971.

MARQUES, José. **Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

MARTIN, Hervé. **Mentalités mediévales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

MATTOSO, José. A guerra civil de 1319-1324. In: **Estudos de história de Portugal**. v. 1, Séculos X-XV. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

_____. **A nobreza medieval portuguesa**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

_____. **Portugal medieval**: Novas interpretações. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

_____. **Fragmentos de uma composição medieval.** Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

MATTOSO, José (dir. e coord.). **História de Portugal**: A monarquia feudal, v. II. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MERCADAL, J. G. **Viajes de Extranjeros por España y Portugal-** Desde los tiempos mas remotos, hasta fines del siglo XVI.

MEREGALLI, Franco. "Las memorias de Pero Tafur". **Dicenda,** 6, 1987.

MITRE, Emilio. **La España medieval. Sociedades. Estados. Culturas.** Madri: ISTMO, 1994.

MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). **Mudanças e rumos:** o Ocidente Medieval. Cotia: Íbis, 1997.

MONSALVO ANTÓN, José Maria. **La baja edad media em los siglos XIV-XV.** Madri: Sístesis, 2005.

MORENO, Humberto Baquero. **Exilados, marginais e contestatários na sociedade portuguesa medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

_____. **Os portugueses na Catalunha no reinado de Pedro, o Condestável**. Porto: Universidade do Porto, 2006.

O'CALLAGHAN, Joseph. **A history of medieval Spain**. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

OHLER, Norbert. **The Medieval Traveller**. Southampton: Boydell Press, 1989.

PAREDES MIRÁS, Maria del Pilar. **Mentalidade nobiliária e nobreza galega.** Galiza: Toxosoutos, 2002.

QUELLER, Donald. **The Office of Ambassador in the Middle Ages**. Princeton: Princeton University Press, 1967.

QUINTANILLA RASO, Maria Concepción. **La nobleza señorial em la corona de Castilla**. Granada: EUG, 2008.

REGNIER-BOHLER, Danielle. Exil et retour: la nourriture des origens. **Médiévales**. Vol 2, Número 5. 1983.

RICHARD, Jean. **Les récits de voyage et de pèlerinage**. Tunhout : 1981.

_____. **Orient et Occident au Moyen Age: Contacts et relations (XIIe – XVe)**. Aldershot: Ashgate, 1976.

_____. **Histoire des Croisades**. Paris: Fayard, 1996.

RIQUER, Martin. **Caballeros andantes españoles.** Madri: Espasa-Calpe, 1967.

ROGERS, Francis. **Quest for eastern christians**. Minneapolis: University of Minessota Press, 1962.

ROGERS, Francis. **The travels of Infante D. Pedro of Portugal**. Cambridge, Harvard University Press, 1961.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

RUIZ, Teófilo. **Las crisis medievales (1300-1474)**. Barcelona: Crítica, 2008.

ROUX, Jean-Paul. **Les explorateurs au Moyen Age**. Paris : Seul, 1961.

RUIZ, Teófilo. **Las crisis medievales (1300-1474)**. Barcelona: Crítica, 2008.

SANCHÉZ ALONSO, B. **Historia de la historiografia española**. Madri: CSIC, 1947.

SARAIVA, António José. **História da literatura portuguesa**. Lisboa: Publicações Europa - América, 1965.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa.** Porto: Porto Editora, s/d.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Publicações Europa-America, 1989.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal:** 1080-1415**.** Lisboa: Editorial Verbo, 1995.

SHARRER, H. L. "Evidence of a fifteenth-century Libro Del Infante Don Pedro de Portugal and its relationship to the Alexander cycle". **Journal of Hispanic Philology**, vol. I, Santa Bárbara, Universidade da Califórnia,1977.

SILVA, Victor Deodato da. **Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1990.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. **Historia de España**. Madri: Gredos, 1978.

_____. **Nobleza y Monarquia:** Entendimiento y rivalidad . El proceso de la construcción de la corona española. Valladolid: Ed. de Valladolid, 1975.

TOVAR, Joaquim Rubio. **Libro españoles de viajes medievales**. Madri: Taures, 1986.

Viagens de Jean de Mandeville. Tradução de Susani Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

VALLEJO, Eduardo Aznar. **Viajes y descubrimientos en la Edad Media**. Madri : Síntesis, 2007.

VERDON, Jean. **Voyageur au Moyen Age**. Paris: Librarie Académique Perrin, 1998.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história.** Brasília: Ed. UnB, 2008.

ZINK, Michel. Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **La Medida Del Mundo** - Representatión del espacio en la Edad Media, Madrid: Cátedra, 1994.